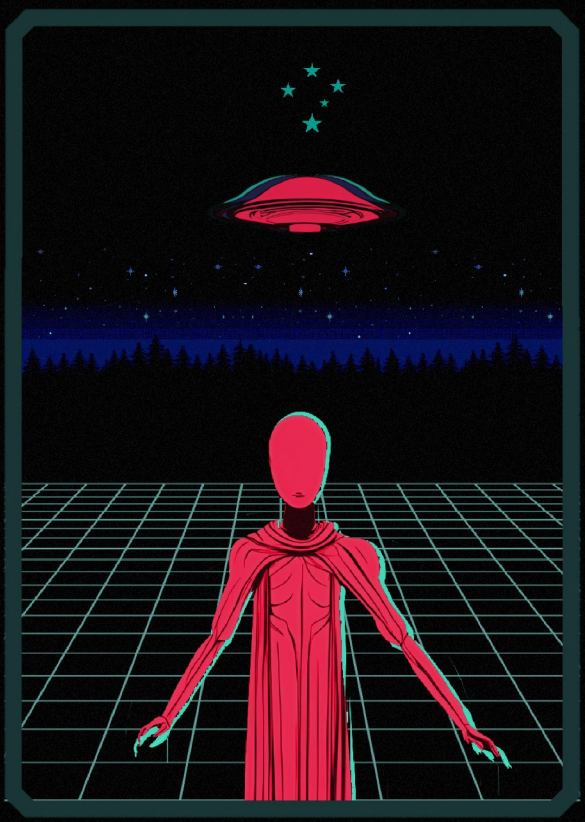
O Estranhamento de Humanidades Inumanas

Augusto Busck



O ESTRANHAMENTO DE HUMANIDADES INUMANAS

Augusto Busck

Mallet – Paraná

2024

Copyright © Augusto Busck

Todos os direitos reservados.

Título Original

O Estranhamento de Humanidades Inumanas

1ª Edição

Criado no Brasil.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Busck, Augusto
O estranhamento de humanidades inumanas / Augusto Busck. -- Mallet, PR : Ed. do Autor, 2024.

ISBN 978-65-01-15533-3

1. Esoterismo 2. Mistério 3. Mitologia 4. Ufologia I. Título.

24-227814 CDD-001.942

Índices para catálogo sistemático:

1. Ufologia 001.942

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

SUMÁRIO

Prefácio.....6
Introdução.....11
A Sombra.....12
A Linhagem de Caos.....22
Sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais e todas as feras da terra.....31
Liquidando as barreiras do Empíreo.....45
O Outro Espacial ou Transmigrando Infernos e Céus.....49
Entre Haunebus e Registros Militares: Desatando um Nó.....60
Os Sussurros do Homem Mariposa.....74
O Estranhamento de Humanidades Inumanas: Eles Estão Aqui 81
Contatos Intermediados de Quinto Grau.....90
A Realidade é um Sonho.....138
Palavras Finais.....152
Apêndice - As Doutrinas do Invisível.....160
REFERÊNCIAS.....167

Prefácio

O texto que vos apresento é de natureza peculiar e sua criação parte de uma distante origem. Desde criança, mantenho o fascínio pelos aspectos ocultos da existência, desde os tempos em que pegava estranhos livros da biblioteca do meu pai e me debruçava sobre temas sobrenaturais e ufológicos, figurando mil mundos misteriosos compostos por seres do espaço, demônios e anjos. Costumava, já com cerca de oito anos de idade, comprar edições de revistas ufológicas nacionais e me deter por horas sobre aquelas matérias que pouco entendia, alimentando minha mente com as ilustrações que acompanhavam os textos. Causavam-me medo visceral os relatos de abdução em que seres adentravam nas alcovas isoladas do nosso sono para levar as pessoas até suas supostas naves espaciais. A mente infantil transitava por uma mitologia muito própria alimentada pelos materiais que tinha acesso e pelos relatos do meu próprio pai, de conhecidos e do meu avô que, todo domingo após o almoço, em seu sítio, contava ao redor do fogão à lenha as experiências impossíveis que tivera. Homem sério e forjado na lida dura do campo, jamais vira alguém pondo em dúvida qualquer detalhe dos seus relatos.

Meu pai, professor de história e profundamente católico, era ligado ao aspecto sobrenatural do mundo. Como incentivo educacional, fazia questão de que tivéssemos em casa alguma TV por assinatura para que, na minha infância, pudesse assistir documentários e me educar em várias áreas do conhecimento. Apesar de realmente a iniciativa ter servido a tal propósito, a verdade é que boa parte do que eu assistia, por opção própria, era do domínio do mistério. Passava horas assistindo à programação do antigo Canal Infinito – canal latino americano focado em fatos sobrenaturais e esoterismo – assim como outros programas como Animal X, que me apresentou à criptozoologia. Esse ambiente doméstico serviu marcadamente na constituição de meus interesses no oculto, fagulha que nunca se apagaria no decorrer da minha vida.

A infância foi atravessada por experiências de cunho misterioso, muitas provavelmente provenientes do espírito confuso da fase que mistura as projeções inconscientes com os dados da realidade – sem que isso deva, propriamente, desmerecer a possibilidade de que algo real permeasse aqueles acontecimentos. As paralisias do sono eram frequentes, resultando em várias noites de profundo terror e visões traumáticas. Apesar do assombro inerente às experiências, toda essa tendência assinalou aquele tempo como profundamente significativo.

Passada a era mágica da infância e de seu jardim habitado por elusivas presenças, esse senso de mistério seguiu permeando os interesses e acompanhando o estudo de diferentes disciplinas como a psicologia e a filosofia. Meu interesse inicial na psicologia foi Jung, justamente pela dimensão "espiritual" de sua obra, e o estudo de filosofia sempre pendeu para essa dimensão silenciosa que costuma correr ao lado de várias obras. Foi dessa peculiar fusão que, em algum momento, esse texto passou a ser cultivado, tornando-se fruto de uma inusitada combinação de fatores.

Meu interesse na psicologia e filosofia ou mesmo em outros variados campos não costuma se dar como um estudo linear e metódico em sentido acadêmico. Antes, tem relação com o sabor do vento ditado pelos interesses momentâneos e as tendências já consteladas no horizonte do meu ser. Isso se percebe nas referências um tanto dispersas que passam por Heidegger, Jung, Nick Land, Wittgenstein, psicanalíticos, neoplatônicos e pesquisadores dos temas ufológicos. Tal relação pode soar como um processo de *cherry picking* para muitos, e isso seria compreensível. Contudo, há que se entender que esse texto não surgiu de um intento premeditado de estudar determinado tema exaustivamente, e sim de um processo lento e natural que foi relacionando trechos de leituras que fazia seguindo o próprio interesse a cada vez, buscando livros que atraíssem minha atenção sem pensar especificamente na carga que teriam nesse assunto (com exceção de alguns textos como os de John Keel, Jacques Vallée e

David Webb), mas sendo essa atenção já previamente condicionada pelo vetor que possibilitaria o texto que aqui apresento. Assim, a intenção nunca foi de selecionar as *cerejas* apropriadas para então alcançar meu objetivo. Antes, o processo se assemelha a um passeio pela floresta onde, durante o caminhar, a visão se depara com diferentes atrativos que capturam a atenção e depois compõem um único relato.

Repito seguidamente ao longo do texto que ele não se trata de uma investigação científica: carece de rigorosidade para tal. Jamais busquei algo semelhante. Também não se trata de uma investigação filosófica de fato, e mesmo em termos de psicologia não passaria do domínio **especulativo**. Não se pretende ultrapassar a barreira especulativa. Em vários momentos, toma-se de uma licença quase poética para citar filósofos em meio a ecos de contextos estranhos envolvendo conceitos metafísicos diversos que, muito provavelmente, não seriam bem-vindos pelos autores citados. O traço especulativo deste texto, que se assemelha a um passeio por várias regiões do pensamento e do inconsciente, permite, justamente fazer ousadas reuniões em seu corpo. Evocar a rostidade deleuze-guattariana para falar do rosto nos encontros com seres misteriosos, mencionar o *dasein* heideggeriano em hierarquias da realidade dos neoplatônicos ou mesmo estender a ideia junguiana de Sombra até os confins da vida; tudo se torna possível dada a natureza de fantasia que costeia os parágrafos.

Essa mesma liberdade do texto permite um tipo de abordagem bastante ligeira. Infelizmente, ela assume alguma familiarização prévia do leitor com alguns temas ou o interesse em pesquisar certos conceitos que são mencionados, mas não exaustivamente explicados. Acredito que a leitura se tornaria cansativa e perderia a essência de buscar o mistério caso se detivesse demasiadamente em alguns conceitos filosóficos mencionados. Prosseguindo dessa maneira, em poucas páginas se torna possível cobrir com abrangência territórios específicos para, ali, erigir algum tipo de construção mental que serve ao propósito

desejado. Ao fim do livro, incluí, como apêndice, o texto *As Doutrinas do Invisível*, sendo este um texto inspirado pela própria intuição do que todo o mistério dos fenômenos abordados comunica a mim.

A origem do presente esforço textual veio do pensar em um terror existencial que configuraria um encontro com *humanidades inumanas*, pensando neste termo, primeiramente, para assinalar seres de natureza humanoide que estariam radicados em outros mundos onde todo nosso arcabouço psíquico não teria relevância, onde outras organizações teriam sido formadas, sendo estas de total estranheza à nossa constituição como humanos ou mesmo seres terrestres. Esse primeiro pensamento se deu no ano de 2019 e, lentamente, sofreu uma expansão em várias direções: partindo primeiramente da hipótese de procedência extraterrestre de entidades encontradas pelo homem até o mundo dos mitos, dos elementais e as estranhas possibilidades que poderiam explicar a natureza desses seres que preenchem bestiários, grimórios, relatos de ufologia e a própria mitologia. O tema se emaranha profundamente com a visão-de-mundo moderna, estipulando a possibilidade desta influenciar a forma como um mesmo fenômeno desconhecido se apresenta sob novas roupagens ao homem. De início, acreditava que essa direção que tomava era bastante inédita, mas, no decorrer do texto e com mais leituras, percebi que os primeiros passos nessa direção já haviam sido dados por autores como John Keel, Jacques Vallée e Whitley Strieber.

Em primeiro lugar, o texto percorre elaborações dentro da psicologia e filosofia para abordar a alteridade, partindo para a mitologia e as produções operantes no campo do outro. Fala da animalidade na alteridade, da personificação de conceitos dentro da mitologia e, então, da modernidade e da produção mitológica dentro da mesma. Tratará de ufologia, ocultismo, teorias de conspiração, possibilidades extraterrenas e outras diversas para abordar um mesmo fenômeno. Este fenômeno que surge diante do texto parece englobar uma série de outros e caminhar junto ao homem desde seu jardim-de-infância terreno, reunindo em si aspectos da ufologia, esoterismo,

religião, sonhos, assombrações e toda região em que, de forma ou outra, surge o encontro sinistro com um *outro* misterioso e elusivo; com alguma presença que parece ser diferente do homem e, ao mesmo tempo, portadora de alguma fagulha misteriosa que a faz semelhante em algum nível.

Finalizado em 2024, *O Estranhamento de Humanidades Inumanas* pode ser visto, ainda, como um estudo do terror. Um estudo dos elementos que apavoram o homem durante sua história. Inicia-se do pensamento de que o pavor, o terror, tem uma origem dada no inconsciente e que não é aleatória ou simplesmente vinculada a uma noção de perigo existencial, mas a muitas variáveis que maquinam num inconsciente móvel. Para falar desses fatores, optou-se pelo termo *nefando*, como se fosse uma oposição ao *inefável*, comumente utilizado em um contexto sublime. Se o inefável está *além* das palavras, para lá do muro da linguagem, o nefando é aquele do qual não se pode falar por evocar o horror. Assim, toma-se liberdade para usar o termo para abordar esse reino que está além da linguagem, além das nossas capacidades propositivas racionais, além da nossa abertura como seres, de modo que sempre surge para nós em aspectos inexplicáveis e estranhos. O reino do nefando abriga um *outro*, e a natureza desse *outro* que surge em pesadelos, encontros imediatos, avistamentos, e experiências de consciência alterada parece só ser possivelmente vislumbrada, neste momento, através de uma primitiva xenologia, de um estudo do estranho, do que vem de *fora*. Assim, *O Estranhamento de Humanidades Inumanas* é um convite para bater no escuro às portas do nefando, esperando, ao mesmo tempo, que não haja uma resposta ou que, surpreendentemente, uma inesperada voz responda do outro lado, sussurrando algo desde o *fora* da realidade.

Introdução

A fina lâmina da alteridade perfura o âmago de diferentes níveis de existência, infligindo em cada um deles uma dor diferente que fere desde a nossa superfície dérmica sensível até as intensidades duvidosas e oscilantes da alma. Em todas elas, a dor de experimentar o que é outro e que desafia a nossa garantia de comodidade, esta ficção tão frágil que fantasiamos desde a perda do paraíso intrauterino ou de algum outro reino insondável além do véu rubro que cobre o mundo. A direção deste texto intenta penetrar em faixas desabitadas do conceito, de maneira que o trabalho imaginativo e toda a sequência de imagens evocadas sirva à tarefa de desvelar sentidos mais profundos e pouco explicáveis sobre a alteridade, mesmo que através de seu exagero ou hipostasiação em terríveis especulações. A tortuosa direção que se segue percorre mais a trilha do nefando que do inefável, mais do pesadelo que do sonho. Uma senda aberta em direção a alguma xenologia que costeie um objeto sem forma permanente, uma entidade cósmica cuja morfogenia permanece enredada por sinfonias dissonantes do universo pelo homem imaginado.

Especifica-se a direção do texto em lugar de sua tarefa ou de alguma meta a ser alcançada, pois, de tudo isso, radicalmente, nada se pode dizer, há que se calar. Nisso, reconhece-se também que o silêncio permite que em si habitem pavores, terrores noturnos, resquícios cósmicos de traumas imemoriais, coisas das quais positivamente nada pode ser elaborado. De todo esse terreno obscurecido pelas brumas do não-ser, nada se fala, apenas se mitifica, tal como fizeram os antigos ao falar de todas essas mesmas coisas, trazendo, com o Dom da Palavra, o mistério – e nunca mais que ele – do *outro* para a clareira do ser.

A Sombra

Para desenrolar do tema da alteridade, primeiramente, há que se esclarecer o "outro" à luz da Sombra*, isto é, associado ao inconsciente pessoal. O conceito de Sombra invade a psicologia moderna com o trabalho do suíço Carl Gustav Jung, o que assumo já ser de conhecimento geral. A Sombra faz presente ao ego tudo o que o indivíduo não reconhece em si, o que se traduz, dentro da sensibilidade, com certo incômodo no sujeito que é obrigado a encarar, na sua Sombra projetada em outrem, os traços inferiores que não são aceitos por si em si (JUNG, 2002a). Whitmont (2012) ressalta a íntima associação da Sombra com o fenômeno projetivo realizado sobre a figura do outro através da atribuição de características a terceiros, sendo que estas não são, necessariamente, correspondentes à realidade deles, mas características que afetam de alguma forma aquele que projeta os conteúdos negativos neles. Por exemplo, em razão de uma agressividade ou mesmo de uma combatividade reprimida na infância, a pessoa passa a enxergar essa agressividade em outras pessoas que não estão, de fato, agindo com este propósito; ela está projetando, nessas pessoas, um aspecto que reprimiu em si na infância e que, por isso, tem dificuldade de aceitar como próprio.

Apesar de, teoricamente, o conceito corresponder ao inconsciente pessoal – lá onde se depositam os traumas e as cargas acumuladas ao longo da vida individual –, a Sombra também coloca seu pé para dentro do reino da coletividade. Coletivamente, pode-se ver a Sombra operando seus mecanismos quando, por exemplo, elege-se algum bode expiatório dentro de uma sociedade para pagar pelos pecados que não cometeu. Marie-Louise von Franz (1969) exemplifica ao mencionar a possibilidade de que a imagem da pessoa negra pudesse servir à personificação de conteúdos inconscientes do homem

* Optou-se por usar a palavra em maiúsculo para se referir à concepção junguiana em específico.

branco, que projetaria sobre tal imagem seus impulsos primitivos e forças arcaicas. Este fenômeno provavelmente seria mais evidente em estágios iniciais de contato entre diferentes grupos. Observações correspondentes poderiam ser traçadas em outras relações interculturais. Dentro dessa lógica, também pode se falar em perseguições étnicas e nos instrumentos culturais aos quais recorrem, fazendo do inimigo um recipiente vazio para ser preenchido coletivamente por uma Sombra através de propaganda. Essa seria uma das formas como a Sombra poderia ser envolvida a nível coletivo dentro das relações políticas e sociais, sendo algo de frequente ocorrência.

Entrando em termos de desenvolvimento, a Sombra é vista como parte da personalidade que foi reprimida em nome de um ego ideal com ajuda de modelos sociais impulsionados pelos pais; o errado e o mau são reprimidos enquanto se promove o que é tido como bom pelos modelos sociais aplicados sobre o indivíduo. Então, sempre seguindo seu senhor, cuja silhueta lhe produz, a Sombra, constituída dos conteúdos reprimidos ao longo da vida, arma sua visão com o poder da projeção, agindo sempre onde a consciência é falha e hesitante. Onde a luz da consciência não consegue incidir, a Sombra se apressa em seu julgamento. Ela habita o sombrio e o ctônico e escapole entre o discurso controlado humano em suas entrelinhas na forma de lapsos, julgamentos desproporcionais e o obnubilar do campo do outro, tanto no sentido do outro enquanto outro como da própria imagem tida como alteridade deformada pela Sombra.

Não há aqui intenção de permanecer no que já foi dito nos livros sobre a Sombra, mas de apenas elaborar brevemente seu conceito para poder seguir em frente. Assim, a Sombra, da forma que foi apresentada até agora, corresponde ao inconsciente pessoal, tendo também implicações coletivas no domínio cultural. Contudo, seu trabalho de integração pessoal sempre se dá a nível pessoal e não coletivo a uma só vez. Poderia se dizer que o fato de ela adentrar no domínio coletivo e permanecer sendo pessoal implica no que é

reprimido a nível individual a partir do coletivo, das pressões sociais e dos ideais de ego promovidos com maior frequência; e é aqui que o conceito começa a penetrar mais fundo e dizer respeito às coisas raramente ditas.

A relação da Sombra com a alteridade é mais que óbvia. Apesar de variar de intensidade, a Sombra sempre está presente nas trocas efetuadas entre sujeitos dentro da linguagem. A própria aceitação do outro deve, assim, passar por um filtro de Sombra, por um olhar mais ou menos atento daquela que sempre segue o homem. Relacionar-se é dar espaço à Sombra, ser-com-os-outros é permitir à Sombra existir em sua dinâmica. Esse acontecimento é guiado pelas diretrizes do inconsciente.

É oportuno fazer pequena incursão nos textos de Baudrillard para ampliar um pouco mais a noção de sombra, já transgredindo as barreiras do conceito como colocado por Jung. Em Baudrillard, o conceito de alienação em muito corresponde ao que se expressa aqui como sombra. No entanto, antes, há que ser feita breve exposição da alienação em Marx. Procedendo do latim *alienatio*, que podia significar, entre outros, uma transferência de propriedade ou separação, expondo aqui de modo muito simplificado, o conceito é entendido por Marx em dois momentos distintos: Objetivação, quando a pessoa se objetiva, exteriorizando-se nos objetos que cria (algo que compõe o saber-fazer do sujeito) e Alienação, que configura o momento seguinte onde a pessoa deixa de identificar os produtos como obra sua. Os produtos não pertencem mais à pessoa por se tornarem "estranhos" a ela – estranhamento que se dá em âmbito econômico, psicológico ou social. Marx utiliza isso em sua teoria social e econômica, mas o sentido de alienação encontra-se à mão para uma série de outras implicações teóricas.

Em Baudrillard (1995), coloca-se a alienação como algo que não ingressa em circuito indiferente ou em um "mundo exterior" em relação ao qual o homem ficaria livre, apenas se dando por falta do que foi perdido. Seria ficção provinda de uma visão de alma separada do

mundo aquela que visaria um ser livre em foro privado daquilo que foi alienado de si; pois, assim, seria um ser que se mantém intacto diante da alienação, apenas "perdendo" aquele objeto. O autor diz que a alienação é mais profunda e que: "À parte de nós mesmos que nos foge, não lhe escapamos" (BAUDRILLARD, 1995). Ou seja, há uma *vingança* do objeto; tudo aquilo que foi alienado de nós não permanece separado, mas atrelado de modo próprio e, como uma sombra – que é justamente a imagem que Baudrillard usa ao citar um conto antigo –, persegue-nos. O que de nós foi vendido e esquecido – ou, ainda, voltando a Jung, "calado" – ainda compõe a personalidade, é o seu fantasma que persegue em caráter espectral. O homem alienado se torna inimigo de si mesmo e se revolta contra si mesmo.

A era do consumo seria a era da alienação radical, onde todas as possibilidades de relação estariam mediadas pela lógica da mercadoria – dos signos que se cambiam em valores de diferença, em imagens e modelos consumíveis. A produtividade implícita no processo de alienação retorna, como sombra, mediando todas as relações humanas, seus fantasmas e pulsões individuais dentro da lógica do produto. Se a alienação é radical, ela significa alienação do próprio ser, sendo a realidade do ser – que transparece na obra de Heidegger – esquecida e a relação do homem com o ser e com o mundo passando a operar dentro de uma lógica de objetivação e consumo que substitui o real por simulacros capitalizados. Não é o ponto do texto invadir mais o terreno da modernidade nesse sentido, mas é deixada aqui a reflexão: Se a alienação é radical, como se vingará do homem todo este alienado sombrio? Talvez a sombra, agora em nosso tempo, seja invisível, irreconhecível, e surja em comportamentos autodestrutivos ou até em saltos esquizofrênicos que variam entre picos e *flatlines* no monitor de sinais vitais do homem moderno em seu caráter sintomático.

Se todo o presente texto persegue a ideia de sombra enquanto o separado – negado – que permanece junto, que persegue e retorna, a alienação se torna de grande valor à investigação. A sombra, tal como a alienação na forma explicada, permanece na proximidade do ser,

seguindo-o e provocando tropeços à consciência, fazendo o homem digladiar contra si mesmo, ou contra o que nem se reconhece mais como parte humana, mas sim algo estranho que, secretamente e na sua estranheza, é o que de mais íntimo há. Não seria tão ousado intuir que, em tempos de alienação radical, o alienado pode surgir como algo sutil, sobrenatural, somático, que não encontra meios de ir à superfície pela linguagem. A civilização não se destrói mais por explosão, mas pela implosão, que encerra o mistério do alienado – não só em sentido mercadológico – devolvido à atualidade existencial nas formas mais inesperadas. Até onde essa possibilidade pode afetar mitos modernos e o entendimento mortal de alma e universo na atualidade é um questionamento que fica em aberto. Contudo, para os presentes fins, há que se investigar o conceito de sombra ainda mais fundo, ainda mais inconscientemente, regressando na filogênese.

Nise da Silveira (2001) aponta que, enquanto o discurso lógico do homem, guiado pelo princípio de "divisão", demarcou limites entre os "três reinos da natureza", ordenando vegetais, minerais e animais, o inconsciente sempre agiu de forma diferente. No inconsciente, toda essa demarcação vale muito pouco, pois não há barreiras intransponíveis entre esses reinos, sendo comum o próprio homem se sobrepondo ou se confundindo com a natureza dentro das produções do inconsciente. Essa metamorfose do humano e da própria natureza – coisa que vira outra, pedra que vira gente, planta que fala, demônios compostos de pedra, homens revestidos pelo fogo – estaria, segundo a autora, em todas as áreas da produção imaginativa humana, possuindo profundo significado psicológico. Essas metamorfoses talvez implicassem num laço secreto que uniria todas as coisas: pedras, vegetais, animais, homens e Deus ou, quem sabe, também dariam uma configuração a aspectos sombrios da psique transformados em imagem. Nise deixa em aberto. Ao elaborar a questão da Sombra, o presente texto segue essa deixa de Nise, mas se orientando pelo aspecto sombrio, que levanta um específico determinante projetivo. Em que sentido surgiria essa metamorfose entre os elementos dentro

do sombrio? Estariam guiadas por repressões profundas no homem? Poderiam estar associadas à evolução da espécie ou à constante contemplação dos entes ao longo da história? Haveria símbolos e signos ocultos na criação, como que sinais divinos e nefastos que transmitiriam conteúdos especiais em sua apresentação?

A Sombra sempre é pensada em sua relação com o humano, agindo a nível individual dentro da espécie. Porém, para ir além, até um encontro mais profundo e traumático com a alteridade, deve-se penetrar em outras dimensões diferentes dessa relação. O que aqui se propõe é uma espécie de salto do indivíduo para a espécie, naquela velha tentativa de recapturar a filogenia na ontogenia. Partindo de bases humanas gerais arquetípicas, evolutivas e circunstanciais, deve-se ter em mente que aquilo pelo que se opta ao se tornar *humano* (historicamente ou individualmente) implica em certa medida de construções sociais e, também, de constructos radicalmente humanos, que são condições a nós invisíveis e que constituem originariamente nosso modo-de-ser enquanto presença no mundo. Também se incluem na segunda categoria sensações primordiais, modos de desvelamento, tudo que compartilhamos enquanto humanos e que nos colocam algum nível de segurança diante do outro humano que é portador dos mesmos signos e que pode ser reconhecido como membro da mesma espécie. Há aí um grau de proximidade entre sujeitos irmanados dentro de um mesmo ramo vital do mundo. Ademais, em níveis mais profundos e inexplorados, ainda poderia ser avaliado o que compartilhamos com mamíferos, répteis e seres de outra ordem, sempre implicando num nível de *abrigo* na semelhança ou de estranhamento na alteridade dentro-do-mundo.

Tudo que escapa em algum grau desses reinos da semelhança, tudo que é reprimido ou escamoteado contará com alguma autoridade dentro da sombra, que determinará a alteridade como experiência do estranho, desagradável, incômodo e nefando. É nessa área bizarra à qual as palavras não têm acesso que se arquitetam imagens de humanidades inumanas: a possibilidade de ver no humano algo de

inumano e amedrontador, ou, ainda, de sondar as possibilidades do terror cósmico onde, em algum momento evolutivo, em algum lugar, na *escolha-do-ser* algo optou por tudo que não fosse humano ou, indo mais longe, por tudo que não fosse terrestre, revelando um completo desolamento universal e obliteração da sensibilidade humana. Mais do que aquilo que é reprimido em si e que se reconhece em outro por ação do inconsciente pessoal, falo daquilo que só se pode reconhecer em si como falta radical[*] e que causa espanto mesmo dentro de uma mera imaginação direcionada ao inumano ou ao que é estranhamente humano e ainda se anuncia misteriosamente como *outro* sem que compreendamos o porquê. Em palavras mais simples, a Sombra é composta por aquilo que reprimimos nos primeiros passos do nosso crescimento individual, quando lutamos para sair do estado de *participation mystique*, assumindo uma posição no mundo, que é parte do que *escolhemos* ser, sendo que o que *escolhemos não ser,* através da repressão, fica depositado na Sombra. Entretanto, a ideia exposta neste parágrafo trata de ampliar esse conceito ao nosso terror da Sombra, recapturando-a na filogenia: para o homem ser o que é como espécie, também teve suas *escolhas* em nível evolutivo, mesmo que guiadas pelo instinto, pelo acaso ou por ordens arquetípicas insondáveis que o colocaram na trilha de *ser o que é* e não *alguma outra coisa*. Tal como a Sombra, individualmente, suscita certas reações, a ideia de algum ser que assuma o que reprimimos como espécie, poderia evocar no homem semelhantes reações em dimensões mais viscerais e correspondentes à filogênese.

No presente momento de reflexão, já não se está mais dentro do conceito de Sombra esboçado por Jung. A Sombra, como já explicado,

[*] Não no sentido psicanalítico de "falta", mas do estranhamento que faz com que o ente *estranhado* seja reconhecido como coisa totalmente alheia, estranha e composta por elementos que não existem no sujeito, um *total diferente* que parece se situar num extremo da alteridade; tudo que constitui o estranho ente parece faltar ao sujeito. Algo que se traduza à psique como diferença total.

diz respeito ao inconsciente pessoal mais que qualquer coisa, sendo formada dentro da evolução como personalidade. O ponto em que se chegou já não cabe dentro do conceito apresentado, mas de alguma coisa a mais, algo estruturante que ignora tudo aquilo que não se estrutura, reprimindo-o baixo a uma crosta traumática. O conceito de Sombra da psicologia analítica responde ao que é estruturado numa repressão eletiva individuativa dentro do inconsciente pessoal, porém, seu mecanismo de repressão do não-admitido, de marginalização da alteridade sob um signo de trevas e trauma, talvez seja mais primordial, podendo ecoar tendências muito mais primitivas.

Nick Land (2011) reformula a ideia de uma ontogenia que recapitula a filogenia fazendo com que se retransmita, através do biológico, um trauma cósmico primordial. Fala-se então em geotraumática. Um uivo cósmico que se estende pelos milênios através de toda criação, fazendo-se ouvir como lamento de dor, em última consequência, através da nossa própria linguagem. Em uma noção transcendental de inconsciente, incluir-se-iam eventos cósmicos antigos que se repetiriam traumaticamente em extensões de tempo incompreensíveis às nossas curtas vidas.

Há 4.5 ou 4 bilhões de anos atrás, a Terra se manteve em estado de escória derretida em elevadas temperaturas devido à conversão de impactos planetesimais e meteóricos em aumento de temperatura. Com o declínio de taxa e força das colisões, resfriou-se a superfície terrestre, mantendo-se aquecido seu núcleo sob uma casca de crosta, sendo que o núcleo serviria como *locus* isolado do trauma primordial, assim como motor geocósmico de transmutação terrestre, ardendo constantemente em temperatura próxima à da superfície do Sol (LAND, 2011). Os equivalentes psicológicos com esta elaboração de Land são bastante evidentes, fazendo pensar em algum tipo de inconsciente anorgânico repercutindo pela vida (ζωή) e uma mecânica traumática enquanto forma de organização através da estruturação como trauma e repressão.

Com base em Deleuze e Guattari, Land (2011) fala de um *inconsciente maquínico* com tendências de fuga por uma topografia moldada por níveis de dor e limiares de escape; quando algo se estrutura como memória, experiência e dados num processo secundário, para o processo primário o que há é dano, cicatriz e dor. Aqui se pensa em estruturação como evento traumático, convocando uma clínica estrutural ao primeiro plano: o neurótico e o psicótico psicanalíticos se debatendo cosmicamente entre estruturação e liberação esquizofrênica. Seja neurótico ou psicótico, trata-se sempre de uma estruturação de defesa contra a demanda do outro, ambas surgindo de uma reação diante de uma ameaça do outro (CALLIGARIS, 1989). A colocação implica em um grau de trauma, de ameaça estruturante. Porém, dentro desta corrente de pensamento, a neurose, que ainda seria o sintoma social dominante, advém de uma circunstância traumática de castração (em sentido psicanalítico), da qual careceria o psicótico, de modo que ambos apresentam diferentes estruturas, sendo o neurótico *mais estruturado* que o psicótico por apresentar a diferença da castração, coisa que se intui do próprio nome dado a ele. Nota-se assim que, mesmo nesses casos de formação individual do sujeito, seja dentro de uma estrutura neurótica ou psicótica, já estaria recapitulada a estruturação como evento associado ao trauma; se não na castração, em algum outro nível.

Por essa via, há como que um conjunto de repressão no encadeamento do que se engendra no mundo. Desde as células à linguagem, a estrutura reserva um núcleo traumático do que não foi estruturado e se deixou na condição de reprimido. Por conseguinte, cabe a pergunta: que outras dimensões de alteridade não poderiam ainda ser vislumbradas em mergulhos cada vez mais profundos e antigos nessas escalas de repressão postas diante da nossa demasiada humana percepção? Cthulhu, que aguarda em R'lyeh, passa a surgir como o nefando que se inscreve num tempo transcendente e que aguarda pacientemente o colapso das estruturas consolidadas para invadir o minúsculo mundo do homem com o cataclismo mais

originário de todos. Assim, seus tentáculos psíquicos não erigiriam mais cultos religiosos, mas uivos aterrorizantes de dor pela cultura através das vozes de poetas malditos e de sistemas de informação, convocando a coroação da loucura em todos os corações.

Apesar de a Sombra não ser o processo original dessa repressão, sua atuação, em termos estruturais, não fica distante de uma repressão traumática; mais sutil e sistematicamente posterior, talvez, mas ainda ecoando o lema da estruturação como encadeamento ôntico ou ontológico. O confronto com o reprimido, que é sempre o *outro*, provoca rupturas no ego, incômodos em sua superfície o desafiando com algo que, procedendo de algum fundamento primordial igual, *optou* por ser diferente, atiçando sob a crosta do ego o inquieto núcleo do que foi reprimido com o trauma da escolha e conforme a arquitetura de alguma estrutura. Isso deve regredir, em termos psicológicos de Sombra, desde ao que provoca a personalidade até, reelaborando cosmicamente o conceito, às possibilidades mais absurdas de existência que, num mesmo universo, recusaram todas as afirmativas que, desde um trauma cósmico, levaram-nos a ser humanos ou terrestres. Deixa-se, aqui, de compreender a alteridade apenas em termos de *diferente* dentro de uma abrangência do inconsciente pessoal e se estende a ideia de sombra até níveis de constituição primários e empiricamente insondáveis onde se revela uma alteridade nefanda que já vem sendo invocada em vários dos seus níveis pelos mestres do terror e pelos grimórios e bestiários antigos. E esse horror inconsciente, simplificado frequentemente como *medo do desconhecido*, agora reaparece na figura de demônios vindos do espaço.

A Linhagem de Caos

É de interessante consideração para um mergulho inicial no que é *outro* considerar a questão da fealdade. Em que aquilo que é tido como feio invoca o incômodo sob a pele de quem o contempla? Brevemente, é possível retornar aos gregos para dar um ponto de partida à questão e para compreender diferentes visões daquele tempo sobre a natureza do que carece de *beleza*. O próprio cosmos seria, para eles, um mundo belo e ordenado. Nas Enéadas, Plotino (BARACAT, 2006) atribui a alma do cosmos a Afrodite, deusa reconhecida por portar atributos como amor e beleza, projetando um cosmos onde o movimento ascético para o bem e para o belo é caminho de individuação universal. O belo, ligado à proporção, verdade e bem é, quanto mais presente, mais uma indicação de manifestação superior de ser; formas mais puras e menos contaminada pelos acidentes do devir. Plotino defende que a alma, inclinando-se em certo nível para o material e para o que incide na sensação, contaminar-se-ia pelo inferior, adquirindo feiura pela adição do alheio. Assim, a tarefa no nível mais baixo da alma – alma inferior – seria purificar-se na direção do que lhe é anterior na progressão universal em direção ao Bem. O que há de feio na alma seria adquirido pela mescla com a matéria. Porém, é válido esclarecer que a ideia de matéria em Plotino é bastante particular e não corresponde ao entendimento geral de que ela denomina o que é corpóreo; para o autor, a matéria é o que carece de toda a forma, algo misterioso dentro do próprio texto, pois permite várias teorias para sua origem dentro do cosmos.

A matéria (ὕλη) permanece, dentro dessa concepção, como não-ser, como mal, uma privação total de virtude, beleza e mesmo de forma sensível ou inteligível, de qualidade ou vigor. Para melhor compreensão, a matéria, dentro do esquema de Plotino, é incorpórea. Baracat (2006) a coloca como o substrato sobre o qual as determinações inteligíveis flutuam, sem alterar sua constituição essencial, pois, mesmo que as determinações inteligíveis cheguem próximas dela, a

matéria não passaria de um cadáver adornado. Tal matéria, como um não-ente, não é um nada absoluto, mas algo distinto do ente. Ela permanece em um grau distinto e inferior a todo ente, uma imagem ou aparência de massa e anseio por existência substancial. Essa matéria refletiria as coisas que realmente existem, sendo ela um tipo de receptivo das imagens da realidade daqueles entes verdadeiramente existentes. A matéria, por não possuir ser, não participa do bem, ela *não existe*. Tendo em mente as hipóstases expostas por Plotino, que partem de maior perfeição à menor, temos o Uno em primeiro lugar, em seguida o Intelecto (Noûς) e a Alma. A Alma, dividida em superior e inferior, acaba, na sua parte mais baixa, inclinando-se à matéria e se contaminando. Quanto mais pura a hipóstase, mais participa do bem e do belo que, primeiramente, emanam do Uno. A maior contaminação pela matéria representaria um distanciamento do belo e do bom, entrando no domínio do não-ser.

Na Teogonia de Hesíodo (1995), conta-se que há três linhagens divinas, estando entre elas a de Urano e a de Caos. A primeira é caracterizada pela lucidez e inteligência, evocando uma natureza de ser, de manifestação, contra a do não-ser. A segunda diz respeito ao âmbito do não-ser, assim como das formas de violência e de forças negativas, destrutivas. No texto de Hesíodo, duas formas de procriação são demonstradas, sendo uma por união amorosa e outra por cissiparidade. Com exceção de Éter e Hemera (os únicos da linhagem que são "luminosos"), essa linhagem de Caos, pelo ramo de Nyx (Noite), produz-se através da cissiparidade. Enquanto a união amorosa é regida por Eros, a cissiparidade de Caos parece ser de outra natureza, sendo a própria palavra Caos relacionada ao verbo "abrir-se" ou "abrir a boca" (ou bico) enquanto Eros se relaciona com "amar". Enquanto Eros junta, o Caos, essa força partidária do não-ser, separa, divide. Um estudo mais profundo desses aspectos foi realizado por Jaa Torrano e pode ser visto no excelente texto que precede a tradução consultada de Hesíodo (1995). O que se deve notar aqui é o balanceamento entre ser e não-ser, assim como o maldito, sombrio e

destrutivo como aquele em que se ausenta o amor unitivo (associado também a Afrodite e à Alma), inaugurando um lugar onde há separação e algo de mau, onde viveriam, numa visão mais junguiana, aqueles conteúdos normalmente enviados à Sombra. O feio também carrega consigo esse estigma. Interessante também notar que Plotino associa as hipóstases da seguinte forma: Uno-Urano, Intelecto-Cronos e Alma-Afrodite. A feiura, ausência de belo, permanece como algo que contamina com o acidente do devir, ou daquela matéria negra informe – cadáver adornado –, ocultando a pureza, velando o ser com as lamas do não-ser, como se maculasse com sujeira a beleza cósmica de Afrodite-Alma.

Apesar de todas as implicações filosóficas que cercam cada termo envolvido aqui, quando se trata do belo, é assaz difícil desconsiderar a beleza como ideal na arte e na vida social. Há um entendimento de que a beleza também traduz algo de transcendente às nossas retinas. Logo, seja por herdarmos semelhante visão dos gigantes que construíram nossa civilização ou por ela constituir algo inato, a fealdade acaba por remeter a uma ausência de bem, a uma incursão reino do não-ser. Em síntese, dentro desse contexto o feio não é almejado, não é invocado e nem é agradável; ele faz parte da *sombra* sobre qual modelos mais puros pairam.

Carotenuto (2011), ao discorrer sobre o feio, cita como este vive na própria pele os aspectos monstruosos da vida, uma Sombra manifesta no corpo, expressando simbolicamente a rejeição da Sombra, que o coloca como uma espécie de "portador do mal". Carregando esse caráter de sombrio, o corpo feio permanece como constante provocação do outro, ameaça à integridade, um desafio aos elementos defensivos da persona. O autor convoca o termo "perturbador" usado por Freud para falar da feiura como coisa indefinida e obscura que solicita uma projeção de material inconsciente; o corpo feio como imagem ansiógena que provoca reações de defesa e embaraço, como um fantasma da própria agressividade, fazendo com que se projetem os aspectos da Sombra em primeiro plano. Carotenuto ainda relaciona

essa presença do feio com os grupos infantis onde as crianças gordas, feias ou que apresentam deformidades são perseguidas, dizendo que não é uma mera questão de crueldade sádica infantil, mas uma exigência de negar a existência do feio, do *outro,* através da aniquilação.

Eis que nos colocamos diante de mais um conceito. Temos, agora, a alteridade, o feio, o não-ser e o impuro material que nega nosso anelo pelo superior inteligível, todos jogando juntos em torno do que tem se perseguido neste texto. A fealdade aparece como depósito dos conteúdos de Sombra, dos aspectos reprimidos que suscitam pequenas perturbações sobre a camada do ego e da persona, trazendo um desconforto pouco compreensível racionalmente. Ela estimula, com frequência, uma agressividade diante do outro, algo que reclama algum grau de integração e de autoconhecimento. No entanto, a feiura vai muito além do humano, apesar de o humano, humanoide ou humanizado traduzir melhor seu conteúdo diante de nós que somos tão focados em nosso próprio gênio. O feio transita na arquitetura, na falta de harmonia musical, no desenho, nos odores que preenchem os espaços e em tudo mais, sempre tendo um tom de mobilidade entre diferentes percepções, tal como a Sombra. O feio, assim como a Sombra, pode reclamar um determinado aspecto ao invés de outro conforme o local e a quem se apresente, apesar de não se ignorar aqui a possibilidade de uma universalidade do feio em níveis mais profundos. O feio acaba por dizer sempre de algo que é outro, algo que *optou* por não ser como nós somos ou almejamos, ofertando um confronto com o reprimido pessoal ou coletivo e uma excitação do desconforto. Há também outras atitudes em relação ao feio, entre elas piedade e negação, as quais não serão tratadas no texto.

Além do feio, há outro local de especial interesse para a noção de outro e do incômodo suscitado quando da sua presença humanamente inumana. Trata-se do conceito de *uncanny valley*, ou o vale da estranheza, explanado por Masahiro Mori (2012). O conceito abrange o sentido de desconforto visceral que se manifesta no homem quando se coloca diante dele um simulacro humano que o replica

imperfeitamente. O desconforto surge como repulsa em oposição a uma cópia – seja gráfica, robótica ou de outra natureza – daquilo que está codificado no inconsciente humano como humano. Esse vale da estranheza é, de fato, um local, uma topografia que captura, dentro de uma escala de semelhança ao humano, a faixa que engatilha repulsa e incômodo no homem. Topografia que é mais que a simples medida dada à possibilidade de englobar – e acrescento isto por conta aqui – as semelhanças possíveis dentro da robótica, mas também toda a gama de fenômenos abordada direta ou indiretamente neste texto. Quando os sentidos se detêm sobre *algo* que é humano, decodifica o encadeamento de informações segundo parâmetros condicionados por milênios de alimentação. Ao se deparar com algo que se aproxima da faixa estabelecida para o humano, mas não rompe satisfatoriamente o limiar da categoria, os pés dão os primeiros passos no *uncanny valley* que, quando amparado pelo conceito de *estranhamento de humanidades inumanas*, abriga entes mais *estranhos* e perturbadores que simulacros da robótica ou da computação gráfica. Como instigador de reações angustiantes, o vale do estranhamento de humanidades inumanas faz dos entes que nele caminham receptáculos do inconsciente.

O desconforto suscitado pela presença de um *outro* a nós estranho – seja morbidamente semelhante, feio ou outro – e instigador de elementos inconscientes que se traduzem em termos de estranheza, bizarrice e automático rechaço é abordado especialmente dentro do gênero do terror. Este gênero é especialista em nos colocar diante do terrível, daquilo que inspira o terror, seja qual for o método escolhido para isso. Uma das formas de ir de encontro ao terrível é justamente ter em conta os conteúdos de Sombra que ecoarão efetivamente no público selecionado. Porém, a ideia de sombra aqui não deve espelhar bem aquela noção psicológica, mas ir mais fundo até onde coisas aparentemente irracionais, como olhares, movimentos, cadência de fala, roupas ou qualquer outro detalhe aparentemente irrelevante podem causar uma extrema sensação de desconforto. Por exemplo, há personagens que são temidos por sua mera estranheza, pois sua

bizarrice é incômoda, ofensiva e ansiógena. Ademais, há indivíduos que, em nível mais pessoal, podem causar essa mesma sensação, de modo que permanecer perto deles se torna uma experiência claustrofóbica e agonizante para algumas pessoas.

O recurso da monstruosidade dentro dos mitos, causos e, por fim, da indústria cultural moderna, é efeito claro do fenômeno convocado. O uso do monstro aborda o campo do outro de maneira sombria e, claro, monstruosa; no monstro depositamos tudo o que repudiamos ou tememos em nós, desde a agressividade reprimida até os níveis mais distantes de formação biológica. O monstro empresta forma a algo desconhecido – ou inconsciente – que, na forma de terror, deve se fazer presente enquanto permanece desconhecido. Em geral, a forma humanoide é mais frequente nas composições monstruosas, pois se torna mais apavorante para nós reconhecer em algo humano o que é genuinamente inumano. Sendo o animal uma dimensão mais primitiva dentro da própria alteridade, adiciona-se à fórmula algum aspecto animalesco – escamas, chifres, garras, pelos, tentáculos –, ou alguma composição biológica improvável – a criatura feita de pedra, diamante, o elemental de água, um demônio que vive na fumaça – e estamos bem perto de uma imagem comum de monstro. Se o que nos incomoda em termos de personalidade alheia é um resultado do mecanismo de repressão do inconsciente pessoal chamado de Sombra, o que nos causa pavor remete, além disso, a níveis orgânicos de repressão do que é outro; repressão da animalidade, do reptilíneo, da evolução enquanto mamíferos e muito mais. Há sempre um elemento primordial irracional e terrível a nível orgânico quando somos capturados pelas forças nefandas que inspiram a criação de monstruosidades imaginárias. Contudo, isso não deve significar de forma alguma que monstros de fato inexistam ou que algum criptídeo não tenha assegurada sua existência. Ou, ainda, que de alguma maneira somente concebível através de tortos pensares, imagens muito fortes dessas não possam ser *memed into reality*.

Agora se pode entender melhor como as histórias de terror usam dessa fonte abissal de medo para, além de tudo, jogar-nos contra as forças do não-ser – o que também pode ter um propósito ascético–, no sentido de que nos lançam no que é obscuro e tem mais proximidade com a morte, com sua implicação de finitude e com a apresentação do que optamos não ser. Nessa alteridade sinistra, há sempre um elemento de morte conjugado em visões noturnas de mundos sobrenaturais. Poderia ser dito que o sobrenatural é sempre o que ultrapassa a morte e a linguagem, ultrapassando-as, neste caso, em direções nefandas que abrem dimensões reprimidas orgânicas e anorgânicas primordiais.

Nesses termos, seria possível esboçar toda uma análise cronológica do terror, elaborando diferentes personagens segundo esses princípios. Isso não será feito extensivamente por razões óbvias. Contudo, vêm à mente, nesse momento, alguns personagens como a Miss Fuchi ou o Souichi dos mangás (e também do anime neles inspirado) de Junji Ito. A primeira tem algo de estranho e assustador em sua apresentação; é uma modelo, mas que carrega um semblante horrível e ameaçador. Seu olhar é fixo e parece portar sempre uma agressividade contida em um rosto estranhamente longo e perturbador (há algo sobre a qualidade do esguio que invoca desconforto, vide *slender man*), seu corpo é imponente mesmo retendo características femininas e sua testa se estende além de onde deveria. Haveria mais a ser apontado, mas o fato é que sua presença causa aos próprios personagens circundantes a reação de apreensão diante de um *outro* de aspecto incômodo. O segundo, Souichi, causa desconforto pela sua inadequação, seu modo despudorado e desagradável de ser. O menino se comporta de forma verdadeiramente doentia e se envolve com o tipo de arte obscura que não é acessível aos seus colegas normais. O estranhamento que o personagem causa não é tanto em sentido de corporeidade, mas sim no aspecto comportamental inadequado, como se ele desatasse os bloqueios que nos impedem de agir desagradavelmente em situações sociais. Ele é nitidamente um

produto da Sombra individual, de como se aprende o porte social e o que se reprime no processo.

Há também personagens que impõem a sensação de desconforto com sua mera presença, como no filme Estranhos Poderes (1980), onde há a presença de uma alienígena que é interpretada por uma atriz comum, sem efeitos especiais. Não há nenhum tipo de caracterização tipicamente extraterrena nela, pois se trata de uma mulher alta de feições escandinavas. No entanto, há algo de estranho na personagem. O filme trata justamente da ideia de alienígenas transitando entre humanos e a atriz escolhida encarna perfeitamente essa sensação que também é abordada pelo título do texto: uma humanidade inumana. Ao olhar para ela, o que se vê é um exemplar humano de feições simétricas, cabelos loiros e olhos claros, porém, há algo *mais* que remete a uma diferença radical constitutiva daquela criatura: mesmo humana, ela não é humana. Ela consegue passar uma sensação de estranhamento, de que ela não é como os demais. Aliás, a descrição desse personagem, que não ocupa por muito tempo a tela do filme, serviria para chamar outro curioso tema, o dos relatos de extraterrestres de características escandinavas, mas isso deverá ser feito em outro momento.

A associação com a monstruosidade ou a característica inumana dentro do gênero humano pode ser aplicada, via fantasia, inclusive a personagens históricos que, de algum modo, destacaram-se. Jacqués Vallée (1993) cita o padre franciscano Ludovico Maria Sinistrari que, por vez, recorre a vários autores para expor a crença de que seres humanos podem copular com seres sobrenaturais (demônios, íncubos e súcubos), listando uma série de personagens históricos como oriundos dessas uniões: Rômulo e Remo, Sérvio Túlio (sexto rei dos romanos), Platão, Alexandre o Grande, Seleuco (rei da Síria), Cipião Africano, César Augusto, Merlin e outros. O autor fala dos rebentos dessas uniões profanas como altos, fortes, ousados, magnificentes e malvados. É comum atribuir a figuras do porte das mencionadas alguma característica sobrenatural, tanto pela projeção

que faz delas algo sobre-humano como pela impressão de que algumas pessoas fogem à regra do comum e têm algo de *diferente* em sua constituição. A fantasia, portanto, faz projetar sobre elas uma qualidade de outro que escapa à própria espécie, num modo de difusão de mecanismos que operam por trás do próprio terror nos tempos contemporâneos, mas que antes se propagavam por textos e crenças do âmbito ocultista e religioso. Da mesma forma, atualmente, ouvimos falar frequentemente em políticos e bilionários como membros de alguma raça réptil alienígena ou partícipes em algum tipo de pacto com o outro mundo para manter seu estado excepcional.

Por fim, essa condição de monstruosidade, sustentada sobre o feio, ou de humanidade inumana se repete *ad infinitum* por todo o gênero do terror, exatamente por reivindicar, através dessas imagens, os conteúdos por nós reprimidos na Sombra ou, ainda, os traumas de estruturação orgânica ou qualquer movimento semelhante e enterrado sob nossa pulsante carcaça humana. São visões que nos ofertam visitar o mundo sobrenatural da noite e presenciar os poderes inaugurados nos primórdios por Caos através da separação, da negação à união, da destruição e dos terrores noturnos que transmitem os sussurros despedaçadores do não-ser.

Sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais e todas as feras da terra

Como mencionado anteriormente, a animalidade desempenha um papel decisivo no campo da alteridade. Somos acostumados a associar os animais a determinadas qualidades – a sábia coruja, o lobo indomável, a raposa esperta –que variam conforme a cultura, apesar de alguns animais parecerem trazer em si *naturalmente* imagens de nobreza e força ou de aspectos sombrios para o homem. Retornando ao que foi dito sobre a alteridade em outro momento, deve-se observar que, diante dos animais, também reconhecemos algo de outro que, mesmo inumano, serve de receptáculo às nossas projeções de conteúdos humanos conscientes e inconscientes. Essas projeções poderiam ser observadas em vários níveis. Que um leão sugira ao observador humano uma qualidade de valentia e de nobreza, parece fácil de compreender a partir da atitude do animal, do seu porte e predominância dentro da cadeia alimentar. São relações mais racionais essas que envolvem a observação do comportamento de determinado animal e que dali depreendem um conceito humano que se adeque à criatura, esta que passa a ser utilizada na cultura como símbolo da qualidade que ultrapassa o animal por pertencer ao aparelho conceitual humano. Porém, indo mais além desse ponto, certamente há que se observar a animalidade também em termos de reprimido pelo homem com sua consciência e postura ereta. Aqui, a animalidade retorna dentro do assustador ou mesmo do gracioso através de um mecanismo que mitifica.

Há algo de bastante primordial nessa relação do homem com a figura animal. É conhecida a forte associação das crianças com figuras animais, podendo ser usado como exemplo o chamado CAT (*Children's Apperception Test* ou Teste de Apercepção Temática para Crianças), um teste de natureza projetiva empregado na prática psicológica. O CAT segue o rastro do TAT (Teste de Apercepção Temática), que apresenta uma série de figuras humanas em diversas

situações às quais o sujeito deve desenvolver uma história. Desenvolvendo as histórias, permite-se ao psicólogo analisar diversos aspectos psicodinâmicos de funcionamento do indivíduo em questão. Porém, o CAT, adequado às crianças, baseia-se na literatura psicanalítica de onde vem a afirmação de que as crianças pequenas se identificam com maior facilidade com animais do que humanos. Dessa forma, os animais servem melhor à criança para que desenrolem suas projeções no decorrer do teste. Uma das bases desse direcionamento que toma o CAT é de que os animais, sendo mais primitivos, permitem que a eles se atribuam mais facilmente impulsos e sentimentos experimentados pelo infante. É comum observar que os animais surgem frequentemente como figuras em histórias apresentadas por crianças pequenas. Em outra técnica projetiva, o famoso teste de Rorshach, também se observa que associações infantis são, com frequência, protagonizadas por figuras animais. A cultura das fábulas, lendas e contos de fadas também serve para ilustrar este fato (CUNHA, 2007).

Nos fóruns da internet que se dedicam à discussão e apresentação de relatos envolvendo encontros com estranhas figuras humanoides, tornou-se muito evidente um fenômeno conhecido como *Bedroom Animals*, que serve bem dentro do tema. Habitualmente, esses bizarros encontros se dão na infância em momentos de alguma forma associados com o sono, mesmo que não se reconheça no próprio relato uma condição hipnagógica. As histórias contam de crianças que, antes de dormir, no meio da noite ou mesmo em outros momentos aleatórios, testemunham a aparição de animais em seus quartos. Essas figuras agem de forma pouco usual e sem objetivo definido. Em um dos relatos perdidos em tópicos antigos, conta-se que a criança andava pela casa de madrugada, indo para o quarto dos pais, passando pela sala da casa, que estava coberta pelo silêncio e escuridão noturnos. Ao passar por aquele aposento embebido em horas obscuras, notava que havia uma figura de pé em um canto; essa figura correspondia à de um homem usando uma esquisita fantasia de leão. Esse ser que estava lá,

na madrugada, não parecia ter propósito definido senão, aparentemente, o de ficar de pé naquele cômodo esquecido pelas consciências adormecidas. Quando a criança passou por lá, a criatura, sem emitir qualquer som, saltou em sua direção e, pegando-a pelo braço, girou pela sala algumas vezes, sem que fizesse qualquer ruído. Após aquela estranha manobra, soltou delicadamente, na aterrisagem do salto, a criança no chão da sala e desvaneceu no ar, deixando a criança no tapete, paralisada sem entender qualquer coisa daquilo. Outros casos falam de hipopótamos no armário, um macaco em silêncio usando chapéu em algum canto da casa entre outros.

Dependendo do gosto que se tem para o terror, muitas dessas histórias envolvendo o fenômeno *Bedroom Animals* podem parecer risíveis. Julgar-se-á sua condição de alucinação decorrente de estados hipnagógicos ou da condição de *participation mystique* que a criança se encontraria, em algum grau, imersa. Entretanto, opta-se aqui pela manutenção de uma suspensão quanto à veracidade dos relatos, assim como quanto à sua condição pura de elemento psicológico projetivo. Há que se deixar o espaço para o fenômeno, mesmo com a tentativa de fazer inferências sobre sua natureza, aceitando as possibilidades mais improváveis e estranhas como, por exemplo, a realidade do acontecimento ***e*** da sua natureza psicológica ao mesmo tempo.

Partindo dos apontamentos feitos anteriormente em relação ao CAT, torna-se inevitável pensar nos *Bedroom Animals* como uma parte dessa tendência de processar a alteridade por uma lente que dá um lugar preponderante à animalidade. Agora, se há alguma relação disso com alguma questão metafísica de interpretação de entidades sutis mais facilmente percebidas pelas crianças em suas intuições puras, não há muito que se especular, e sim apenas deixar em aberto como um exercício imaginativo do fantástico. Ademais, parece uma hipótese bastante razoável a de que haja uma relação, talvez brotada da própria condição orgânica, de encarnar o outro dentro de figuras animais ou de usar tais figuras para condensar conteúdos ainda não feitos totalmente conscientes. Seguindo essa linha, também pode ser evocado o

mecanismo de regressão utilizado pela psique ao regressar a condutas primitivas após algum evento de algum modo traumático. Nas estranhas trilhas que percorre nossa psique, sem que se desse conta, haveria algo que nos impediria de imaginar encontros com o outro que conduzissem a modos infantis ou primitivos de desvelamento que reapresentariam mesmo ao adulto essa proximidade entre os animais e o *outro*? Aparentemente, a hipótese é pertinente, tanto na forma de regressão como em vestígios infantis, pois, mesmo ao crescer, continua-se evocando diversos animais para a projeção de uma ou outra questão inconsciente. Contudo, por motivos que em profundidade se ignorarão aqui, é na infância que essa relação é mais significativa.

Seguindo para direção mais sombria, há o Comte de Lautréamont (1969), que exibe, em Cantos de Maldoror, uma abordagem que serve como ponte da ideia de Sombra até a de animalidade mais radical. Nessa soturna obra, acompanhamos as façanhas de Maldoror, um sujeito que parece reunir em si tudo o que é reprimido em uma sociedade cristã do século XIX: a maldade, o impulso, a agressividade, assim como o ódio contra Deus. Há todo um fundamento por trás dessa estrutura narrativa, mas que não é o mais importante no momento.

O personagem Maldoror traz consigo aquela característica de Sombra que faz com que se imagine ele como um sujeito incômodo no sentido de um estranhamento; ele suscita reações nervosas. Que pessoa *de bem* e sem nenhum senso de humor obscuro ou uma tolerância calejada não ficaria horrorizada com o momento em que Maldoror fala sobre matar pequenas crianças ou defende, para um menino de 8 anos, como não é errado matar gente e como devemos triunfar pelos meios mais espúrios na vida? Maldoror nos leva a visitar nossa Sombra em um passeio no qual, como guia doente e louco, ri nervosamente o tempo todo enquanto aumenta nosso terror.

Porém, mais que isso, ele invoca os fantasmais zoológicos. A cada momento da obra, há um apelo ao recurso da animalidade. São

pessoas transformadas em animais diferentes conforme as qualidades distintas que portam, são conversas com animais, são longas descrições dos cães do campo e da sua sede por infinito ou, ainda, a luta contra um primitivismo arcaico agressivo e feroz – puro! – encarnado por um tubarão. Sente-se muitas vezes como se a animalidade servisse para designar o estado em que certos homens se encontram; um artifício de uma imaginação sombria de Lautréamont para falar de impressões, desejos e fantasias. Porém, o alcance é maior. Animalidade, a partir da Sombra representada por Maldoror, faz regressar a níveis de agressividade reprimida profundamente, assim como a características que, ao serem encarnadas em representações bestiais, causam estranheza ou desconforto no leitor, como se este estivesse encarando algo mais puro, um conceito encarnado em um ser que está mais de acordo com sua essência e que naquilo permanece limitado, como que cercando o conceito em sua própria forma.

Maldoror, tal como seus cães do campo, diz sentir a necessidade do infinito. Os cães, assim como os lobos, servem ali de figura ao indomável, ao obliterador de limites. A sede de infinito está na agressividade e na vitalidade das caças e dos uivos noturnos – *uivando contra as estrelas do Norte, contra as estrelas do Leste, contra as estrelas do Sul, contra as estrelas do Oeste* –, aterrorizando a natureza num movimento quase masoquista perpetuador de traumas que dissolvem estruturas já conformadas e cria novas ordens, sempre através de um impulso *berserker* colérico que esfrega a delicada face burguesa na escuridão granulada da Sombra.

Retirando-se da obra de Lautréamont e voltando ao tema mitológico associado à animalidade, chega-se a um ponto em que, da mesma forma que se separam tematicamente as criaturas mitológicas dentro de várias qualidades ou regiões universais, também se separariam as diferentes características que compõem toda a gama do que é animal conforme algo que represente em termos reprimidos. Assim, determinados animais, com seus comportamentos, formas, cores e aspectos se adequariam melhor a um ou outro conteúdo

reprimido, agindo como recipientes projetivos adequados aos conteúdos sobre eles projetados.

Deve-se relembrar que o reprimido como representação mítica ou pessoal está sempre sujeito à mobilidade do inconsciente, caso contrário seria permanente e uniforme dentro das representações humanas. Essa mobilidade opera como regra segundo a qual há sempre algo reprimido, mas que deve se deslocar conforme as circunstâncias. No caso de coisas muito antigas, não significaria que elas deixariam, necessariamente, hora ou outra de ser reprimidas por conta de tal mobilidade, mas que o conteúdo cultural expresso de fato e gravado nos livros da história **pode** ser, cada vez, um e não outro. O reprimido permanece sob uma condição circunstancial variável, onde diversos fatores atuam sobre ele, de modo que, resumidamente, permite-se dizer: o reprimido **pode** mudar de local. Como diria Ernst Jünger (s.d.) em seu Der Waldgang, o medo sempre adota a máscara, o estilo, dos tempos. Para ele, cada momento desse elemento de projeção inconsciente ao longo da história é como um elo numa eterna corrente de angústia à qual o humano se encontra preso como esteve Prometeu ao Cáucaso.

Sendo assim, fica claro que um tipo de animal pode representar em um povo ou época determinado qualitativo simbólico e, em outra região ou época, outra disposição simbólica. Atendo-se mais ao conceito que às especificidades possíveis pelos seus exemplos, observa-se que essa animalidade inconsciente se manifesta na construção de um *outro* nefando projetado em formas humanas distorcidas. Criaturas humanoides com aspectos selvagens que abundam em todo folclore, animais com acesso à razão, demônios cobertos de escamas, anjos e seres alados, homens anfíbios e muitos outros. Como reflexo de nossos recônditos segredos, surgem em naturezas imaginais personificadas essas entidades que traduzem algo de reprimido em nós, mesmo que de uma forma tão inconsciente que poderia ser até chamada de pré-inconsciente por estar muito mais a fundo que o inconsciente tratado pela psicologia comum. Assim,

testemunha-se o aparecimento desses estranhos visitantes pelo próprio homem convidados desde os antigos mitos acessíveis a nós somente por livros e tradições orais quase mortas até a misteriosa ascensão de uma mitologia moderna que não vive mais nas vilas e em causos contados nas noites de inverno, mas que se retroalimenta através de relatos de seres como Mothman, Gef (o mangusto), reptilianos, Lizardman, o elusivo Sasquatch, o homem-macaco indiano, vários tipos de lendas urbanas, de criptídeos ou mesmo de entidades vindas do espaço.

Há um fator que desempenha importante papel nas visões de entidades com proximidade humana e que talvez ajude a compreender o fato de que algumas formas nos aparecem de tal modo e não de outro. Para que se chegue nele, antes há que se sublinhar alguns fenômenos. Por exemplo, de que há a sempre ativa tendência à pareidolia que está junto de nossa disposição como ser entre os entes do mundo; intuímos rostos das formas ao nosso redor, assim como padrões de vozes entre sons aleatórios, como vemos no fenômeno EVP (*electronic voice phenomena*). A forte presença de rostos e seres humanoides é vista, ainda, em produções culturais diversas. Desde os tempos mais antigos, a mitologia faz florescer formas alucinatórias de seres que misturam características répteis com humanas, traços leoninos junto aos humanos e assim por diante. São essas quimeras pavorosas que mandam ao espaço a imaginação de pessoas que, contaminadas por um espírito cientificista torto, aplicam suas crenças evolucionistas ao deduzir que essas imagens apenas poderiam descrever raças espaciais humanoides que visitaram as antigas civilizações. Porém, a relação do homem com o rosto e com as próprias formas humanoides é algo que parece estabelecido fixamente dentro de si, constituindo seu olhar inconsciente para o mundo.

Tendo em vista a relação que se tem com os rostos, algo começa a ficar mais claro. De onde vem a necessidade de projetar rostos no mundo dos objetos ou das criações mentais? Marie-Louise von Franz (1995) fala de dois sonhos; no primeiro, uma figura humana de sábio

ancião divino conforta o sujeito e, no outro, é uma bola de fogo que faz o mesmo. Na realidade, as duas figuras representariam a mesma coisa, porém em níveis diferentes. A manifestação do arquétipo como forma humana possibilitaria uma relação consciente, uma relação "entre dois" que pode se dar dentro do terreno da linguagem, enquanto sua manifestação como bola de fogo, ou poder natural, seria um fenômeno, não podendo se relacionar com o sujeito sonhador na mesma condição. O ser divino que aparece como sábio possibilita o contato, é a figura com qual a alma humana consegue se relacionar em um nível mais consciente, enquanto a imagem primitiva da bola de fogo faz possível a relação em nível primitivo de sentimentos, sensações e formas instintivas suscitadas pelos fenômenos da natureza. Os dois aspectos são importantes, manifestando-se em diferentes formas de acesso para o sujeito.

O que pode ser visto como diferença fundamental entre essas duas manifestações oníricas bem específicas é que a forma humana possibilita um modo de acesso posterior à linguagem ou, melhor, dentro da linguagem do homem, enquanto a forma primitiva fenomênica estaria aquém da linguagem. Obviamente, há acesso e comunicação em diferentes níveis de linguagem, mas o acesso é consideravelmente mais consciente à forma humana de apresentação que à fenomênica. Dessa forma, pode-se ver a *entidade* que surge com forma humana como uma *entidade* à qual pode se fazer falar. Assim, a humanização dos arquétipos estaria relacionada a níveis maiores de consciência e de possibilidade de comunicação, de fazer aquela força falar. Porém, obviamente, algo de comunicação se perde em relação à bola de fogo primitiva, pois, sendo as duas manifestas de forma diferente, também falam de maneira distinta. De tal modo, faz sentido pensar nas eternas figuras de *youkais* japoneses imortalizadas nos animes, assim como nos elementais dos contos antigos e nas figuras monstruosas dos contos europeus, sendo possível imaginar, em muitos casos, o aparecimento daquelas criaturas como formas de "fazer algo falar", de projetar uma ponte relacional com arquétipos e elementos da

natureza que venham a simbolizar algo inconscientemente. Rostos humanos que brotam das pedras, da água, dos lobos que caminham sobre duas patas, das aves que voam pelo céu eslavo e, recentemente, de formas estranhas de humanoides pensados a partir da ficção da ciência.

A temática do rosto aparece de outra forma em Roger Scruton (2015), que vê no rosto a assinatura da alma e da personalidade. É no rosto que o humano – ou seja, o relacionável – se apresenta. É onde floresce a personalidade e se comunica ao outro a alma. Rosto é a morada da persona, que para Jung é a máscara, mas também é lar do rosto que há por trás da persona e que, por trás disso, tem, como razão de sua existência, o fenômeno da alma – ou coisa que a valha. Então o rosto é o local de nascimento para o mundo, para a interpretatividade, para a manifestação, desdobramento, multiplicidade, complexidade, contemplação e ação.

O rosto seria, ainda, em Scruton (2015), uma ponte entre o múltiplo e o uno, seria onde, através das diversas intensidades que se agitam à flor da pele, se manifestaria o princípio inefável que se esconde atrás do manifesto. De tal forma, o rosto não é algo apenas humano; fala-se, além do rosto humano, em rosto de Deus e rosto do Mundo. É através desse rosto que surge no Deus pessoal, nessa dimensão horizontal e múltipla de espiritualidade, por onde o *Deus Absconditus* seria alcançado. O Deus dos filósofos, o apofático senhor dos abismos seria encontrado justamente através do seu Rosto, encontrado na experiência religiosa em comunidade ou em qualquer âmbito onde se apliquem suas feições no mundo.

Assim, tem-se no rosto o portão do que se chama de alma – isto é, o interpretável e relacionável que é a alma humana. Em algum nível, o "rosto" animal também apresenta isso ao homem, que o tem como coisa próxima, mas não da mesma complexidade e forma de expressão; mas, ainda, é um tipo de rosto. Os rostos caem dentro da complexidade crescente que corresponde ao alinhamento com a possibilidade interpretativa da consciência, de forma que o rosto humano em todos

seus aspectos possibilitaria uma ponte comunicativa entre os elementos.

Quando o sopro da alma, mesmo que de forma projetiva, incide sobre os entes, é normal que estes mesmos sejam interpretados imaginalmente[*] como dotados de rosto e expressões humanas, tal como formas humanoides, que possibilitam o falar a esses seres dentro do que é humano – mesmo que às vezes recaiam sob o campo do estranhamento das humanidades inumanas. Dar um rosto é animar, *almar*, é encontrar no mundo um correspondente às formas superiores que o homem acredita poder acessar; um mundo encantado é aquele que tem rosto, expressão, por trás do qual se oculta um princípio invisível superior que anima sua fisionomia. Essa seria uma interpretação de caráter psicológico, tocando o metafísico, deixando ainda por restar uma área mais ousada e inquietante na qual se poderia perguntar da essência dessas entidades e formas às quais emprestamos rostos em nossas projeções ou interpretações inconscientes; se seriam elas viventes de outras naturezas ou apenas representações espetaculares do que o homem guarda nas gavetas do inconsciente.

Ainda sobre o rosto, Deleuze e Guattari (1996) oferecem uma visão diferente, mas ainda elaborável dentro deste contexto. A partir da apresentação dos três estratos (organismo, significância e subjetivação) mais amarrados a um *topos fundamental*[*] – Corpo sem Órgãos, esse ovo primordial repleto de potências – por onde percorrem as intensidades antes de articulações e estruturações, os autores esboçam o conceito de rostidade. Para isso, pensam a significância como uma tela branca – tela de cinema – onde são projetados seus signos e a subjetivação em sua binaridade como dois buracos negros

[**] No sentido que surge na obra de Henry Corbin e que é abordado por James Hillman.

[**] Toma-se liberdade poética aqui, uma vez que a natureza do conceito necessitaria de maiores desdobramentos. Conceitos como desterritorialização, Corpo sem Órgãos e rizoma necessitam de pequena investigação para melhor contextualização da leitura.

como olhos sobre esse muro branco, desenhando um primeiro motivo de rostidade. O buraco negro dos olhos e da subjetivação remete à natureza do buraco negro, no qual a luz ingressante não retorna, some, o que também se vê em pacientes catatônicos onde a comunicação direcionada a eles tem semelhante destino. O buraco negro diria dessa dimensão absortiva do sujeito. Assim, fala-se em uma máquina abstrata de rostidade, produzindo rostos à medida em que oferece ao significante a tela branca e à subjetividade seu buraco negro. A produção da rostidade se diferencia da cabeça, sendo o rosto uma sobrecodificação nesta parte do corpo, tratando-se de um território diferente.

O rosto, partindo dessa arquitetação, não seria necessidade do "homem em si", sendo algo atravessável numa travessia do muro branco, além dos buracos negros. Devires para além – ou aquém? – do rosto, que já seria uma desterritorialização da cabeça, do estrato do organismo aos de significância ou subjetivação. Os autores afirmam que, em sociedades primitivas, há uma semiótica não-significante, não subjetiva, essencialmente coletiva, polívoca e corporal, de modo que tal polivocidade passa pelos corpos e territorialidades exteriores variáveis. Nesse contexto, desterritorializações se dão sobre outros elementos que não o rosto, como devires animais, por exemplo. O espírito do jaguar que se apodera do interior do corpo sem criar nisso um rosto. Mencionam os atos do xamã, relações diretas com Vozes sobre o corpo, relações que passam pela corporeidade, animalidade, vegetabilidade etc.

Falando do Ano Zero, os autores colocam a máquina abstrata da rostidade principalmente a partir das elaborações de Cristo, da arte católica e de como o rosto toma proeminência a partir desse momento – o que valeria uma revisitação a Scruton e a Marie-Louise von Franz. Para Deleuze e Guattari, essa rostidade também é atrelada ao desenvolvimento do Ocidente e o estabelecimento do rosto como europeu, afetando a noção de alteridade, até impossibilitando a concepção de rostos desviantes de serem compreendidos como

"outro", buscando uma integração do diferente, por vezes em guetos, sem conseguir mantê-lo na posição de outro. Essa análise entra em consonância com a fala de Baudrillard (1991) sobre o imperialismo da razão, pelo qual o ocidental faz o *outro*, o diferente, falar de modo a incluí-lo em sua codificação racional, negando-lhe o local de autêntica alteridade. Contudo, aí já se iniciaria outra discussão.

O estabelecimento da rostidade perseguiria os elementos prévios da corporeidade com seus devires animais. Os autores ainda especulam em antigos pergaminhos mágicos etíopes e na literatura de horror a apresentação dos olhos, a multiplicação de olhos no buraco negro, a proliferação visual desses elementos de subjetivação no imaginário. Por fim, deixam claro que não advogam por um tipo de retorno ao primitivo, às semióticas pré-significantes e pré-subjetivas, sendo que a isso sempre caberia um fracasso, mas trabalham possibilidades a partir da máquina abstrata já em nós operante, novos devires, novas polivocidades em rizoma por toda parte.

Em movimento ousado, uma ponte entre a rostidade e as noções da psicologia analítica poderia ser estabelecida. Em oposição à *participation mystique* do "primitivo", sua evidente corporeidade e suas relações menos conscientes com os arquétipos permaneceria a civilização de caráter racional e mais individuado, com sua proeminência ao rosto, à razão e ao discurso. Nesses termos, a própria noção de individuação estaria atrelada à rostidade, ao destaque da consciência e da formação do sujeito em um encaminhamento cartesiano. O discurso, em sua razão, passa pelo rosto, pela face. Assim, a nós, caberia uma relação muito mais nítida com o rosto em nossas projeções inconscientes, pois por ali que passam os fluxos a serem contemplados. Como visto em Scruton, o próprio Deus poderia ser tomado como mediado pelo Rosto, esse local que serviria de porta à alma e personalidade. Seguindo de Deleuze e Guattari, essas seriam noções profundamente enraizadas no homem ocidental, este que se estendeu em uma conquista semiótica planetária, pondo a máquina abstrata da rostidade a funcionar a pleno vapor sobre o mundo. Deste

modo, seria natural que na concepção de Jung e outros "ocidentais" ela remetesse a níveis maiores de individuação e claridade, tocando novamente no imperialismo da razão proposto por Baudrillard. Uma visão inclusa na multiplicidade não vincularia a rostidade a uma abordagem mais "individuada", mas apenas mais uma entre tantas dinâmicas possíveis de intensidades.

E que importa tudo isso? Caso se regresse à criança projetante sobre o teste psicológico CAT, encontrando sentido nas figuras animais, observar-se-ia um regime misto de um indivíduo ainda não tão afetado pelo andamento da máquina abstrata da rostidade, ainda não adestrado por um tipo de déspota interno. Se há uma relação diferenciada com a animalidade em regimes "primitivos", agindo de forma pura ou mista com a máquina da rostidade, pensa-se na hipótese de diferentes estados possibilitarem ligações e ajuntamentos diversos entre as potencialidades que abundam sobre o Corpo sem Órgãos, administrando fluxos em referências variadas de rostos, figuras, espíritos, corporeidades e outros. Conforme diferentes máquinas abstratas operam num inconsciente maquínico ele mesmo, as mais diversas manifestações poderiam suceder do encontro com misteriosos fluxos que são abordados no presente e inusitado texto. Uma máquina humanoide a todo vapor na produção de monstros sutilmente humanos ao processar elementos fugidios do real.

A partir deste ponto, pode-se imaginar a Sombra como máquina abstrata antes de algo inato universal, o que também é possível pensar ao tratá-la como complexo. Uma máquina abstrata que conjuga uma série de elementos de determinada maneira, colhendo em estratos superficiais e profundos suas referências de operação. Ainda assim, enquanto indivíduos de determinada época e mundo, com funcionamento de maquinário específico, alguns elementos permanecem a uma distância ontológica considerável, de modo que aqueles fluxos de multiplicidades em travessia pela corporeidade só poderiam ser imaginados em sua forma pura, muito distantes do que

nos é de pronto acessível. Contudo, fica eminente a importância da face na condução de fluxos pelo inconsciente.

De qualquer forma, todas essas são incursões absolutamente especulativas que fogem da natureza dos textos citados, buscando pontos pouco estáveis para abordar fenômenos cuja estabilidade é nula.

Liquidando as barreiras do Empíreo

Principalmente após a Segunda Guerra Mundial, começam a surgir estranhos relatos pelo mundo. Percorrendo os ecos daquele grande trauma que culminara nos bombardeamentos atômicos de Hiroshima e Nagazaki, ainda entre a fragilidade causada após o estouro, começa-se a mirar para o espaço com olhar desconfiado. A humanidade passa a testemunhar o aparecimento de estranhos objetos voadores não identificados transitando em estranhos rumos pelos céus. Lentamente, esses testemunhos passam por um processo de detalhamento que complexifica todo o caso, chegando a oferecer até descrições dos seus tripulantes. Aos poucos, o mundo se torna um planeta – entre tantos – assombrado por forças desconhecidas que, ainda que feitas à nossa semelhança, não são como nós.

Até o advento da idade moderna, o terror do desabrigo, aquele que nos atinge quando nos expomos à força do diferente e do externo, dos campos, encruzilhadas, cemitérios ou dos pontos em que os mundos se tocam, seguia outra natureza. Nesse mundo ainda fundamentado num enraizamento que Heidegger, já no crepúsculo daquela formidável era, desvelou tão bem, o sagrado e o profano habitavam nos espaços e significados de modo diferente que no tempo que sucedeu à modernidade. Demônios puniam os cristãos que se ajuntavam a festejos na quaresma; lobisomens rondavam casas de madeira na área rural – mesmo em lugares que nunca viram um lobo –; estranhos seres protegiam as florestas; monges místicos andarilhos faziam milagres e profecias; era possível encontrar pequenas mulheres não humanas que protegiam fontes e riachos e demônios que propunham tratos em encruzilhadas para um dia cobrar o preço ao cristão arrependido. Na raiz desse tempo, outro tempo mais antigo em que duendes, fadas, elfos, anões, mouros, moiras, lares, *daemons* e outros povoavam o mundo natural e as casas.

Diante de uma mudança radical ou de um aprofundamento das tendências lançadas no início da modernidade, esse mundo do

enraizamento foi deixado somente para as lendas e memórias. Transportando-se sobre as robustas asas da técnica, o homem suplanta todo esse realismo mágico com sua ciência, com o conhecimento positivo dos entes, com o modo de calcular e com a expansão tecnológica da civilização sobre cada centímetro de terra. A bem da verdade, os lugares passaram a ser assim, não mais que medidas; são eles contados em metros quadrados, alqueires ou o que for, enquanto ocorre que a própria qualidade do lugar enquanto lugar acaba por mudar na nossa relação com o mundo. Mudando nossa forma de pensar o lugar, a espacialidade, e de interpretar o espaço livre, também muda essencialmente a nossa relação com o mundo, com os entes e, primeiramente e também em última consequência, mudam os nossos modos de acesso ao Ser.

Interpretando os antigos mitos como tentativas pífias de um tipo humano subdesenvolvido em compreender os fenômenos naturais, o homem moderno passa a reinterpretar a realidade de acordo com suas habilidades positivas recém-adquiridas. Como que numa tempestade de desilusão, o mundo é varrido pelo sopro do desencanto. O mundo se torna deserto, frio e bruto. Lentamente, a alma que animava a religião com fervor e inquestionabilidade é transportada a um humanismo petulante com pretensões gnósticas que vê na ciência e no *progresso* – social, principalmente – as vias de salvação da alma humana. Claro que, como nessa ficção *não existe alma*, a salvação se torna terrena, deslocada para uma noção pueril de paraíso terrestre, resultando numa tentativa involuntariamente maligna de enxugar o Vale de Lágrimas tapando com cimento os olhos daqueles que suspiram e lamentam.

Com os objetos seculares mais exaltados na era atual recebendo um investimento cada vez mais religioso e absoluto, qualquer tipo de especulação de um sobrenatural ou de algo que remotamente lembre essa categoria acaba passando por um processo de filtragem técnica. Nada elaborado, claro, pois o processo parece ser carregado por águas profundas do inconsciente e caminha de mãos dadas com a ficção

científica. Por exemplo, a imaginação dirigida para o espaço e para as possibilidades de vida extraterrestre atua, em algum nível, como visão profética de um futuro onde a humanidade rompe suas barreiras e faz contato com os irmãos mais velhos do espaço; uma antevisão ficticiamente científica do grandioso futuro ofertado pelos deuses da técnica. Abre-se no horizonte um mito, um sentido, filtrado pelas condições sob as quais se encontra o homem nesse momento, isto é, a busca do entendimento pela ciência e não pela via declaradamente mítica ou religiosa.

Quando dizem que a ficção de um século se realiza em outro, não parece mentira. Não há somente algo de profético nisso, mas também um elemento invasivo, um tipo de invasão que vem do futuro; o futuro invadindo o presente em culturas marginais que dão voz aos abismos. Nick Land (2011) fala disso: o próprio cyberpunk colaboraria para uma expectativa de futuro que se autorrealiza estabelecendo diretivas gerais para o encaminhamento da mentalidade em um futuro próximo. O futuro invade o presente. Vejam como o retrato dos supostos alienígenas – sempre humanoides, que coisa! – muda no decorrer das décadas. Quem, hoje, ouve falar em *little green men* vindos de Marte em roupas coloridas ou metálicas? E a criatura de Flatwoods, onde mais algo parecido surgiu e quanto do seu retrato não foi mudado, com o tempo, inspirando-se, ao que parece, nos modelos fictícios mais populares de *aliens*? Toda essa histeria em torno dos *grey* existiria sem o caso de Barney e Betty Hill? E, mais, qual o papel da semelhança entre os extraterrestres retratados pelo casal Hill com aquele exibido doze dias antes em um programa chamado *The Outer Limits*, no episódio intitulado *The Bellero Shield*?

Algo bastante evidente ao se estudar a ufologia e a ficção científica é que a representação desses seres misteriosos, sempre humanoides, mudou com o passar das décadas, assim como a representação de seus estranhos transportes. Mesmo que peguem os manuscritos alemães do século XVI, hoje conhecidos como *Book of Miracles*, e verifiquem os casos de estranhos fenômenos celestes, os

relatos são bem distintos daqueles a partir da II Guerra. O mesmo se aplica aos supostos eventos ufológicos da antiguidade. Não é o objetivo, agora, perseguir com vigor os temas da ufologia, mas nisso seríamos interpelados por perguntas como: já que há pessoas que apontam suposta presença ufológica na antiguidade humana, com seus discos visitando os povos mais antigos, isso significa que a tecnologia dessas civilizações seria a mesma desde a antiguidade da nossa civilização? A sociedade deles chegou ao pico de modo que eles permanecem imóveis, eternamente em um mesmo estado... como deuses? Haveria ainda outras perguntas desconcertantes como: por que se aceitou a convenção de que essas inteligências vêm, propriamente, de fora da Terra?

O Outro Espacial ou Transmigrando Infernos e Céus

O tema da ufologia, estudado sob a lente que se tenta impor aqui, é fascinante. Não se trata de especular uma verdade sobre *humanoidezinhos* de distantes civilizações nos visitando com fins *alieniginamente mundanos*. Trata-se de um aprofundamento distinto.

A ficção é incrível por jogar a consciência contra mundos impossíveis, rompendo barreiras conceituais e lançando às mais improváveis realidades. É como quando se lê uma lista de teorias de conspiração absurdas e há impressão de que elas fazem pensar em hipóteses que nunca conseguiríamos conceber, presenteando-nos com uma sensação de frescor mental através de pensamentos improváveis. O presente texto tem como um dos seus objetivos efeito similar. Por exemplo, podemos alcançar algo parecido evocando a teoria de Frederick V. Malmstrom (2011), que defende a hipótese de que os relatos dos alienígenas chamados de *grey*, na verdade, remontam a um padrão que se tem do rosto humano feminino ao nascer, algo que funciona para que, mesmo com a frágil visão inicial, o bebê possa distinguir sua mãe. Assim, com suporte do fato de que muitas vítimas de abdução lembram do ocorrido tempos depois através de hipnose, haveria a possibilidade de aquela figura pálida e de grandes olhos negros ser uma lembrança do rosto distorcido da mãe. Hugh Ross e Kenneth Samples (2002) também evocam a possibilidade, mencionando Carl Sagan, que teria sugerido que as memórias de abdução podiam ser memórias latentes do nascimento, enxergando paralelos entre as narrativas de abdução e a experiência traumática do nascimento. As conotações psicológicas disso são existentes, mas não serão abordadas aqui. Caso se aceite essa hipótese, qual o significado dela nos casos de abdução? Talvez o estado hipnagógico levasse a pessoa a formular uma imagem errônea da entidade baseada no padrão de reconhecimento humano do recém-nascido. Pode-se pensar, ainda, que as abduções seriam experiências associadas à paralisia do sono e alucinações em estados alterados de consciência, aproveitando-

se de poderosas sugestões culturais vindas da ficção científica. Ou, porventura, haveria criaturas de forma tão alienígenas à nossa usual capacidade de afigurar o outro que, por tamanha incompreensão gerada em tal vislumbre, precisaríamos recorrer a mecanismos arcaicos de reconhecimento facial para ter uma vã descrição de seu semblante.

Aproveitando-se desse último exercício imaginativo, rememora-se a figura de Lam, uma curiosa ilustração de Aleister Crowley que, muito antes de toda a moda alienígena, em 1919, assemelhava-se à figura de alienígena *grey* que seria famosa algumas décadas depois. O desenho de Crowley carece de mais explicações, constando em sua legenda original apenas um comentário sobre Lam, que seria "o caminho"; não se sabe se o rascunho descreveria uma entidade ou seria um autorretrato distorcido de Crowley. Caso se imagine a hipótese de Malmstrom (2011), seria lúcido considerar algum estado alterado de consciência possivelmente alcançado por Crowley e associado ao mecanismo de reconhecimento facial primitivo antes mencionado. Há uma série de afirmações distintas sobre Lam, especialmente por Kenneth Grant, que fala dele como: grande antigo cujo arquétipo é reconhecível nos *grey*, como energia oculta que porta as vibrações de Maat e pode proceder deste futuro eon, ou ainda possivelmente a alma de um falecido Lama entre outras coisas mais (BOUDILLION, 2003).

Para alguns, o contato com Lam é resultado da operação Amalantrah, descrita no Liber DCCXXIX (CROWLEY, s.d.), onde Crowley teria contatado uma entidade misteriosa no ano de 1918. Há toda uma teoria que envolve Kenneth Grant, a figura de Lam e o fenômeno ufológico a nível global, interpretando estes alienígenas como algo muito mais complexo do que simples seres biológicos vindos “de longe”. Porém, qualquer um que leia o Liber DCCXXIX verá que se trata de um relato bastante onírico, cheio de detalhes cabalísticos e simbólicos que mencionam a interação com um “Wizard”, e absolutamente nada de “Lam” ou entidade extraterrestre

da forma vista por alguns. Mesmo assim, há uma edição mais recente do livro que vem com a figura de Lam na capa. O Liber DCCXXIX trata, na realidade, da comunicação mediúnica de Soror Achitha (Roddie Minor) com o "Wizard" e não deixa clara qualquer interpretação que favoreça hipótese de algum tipo de interação com entidades nomeadamente alienígenas. O texto que descreve a experiência é bem semelhante aos textos resultantes de exercícios de imaginação ativa, onde a pessoa envolvida, frequentemente trava contato com entidades imaginais.

De qualquer forma, a pesquisa nessa área é bastante infértil, uma vez que depende de relatos e testemunhos falhos e pouco confiáveis sobre experiências místicas e achismos que envolvem concepções pré-definidas de *eons*, energia e qualquer outro conceito que estabeleça a estrutura de uma escola esotérica. Contudo, é um exemplo válido para ilustrar a complexidade do fenômeno ufológico, que pode ser visitado e revisitado por várias trilhas diferentes.

Pairar sobre essas teorias e observar brevemente suas conjunturas permite um admirável exercício mental elaborador de possibilidades. Contemplar estranhas possibilidades é, antes de tudo, sabotar as visões pré-concebidas que são recebidas já enlatadas da mídia e da mente coletiva que interpretam a realidade sempre dentro de uma moldura anteriormente imposta. A realidade nunca é o que a moldura representa, mas reside num incapturável do ponto-cego, numa imprevisibilidade da situação. Assim, ver as possibilidades por diferentes ângulos concede, por vezes, a rara situação de um perder-se mais encontrado; ao mesmo tempo em que faz o assunto ficar pouco mais obscuro e complexo, diante da estranheza com que a realidade se porta, pode possibilitar um encontro mais certo com o fugaz objeto que se esconde.

Nesse caso, ainda seria possível explorar outras possibilidades que soam tão cobertas de absurdos que só poderiam ser vistas sob a classificação de exercícios imaginativos. Por exemplo, partindo da ideia de que a dimensão mítica parte de uma necessidade humana,

assim como a tentativa de se relacionar a algo que pertença a outra esfera que não humana, na corrente era onde é comum um investimento religioso em conceitos científicos e no homem, a via de escape da ficção projetada como mito no céu se torna uma consequência deduzível. Um evolucionismo translocado ao universo, com seus outros-homens evoluídos como os terráqueos ou de forma pouco diferente, mas sempre em estados avançados de tecnologia e consciência. A via do absurdo que abre essa opção é a de que tais seres poderiam não ser apenas produto do inconsciente ou da necessidade mítica humana, mas sim uma forma culturalmente influenciada de interpretar a existência de *algo mais* que nunca descobriremos. Um inefável ou nefando que, compreendido através de nosso precário aparelho perceptivo, surge ora como uma coisa e ora como outra, mas sempre *memed into reality*. Em consequência desse caminho, tomando-o como realidade, afirmar-se-ia que o vislumbre desses seres alienígenas diria respeito à absorção de um encontro com um *outro* sutil, com uma entidade diferente do homem e que não pode ser percebida inteiramente pelas limitadas capacidades perceptivas humanas, de modo que o homem distorceria sua figura em termos a ele compreensíveis. Esses termos seriam maleáveis, altamente influenciáveis pela cultura geral e mitologia, local onde se encaixaria a própria ficção científica.

Caso se assuma a possibilidade de um inconsciente produzindo realidade no mundo exterior, as consequências poderiam ser catastróficas, fazendo-nos deslizar em direção à completa esquizofrenia a irromper no espaço. Porém, essa possibilidade não significaria que *nossa* mente é poderosa, pois esses domínios **jamais seriam *nossos* de fato**, mas diria apenas que o homem é um orgulhoso insignificante assegurando pequenas porções de terra no continente gigantesco do inconsciente, acreditando que, ali, nas suas pequenas porções conquistadas, contêm os limites da realidade. No fim das contas, o constructo que se tem de psique seria apenas um conceito utilizado para dar segurança através da nomeação e delimitação, mas

que não teria poder nenhum sobre a real abrangência dos *seus* tentáculos sobre o mundo. Essa visão aparentemente tão absurda autorizaria um realismo mágico de consequências alarmantes, retroalimentando contos de elfos, demônios e anjos como modos de desvelamento de realidades elusivas que seriam, hoje, traduzidas através de uma linguagem científica na forma de uma miríade de seres diferentes advindos de outros mundos para nos visitar, raptar, prejudicar ou auxiliar. A partir desse contato com um outro misterioso, conduzido pelos filtros do inconsciente, esse mesmo outro seria produzido e lançado, ou projetado, ou manifesto a partir de outra realidade, na superfície do mundo. A única saída através dessa opção é a completa loucura, a insegurança dos fundamentos da existência e dos limites de qualquer estrutura. Talvez a esquizofrenia seja mesmo destino.

Vale apontar que a mobilidade do inconsciente agindo sobre essa espécie de filtro de realidades elusivas e sutis não agiria somente sobre a personificação desse *outro* misterioso na forma de criaturas mitológicas diferentes. Há também um espaço reservado para a espacialidade como *outro*. No caso, a projeção de determinados aspectos sobre espaços imaginados. Historicamente, sempre houve rumores de terras distantes legendárias, ilhas míticas, assim como todo um loteamento imaginário-mitológico do universo segundo entidades, qualidades e funções. É o caso de mundos *post-mortem*, o empíreo, moradas reservadas aos deuses, espaços destinados aos demônios, outras dimensões, castelos mágicos, reinos submersos, continentes perdidos e muitos outros. Desenrola-se, na concepção desses locais mágicos, uma noção de outro semelhante à mencionada quanto às entidades misteriosas, porém dentro de uma relação espacial, encontrando um *outro* do mundo. Em termos modernos, essa tendência estaria contida dentro da elaboração de outras dimensões, de planetas e estrelas distantes, terra oca, Antártida secreta e, por fim, em todo o espaço sideral que se torna uma infinita tela negra receptiva dos nossos sonhos e pesadelos. Porém, a elaboração dessa alteridade

espacial consumiria muitas páginas, de modo que o foco permanecerá na questão humanoide desenrolada desde o início do texto.

Há que se olhar para o fenômeno extraterrestre. Qualquer pessoa com uma inclinação para o Mistério tem um interesse natural nesse fenômeno. Venha ele de onde venha, é inegável que já adquiriu o poder de um mito moderno ao redor do qual já orbitaram histeria, loucura e acontecimentos inexplicáveis. Contudo, há que se pensar no tema indo além da camada analítica ufológica que o pensa *de dentro*, mas almejar buscar algo mais profundo ou mesmo alienígena, algo alienígena ao próprio extraterrestre. Todos esses exercícios imaginativos feitos até agora e que não poderiam ser chamados de levantamento de hipótese por lhes faltar o rigor necessário, auxiliam nisso. É de tal forma que se permite pensar coisas como: qual a garantia de que há, necessariamente, um elo causal entre o fenômeno dos discos voadores e o das abduções? O fenômeno dos OVNIs é realmente extraterreno? São naves? Tripuladas? Seus tripulantes são mesmo aqueles pequenos seres chamados de *grey* ou de alguma outra coisa? As perguntas possíveis são muitas e parecem sempre ligar evidências observáveis, como os OVNIs, com algum tipo de explicação a partir de relatos muito pessoais e incertos, como abduções resgatadas por hipnose ou até delírios psicóticos se organizando após um momento de injunção.

É incrível a interpretação de que supostos seres extraterrenos seriam tão semelhantes à espécie humana, levantando hipóteses de que seríamos descendentes deles ou de que a vida *desenvolvida* necessariamente deveria seguir rumo parecido com a humana, o que implica em uma espécie de evolucionismo terreno projetado no espaço, sutilmente propondo que o nosso futuro pode ser vislumbrado, no presente, através dessas criaturas tão estranhas retratadas na ufologia. Ao menos, hoje, a ficção científica já vem elaborando formas de vida inteligente concebidas cientificamente tão viáveis quanto; seres octópodes, por exemplo. Outra suposição curiosa geral é de que, além de uma forma humana, extraterrestres deveriam

também exibir um modo de pensamento humano, com semelhantes emoções e valores direcionados à virtude. Faria sentido numa perspectiva de que há o Bem dos filósofos e que a verdade condiz com diferentes níveis de desvelamento desse Bem (Το Αγαθον), mas parece inteligente deixar outras perspectivas livres, como a de que tal ideia é uma construção humana, demasiadamente humana, e que só diz respeito ao nosso próprio modo-de-ser e à nossa dimensão existencial inescapável.

Caso não se tenha a visão do Bem como fio condutor, o que poderíamos esperar de formas vindas do espaço? Ou, melhor, das formas superiores de vida surgidas de cantos obscuros do universo. O desenho humanoide, bem provavelmente, seria descartado, uma vez que é determinado por toda uma evolução de espécies anteriores adaptadas ao mundo possível de organização material que é a Terra. Caso se pense em um planeta remotamente similar à Terra, soa razoável imaginar tais espécies evoluindo como as espécies dela, mas mesmo essa é uma possibilidade remota. Tratando ainda dela, esses seres poderiam surgir em formas insectoides, octópodes ou mesmo sem formas por nós identificáveis, tudo dependeria do seu ambiente evolutivo. Obviamente, pensar em seres como insetos e octópodes já é uma presunção com raízes humano-terrestres que poderia nada ter a ver com a realidade, mas serve como um bom exercício imaginativo em oposição ao triunfo incontestável do design humanoide encontrado a todo o momento.

Algo interessante de se notar é que H. G. Wells (2017), em A Guerra dos Mundos, de 1898, já tomava a dianteira na questão alienígena, sendo sua teoria embasada cientificamente. Em termos de anatomia, descreve os marcianos que atacam a Terra como seres muito distintos dos humanos em sua morfologia, descrevendo-os como semelhantes a polvos e sem aparelho digestivo; eles eram como meras cabeças e não possuíam entranhas. Aquelas criaturas, com seus vários tentáculos, alimentavam-se do sangue vivo de outras criaturas. O mais interessante e aqui pertinente disso tudo é a descrição do tipo de

criatura que eles usavam para se alimentar. O "gado" que supria os marcianos em suas necessidades nutricionais era bípede, com frágeis esqueletos siliciosos e frágil musculatura, tendo altura de 1,80m, cabeças redondas e grandes olhos em órbitas duras. Esses seres eram tidos como gado de criação dos marcianos, de modo que estes criavam as estranhas criaturas bípedes, tão semelhantes aos humanos, para sua alimentação em Marte. Nota-se que a descrição desses seres lembra em alguns aspectos os famosos *grey* que se tornariam populares cerca de 70 anos depois.

Na obra de Wells é inserido um argumento que cativa a atenção: humanos sendo vistos como um tipo de gado pelas criaturas espaciais de uma espécie superior. Essa mesma visão repercute nos pavores de abdução e mesmo na abordagem das várias *estranhas colheitas* catalogadas na literatura. Dentro desse aspecto, os seres fariam suas incursões sobre a Terra tendo, entre outros objetivos, a meta de sequestrar humanos para suas experiências ou de mutilar pessoas e os próprios animais usados pelo homem para subsistência. Partindo da perspectiva sempre presente aqui de um filtro cultural agindo sobre um fenômeno misterioso, pode ser que nas especulações de Wells e sua guerra dos mundos já estivesse manifesto o gérmen do que se tornaria, com o passar do tempo e desenvolvimento silencioso da sua ficção, ponto comum da casuística ufológica.

Tratando de especulações em relação a possíveis inteligências não humanas vindas das profundezas espaciais, há muito o que pensar. Esses seres poderiam muito bem não ter qualquer tipo de empatia e compaixão como conhecidas pelo homem, agindo de uma forma que pareceria puramente esquizofrênica ao pensar humano, limitado por barreiras estruturais. A eles poderia corresponder algum tipo especulativo de *hyperlogos* que agiria além dos princípios lógicos por nós identificáveis. Ainda, eles poderiam parecer criaturas completamente irracionais e instintivas, mas aptas a elaborar maquinários e armamentos que ultrapassariam os pesadelos mais lovecraftianos sem, com isso, demonstrar qualquer nível de

humanidade, mas somente o que por nós poderia ser identificado como um comportamento instintivo da mesma natureza daquele que guia um pássaro a construir seu ninho. O reino da lógica mesmo desabaria diante da constatação de devires esquizofrênicos de organização instintiva, uma ponte entre o animal e o que é superior ao humano e que desconsideraria, em absoluto, todo o breve sonho que é a existência humana, da mesma forma que o despertar dos Grandes Antigos lovecraftianos, obliterando nossos momentos de glória sem sentir qualquer remorso com isso, tal como nós mesmos já fizemos com espécies inteiras que tinham sua razão-de-ser no mundo vivo do animal. Assumir que toda forma evoluída ou superior à forma humana é necessariamente humanoide ou de raciocínios semelhantes é de um grande egoísmo ou, talvez, seja essa apenas a nossa forma de conceber de forma a nós mais próxima conceitos e fenômenos de difícil tradução.

No tocante à distinta organização "mental" que poderia constituir entidades extraterrestres, recorre-se a Whitley Strieber (1987). Ao descrever seus alegados encontros com esses seres – aos quais não aplica o rótulo de extraterrestres, mas de "visitantes" –, menciona o fato de que eles lhe fazem pensar em insetos, mesmo apresentando aparência humanoide. Era algo sobre o modo com que os seres se moviam, tão rígido, e também os seus grandes olhos que sugeriam a ele uma natureza insectoide. O autor especula a ideia de uma espécie de inseto de colmeia ter se tornado inteligente em algum momento em outro planeta, ou mesmo aqui, sendo muito mais antiga que o homem e sua mente muito mais primitiva em estrutura. O autor pensa que uma mente de tal forma poderia ter um nível menor de diferenciação de uma criatura para outra em relação ao padrão humano, possuindo uma consciência menos individual ou independente. Se aqueles seres eram como uma colmeia, um enxame, eles poderiam se comunicar usando uma mistura complexa de sons, movimentos, odores e métodos ainda desconhecidos. Um enxame inteligente, como um todo, especula, seria muito inteligente, mas muito limitado individualmente em força e entendimento. Esses seres,

dentro dos voos mentais de Strieber, poderiam ter uma única grande mente, que poderia, sim, se dividir, mas muito lentamente. Para ele, isso poderia explicar todo o cuidado que os seres parecem ter ao interagir com humanos, pois um único humano poderia ser muito menos inteligente que eles, mas também de pensamento muito mais rápido. Ainda nesse campo, oferece a ideia de que um dos seres podia ter um papel de líder frente a outros que agiriam mais como *drones*, sendo guiados em suas tarefas. A mesma coisa se verifica a partir do estudo conduzido pelo psiquiatra John Mack (1999) com supostas vítimas de abdução. A partir dos relatos de algumas delas, entre várias espécies de seres, algumas bem próximas dos humanos, havia os pequenos seres cinzentos clássicos da ufologia, que pareciam mais trabalhadores num sentido insectoide, conduzidos por uma espécie de líder mais alto que os demais.

Whitley Strieber (1987) traz um ponto de vista curioso onde as entidades teriam tanto medo de interagir conosco quanto nós temos de encontrá-las em momentos cegos do cotidiano. Ressalta um aspecto de coreografia dos movimentos que faziam os seres, como se cada ação realizada por um dos seres fosse decidida em outro local e aí transmitida àqueles seres em específico. Pensa em uma única mente com milhões de corpos, uma criatura de grande inteligência, mas sem a velocidade de pensamento e decisão de um ser independente. De tal modo, um humano de pensamento rápido e autônomo poderia se tornar um tipo de ameaça. O autor chega a sondar o campo da linguagem, afirmando que, caso esses seres sejam de tal forma insectoides, a sua linguagem seria mais uma função biológica que algo aprendido.

Se pensarmos a linguagem como "morada do ser" e em essencial ligação com a forma de ser do homem e do mesmo se relacionar aos entes ou desvelá-los, salta-se à noção de uma inteligência que não corresponde ao nosso modo de ser – ainda que "inteligente" – fazendo da comunicação entre essa espécie (sejam os "outros" extraterrestres ou não) e a nossa uma dificuldade essencial à

qual nenhuma Pedra de Roseta seria suficiente. Outro aspecto relevante nessas observações é o de subverter a noção comum de que seres alienígenas estão numa inquestionável posição de superioridade em relação ao homem; a questão passaria distante disso, estando mais no terreno de uma diferença essencial à qual não cabem julgamentos sobre uma suposta primazia. A importância dessas observações de Strieber reside, entre outras coisas, na constatação de que seres inteligentes não precisariam corresponder, necessariamente, à nossa noção do que é racional, abrindo-se a possibilidade de um tipo de "hyperlogos" que, em estranhos caminhos, percorreria outras trilhas levando em conta dados da realidade que não são acessíveis ao homem. Jacques Vallée (1993) menciona possibilidade semelhante, pela qual seria teoricamente plausível a hipótese de o universo conter criaturas inteligentes exibindo tal organização que nenhum modelo desta poderia ser construído com base nos conceitos classificados atualmente; o comportamento destes supostos seres então pareceria aleatório ou absurdo, ou mesmo indetectável. Caso, a partir de Strieber (1987), especule-se uma linguagem essencialmente diferente – e aqui se entende linguagem como estrutura originária e não o apontar dos entes por mecanismos linguísticos variáveis –, isso poderia implicar em contextos de existência radicalmente alheios ao que se tem a todo o tempo como humano e cuja transcendência se torna impossível a nível existencial. Mais sobre Whitley Strieber e Jacques Vallée será abordado em outro capítulo do texto.

Entre Haunebus e Registros Militares: Desatando um Nó

Seguindo no rastro da ufologia, historicamente, encontram-se indícios de OVNIs em várias obras de ficção e em vestígios culturais antigos, lembrando que a sigla não significa mais que Objeto Voador Não Identificado, ou seja, pode se referir a qualquer tipo de objeto que voa e não possa ser identificado. Há quem ache OVNIs na bíblia, em textos gregos, obras chinesas, petróglifos, textos sumérios e em cada canto onde houve algum registro histórico antigo. É necessário mencionar o alcance e a influência que alcançou o livro *Eram os Deuses Astronautas?* de Erich von Däniken? Há o registro, em Nuremberg, Alemanha, de que, no ano de 1561, o céu foi invadido por esferas e cilindros, assim como cruzes voando pelos céus e batalhando entre si, com objetos caindo sobre a terra enquanto soltavam fumaça. Há também eventos antigos retratando "navios no céu". Os casos a serem observados são numerosos de certa forma, apesar de nem de longe se aproximarem da frequência atual, talvez por falta de documentação. Porém, pouquíssimos poderiam ser associados à estatisticamente esmagadora predominância da visão moderna dos "discos voadores", aparelhos que mantêm certa uniformidade nos testemunhos recentes, mesmo havendo outras formas de aparições relatadas. Já chegou o disco voador.

Apesar de haver antecedentes na ficção científica do século XX para formas discoides voadoras, um evento parece ter influenciado tremendamente a concepção popular de OVNIs: a Segunda Guerra Mundial. Em 1930, Alfred Rosenberg escreve o livro O Mito do Século XX, lançando bases de uma concepção metafísica de nacional-socialismo que vive ainda hoje em grupos esotéricos minoritários. De maneira profética, a escolha do título foi feita muito acertadamente, involuntariamente expressando uma verdade que adentrou com força no século XXI.

Com o fim da II Guerra, através dos acontecimentos, a figura de Hitler alcança o status de mal absoluto, de Anticristo, de uma espécie de mal exterior, alienígena, que entra na história, vindo de algum mundo tenebroso e sai da mesma história para ir ao inferno depois de trazer um pouco dele para o mundo. Mais que isso, Hitler se torna um definidor por oposição do que deveria ser elevado como conceitos absolutos do mundo pós-guerra: se Hitler é o mal absoluto, tendo ele defendido princípios de desigualdade, valoração étnica e uma ótica de alguma forma "tradicionalista", então a modernidade, como antítese desse demônio, *deverá ser pautada justamente no oposto.* Novamente, o secular é investido com as forças religiosas da psique humana. Ou, melhor, aí estaria a raiz de muitos processos de elevação de conceitos humanistas à categoria de dogmas quase religiosos, sobretudo o ideal de igualdade, tendo esse processo o maior grau de atualização no mundo protestante anglo-saxão, especialmente nos EUA, onde o puritanismo deixa como herdeiro distorcido um tipo de deificar do homem. Sem entrar em muitos detalhes, é óbvia a força mitológica com que Hitler e o nazismo ingressaram na mentalidade humana no século XX. Quando Rosenberg escolhe o título de seu livro, mesmo sem querer ele acerta. O nazismo foi o Mito do Século XX, tanto para aqueles que viram nele um princípio demoníaco manifesto, um projeto de eliminar as luzes do progresso humano, quanto para aqueles que chegaram a ver em tal sujeito histórico uma tentativa de oposição contra forças que estes identificam, por vez, como malignas. A forma como esse marcante evento histórico permeia o discurso político moderno seria consequência desse fenômeno.

No fim da Segunda Guerra, começam estranhos relatos sobre luzes voando pelo céu. Eram chamadas de *Foo Fighters* e os aliados acreditavam que sua causa era algum tipo de arma secreta do eixo, porém os membros do eixo também relatavam o encontro com as estranhas luzes no céu. A verdade é que o mistério ficou sem resolução, deixando para trás um terreno extremamente fértil para especulações e teorias de conspiração. A mais incrível delas envolve, como a suspeita

original dos aliados, tecnologia secreta alemã. Hoje se sabe que a Alemanha trabalhou no desenvolvimento de vários modelos de naves pouco ortodoxas. Mesmo em 1959, no projeto Blue Book (investigação do fenômeno OVNI por parte do governo americano iniciada na década de 50), o capitão Edward J. Ruppelt relatou que, ao fim da II Guerra, os alemães tinham vários projetos inacabados de aeronaves e mísseis. Mesmo que a maioria estivesse em estágios preliminares, o capitão dizia que seriam os únicos tipos de tecnologia que poderiam se aproximar do desempenho relatado nos testemunhos ufológicos.

A mitologia em torno desses estranhos experimentos nazistas é bastante nebulosa, sendo difícil de ir às suas fontes. As teorias de conspiração, que hoje têm um significado poderoso em termos de fortalecer mitologias modernas, parecem dominar todo o tema. Em nosso caso, isso não é particularmente ruim, pois não se busca investigar a "verdade por trás do mito", mas "a verdade do mito" ou as formas com que se desenvolve à sua própria maneira. Quanto ao tópico, parece destinada ao fracasso qualquer tentativa de achar um estudo sério sobre o assunto, nem que seja uma análise das fontes envolvidas em tais teorias conspiratórias. Muitas vezes, aparentes documentos do III Reich detalhando as aeronaves são oferecidos junto ao texto, mas sem garantia nenhuma de sua veracidade.

Seja como for, o Reich teria desenvolvido algumas aeronaves diferentes do habitual. Porém, aparentemente, é só a partir de 2000, com um livro de Igor Witkowski, que se conhece a nave *Die Glocke*, ou *O Sino*, um tipo de máquina em forma de sino, com uma suástica em sua lataria e estranhos símbolos próximos à sua base. Ela é incrivelmente parecida com um OVNI que teria supostamente sofrido um acidente no estado norte-americano da Pensilvânia, em 1965, caso que ficou conhecido como *The Kecksburg UFO Incident*. A semelhança entre os objetos pode parecer incrível a qualquer investigador, porém, não seria nada surpreendente se essa suposta aeronave *Die Glocke* tivesse sido inventada em 2000 por um autor polonês, 35 anos depois do incidente norte-americano e já tendo disponível como base um

modelo presente na cultura ufológica. Caso verdadeira a última hipótese, ter-se-ia esse OVNI nazista como um produto secundário dentro da cultura ufológica, sendo fruto de uma inversão, e não elemento primário e misterioso. Portanto, nessa questão específica e interpretada de tal modo, o nazismo, pela sua condição mitológica – que lhe confere mais potencialidades de ligações mentais –, seria enredado no mundo ufológico apenas como peça secundária, forjada como efeito de outras questões anteriores, que não é o que se busca no texto.

Outros aparatos voadores teriam sido produzidos pelos nazistas dentro de uma série intitulada *Haunebu*. Esses objetos em forma discoide teriam a capacidade de voar em velocidades altíssimas, ultrapassando todos os números alcançados pela tecnologia até hoje. Ao fim da guerra, teriam sido peça chave do deslocamento de um grupo seleto do III Reich com indivíduos "geneticamente aptos" até bases secretas na Antártica para, de lá, se preparar para uma guerra futura. Aqui, tem-se um mito quase sebastianista ainda vivo entre os herdeiros esotéricos do nazismo, sendo especialmente reforçado por textos de vários ocultistas que deixam transparecer uma espécie de anti-teosofia; uma via da mão-esquerda ou uma sombra das teses universalistas e igualitárias pertencentes ao que chamam de *Grande Fraternidade Branca*. Em oposição, para a maioria, que tem no nazismo a manifestação do maligno e da falta dos princípios divinos que guiam a humanidade em sua dimensão benéfica, o mito do Reich Antártico estaria associado à Sombra enquanto segredo, como o oculto reprimido sob a camada superficial; algo que permanece lá, escondido, mas como constante ameaça inacessível, talvez remetendo ao medo da insurgência de passadas tendências totalitárias.

Contudo, a questão principal dentro do tema que se adentra seria a da procedência dentro da mitologia que envolve a narrativa ufológica. Sabemos que a fixação com discos voadores começa, mais ou menos, no século XX, sendo, em muito, impulsionada pela ficção científica – poderia se falar até em uma fixação científica que energiza a

transferência de princípios religiosos para domínios seculares. Experimentos fracassados com formas de discos voadores já aconteciam ocasionalmente no início do século XX, de modo que é permitido afirmar que já estava se movendo, na mentalidade Ocidental, a ideia de discos voando pelos céus. Portanto, não seria possível atribuir aos alemães a criação do conceito de disco voador em si, pois a ideia também já era encontrada em publicações de ficção científica nos EUA, por exemplo. No entanto, sabe-se que é bem após a II Grande Guerra que os avistamentos de OVNIs em forma de disco crescem exponencialmente. Caso todos aqueles supostos projetos de *Haunebu*, *Vril* e outros tipos de aeronaves em forma de disco fossem realidade e, ainda mais, criações que cumpriram com seus fins, não seria absurdo pensar que o misterioso fenômeno dos OVNIs estivesse intimamente ligado aos nazistas e a todas as conspirações especuladas acerca deles no pós-guerra.

Voltando às possibilidades imaginativas que servem como exercício mental, a possibilidade de os nazistas terem efetivamente construído OVNIs faria pensar no motivo de os alemães terem optado por desenvolver aeronaves em forma de disco, que se aproximam tão bem dos relatos dos objetos avistados nos céus frequentemente durante todas as décadas seguintes. Ora, OVNIs desse tipo começaram a ser vistos com frequência muito maior após o advento do Reich e a II Guerra, sendo que alguns atribuem o caso precursor do gênero a Kenneth Arnold (verão de 1947). Tirando alguns antecessores na ficção científica, a ideia de disco voador estava ainda muito pouco desenvolvida e popular se comparada à atualidade. Seria bastante surpreendente se um governo tivesse desenvolvido algo parecido e, após tal evento, os números de aparições de semelhante maquinário aumentassem absurdamente. Esse caminho de pensamento, somado às outras teorias conspiratórias como as que envolvem a *Operação High Jump*, o Almirante Byrd, a *Operação Paperclip* ou o envolvimento de Juan Perón com os nazistas, supostamente cedendo 10 mil passaportes argentinos em branco a estes, faz pensar em um mundo paralelo ao

nosso, um mundo onde o Reich permanece vivo e atuando de maneiras misteriosas pelo mundo com suas naves de engenharia incompreensível.

Pode parecer uma um passo fora da trilha tratar desse assunto, mas não é dessa forma. O nazista, uma vez emparelhado pelos fatos históricos à forma primordial de mal e de antagonista aos princípios iluministas que, depois da sua vinda, foram reforçados em escala planetária, é um representante poderoso da Sombra e do outro. Ele, também, é frequentemente investido, nas representações culturais, de uma humanidade inumana. Surge como uma pessoa que carrega consigo todo o sadismo, a frieza, o apreço pela exatidão e pela ordenação total, assim como a primazia da raça e da desigualdade, tudo apontando para algo de sombrio em relação ao modelo ideal de indivíduo *ocidental*: tolerante, igualitário, acolhedor, democrático e humilde. Essa poderosa alteridade com que os nazistas foram investidos transborda em representações fictícias dos mesmos como vampiros, zumbis, demônios, alienígenas, viajantes do tempo, magos negros, espíritos ancestrais etc. Até Jung (1990) viu, em Hitler, a encarnação de algo externo, o arquétipo do Wotan germânico, sendo o nazismo um caso de possessão arquetípica que deu errado e teve consequências catastróficas. Como um dos grandes mitos da modernidade, o nazismo se torna peça importante para o desenvolvimento do tema da alteridade envolvendo as concepções dessa mitologia moderna que junta seres extraterrestres com fenômenos celestiais misteriosos e uma teia conspiratória global que nem Fox Mulder conseguiria elaborar tão bem. Porém, para fazer justiça à situação, é preciso oferecer um ponto de vista oposto ao exercício mental conspiratório do parágrafo anterior, que mencionava a possibilidade de os OVNIs terem essa procedência germânica.

Em uma entrevista concedida a Maurizio Baiata em 1997, os ufólogos Michael Hesemann e Desmond Leslie (2010) trazem informações por vezes ignoradas quando o assunto é o envolvimento do Terceiro Reich com o fenômeno ufológico. Primeiramente,

esclarecem historicamente o papel dos três engenheiros responsáveis pela tentativa de desenvolvimento do Programa V-7 na Alemanha nazista: Rudolf Schriever, Heinrich Richard Miethe e Otto Habermohl. Dois destes engenheiros, interessados nos possíveis benefícios da Operação Paperclip, que possibilitaria ocupar uma posição científica sob a guarda do governo norte-americano, garantiram à mídia que seu protótipo voava com uma aceleração de 1.400 km/h. Chamados pelos americanos, eles teriam obtido os mesmos resultados catastróficos que tiveram tentando desenvolver seus modelos sob a guarda de Göring (secretamente, pois Hitler não se entusiasmara com a ideia). O resultado desse projeto foi o trágico AVRO-VZ9, um tipo de disco voador que voava desajeitadamente a alguns centímetros do chão. Em 1996, um ano antes da entrevista de Hesemann e Leslie, Andreas Epp, um dos envolvidos em toda essa história, ainda procurava financiadores para os seus projetos, encontrando grandes dificuldades dada a improbabilidade de sucesso.

Outro ponto levantado na entrevista trata do fato de o meio ufológico germânico ter sido inundado por supostos documentos descrevendo discos voadores nazistas na década de 70. Michael Hesemann garante que esses documentos, tão famosos hoje em círculos esotéricos e conspiratórios, têm como origem uma *Tempelhof Society*. Essa ordem clamava descender dos Novos Templários, sociedade fundada por Lanz von Liebenfels no século XIX. Essa *Tempelholfgesellschaft* publicara um documento que buscava comprovar que as naves descritas por George Adamski eram, na realidade, um artefato germânico chamado *Haunebu*.

É justo, neste momento, explicar um pouco quem foi George Adamski. Americano de origem polonesa, ele teria contatado extraterrestres de aparência nórdica que o teriam levado para voos interplanetários. No fim dos anos 40 e nos anos 50, ele falava sobre os planetas do sistema solar como habitados, descrevendo detalhes da suposta superfície de Vênus, por exemplo. Adamski relatou que, em 1952, no deserto da Califórnia, teria tido contato com um ser de Vênus

chamado Orthon, que tinha aspecto nórdico e se comunicava por telepatia. Outra alegação fantástica de Adamski foi de que os venusianos o levaram para um *tour* pela galáxia, fazendo-o conhecer um grande mestre filósofo venusiano de 1000 anos, que revelou as preocupações daquele elevado povo com os rumos que a Terra vinha tomando em sentido armamentista. Adamski se convertia, assim, em um mensageiro do povo de Vênus e de sua mensagem de paz e amor, da mesma forma que, segundo o autor, havia sido Cristo. Toda a narrativa de Adamski é repleta de reivindicações absurdas e farsas evidentes. Há quem tente ainda reverter o caso ao dizer que o suposto venusiano de 1952 fosse, na realidade, um alemão disfarçado e pertencente ao suposto grupo que conseguiu fugir da guerra e se manter em bases secretas. Para tal alegação, usam da semelhança das naves descritas por Adamski ao suposto *Haunebu* nazista, imaginando que a semelhança dos dois artefatos se trate de algum tipo de coincidência ou de eventos reais interligados. Adamski, na realidade, foi um pioneiro para vários casos parecidos que apareceriam depois, com pessoas alegando contato com seres extraterrenos e uma iluminação superior recebida dos mesmos. Para John Keel (1996), em inesperada observação, Adamski e outros podem ter sido vítimas do aspecto *trickster* do fenômeno protagonizado pelas estranhas entidades retratadas como extraterrenas. Partindo do gancho da história de Adamski, Hugh Ross e Kenneth Samples (2002) apontam para o fato de que as misteriosas "mensagens" das entidades costumam ir de encontro ao grau de instrução científico das testemunhas, como se fosse uma mensagem confeccionada para impressionar a pessoa com novas revelações científicas. Os autores mencionam como as entidades indicavam para as pessoas a Lua como local de origem antes do século XX, mas, quando a impossibilidade da vida na Lua se tornou amplamente conhecida, a história mudou. Falavam em Vênus, mas as pessoas souberam logo da impossibilidade da vida no planeta, então o suposto lar dos extraterrestres migrou para locais cada vez mais distantes, ultrapassando os limites do sistema solar.

Ainda na entrevista, Michael Hesemann (2010) trata do nome *Haunebu* e da sua origem. Conta o pesquisador que, em 1953, Jürgen Spanuth, pregador protestante, visitou um templo no Egito onde havia a descrição de uma batalha entre Ramsés III e um "povo do mar" vindo de um país chamado Haunebu. Esse povo teria sido derrotado pelos egípcios e se assentado em Gaza. As características de sua cerâmica indicam que teriam vindo de alguma ilha grega. Spanuth viu que alguns dos soldados de Haunebu eram descritos com elmos possuindo chifres, como aqueles falsamente atribuídos aos vikings. Como Haunebu significava "Ilha ao Norte" (mas ao norte do Egito!), ele pensou que poderia se tratar de povos germânicos do passado e que o termo descrevia as Ilhas Frísias no norte europeu. Assim, o nome Haunebu como designação antiga das terras germânicas passou a ficar popular em alguns círculos místicos nos anos 50. Diz Hesemann que, assim que os supostos documentos emergiram, já podiam ser tomados como farsas, pois não haveria qualquer motivo para que os nazistas usassem um termo apenas de conhecimento dos egiptólogos, indicando ilhas gregas, para designar um projeto seu, ainda mais tendo em conta que o engano de Spanuth viria a ser feito apenas em 1953, anos após o fim da guerra. O suposto Haunebu mostrado nos documentos falsificados não seria mais, alegam os entrevistados, que o disco voador de George Adamski, copiado do seu livro *Inside the Spaceship*, o que levou a certos grupos inverterem a ordem dos fatores, alegando que o que Adamski teria visto é que lembrava os supostos discos nazistas. O mesmo Hesemann diz que levou os supostos documentos até um criminologista para análise da tipografia apresentada, de onde se concluiu que o modelo da máquina de escrever utilizado era uma Gabrielle fabricada pela Triumph Adler em 1972 e o desenho reproduzido no documento foi pego do livro *Space Gravity and the Flying Saucers* de Leonard Cramp.

Ao que tudo indica, o que existe é uma enorme rede de boatos e reformulações de interpretações errôneas e *hoaxes* antigos perpetuados por grupos esotéricos. Os elos entre a questão ufológica e mística, ou

mítica, são bastante evidentes. Alimentadas pelo semianonimato de páginas aleatórias de conspiração na internet, onde as fontes usadas são sujas por obscuridade e as alegações extraordinárias são cobertas por fantasias de grandes conspirações, todas essas teorias foram se espalhando como vírus, uma alimentando a outra, criando quase que uma realidade alternativa povoada por OVNIs nazistas, repleta de bases secretas e submetida ao acobertamento internacional. O calor da disseminação constante de informação funde em si o mítico e o científico, criando um solo fértil para as crenças do homem moderno, plantando estranhos gnosticismos germanicistas em redes subterrâneas de inconformistas político-esotéricos. Se o nazismo, assim elaborado, mostra-se como um tipo estranho de religião, os elementos de conspiração e de ufologia agem em dissidências mais extremas desta mesma religião, montando uma espécie de fenômeno de Sombra da Nova Era e da Teosofia, em um simulacro de combate entre Grande Fraternidade Branca e uma Ordem Negra que traria consigo um *æon* que despontaria, na visão desses grupos obscuros, como uma das possibilidades futuras desse combate. O combate real é substituído pela guerra de futuros possíveis que tem lugar na mente daqueles que servirão como *vasos arquetípicos* para os conteúdos disseminados na ficção, na conspiração e nas religiões secretas da modernidade.

Contudo, sendo esclarecida até certa altura a natureza dessas alegações fantásticas do Reich como Mito do Século XX em nível de alteridade alienígena, sendo indicado que tais alegações pouco têm de base real, que diabos seriam os OVNIs? Seriam uma histeria coletiva ou, como quis Jung, projeções de totalidade para o desenraizado homem moderno?

A realidade é que, na altura da história em que nos encontramos, já se torna controverso negar realidade ao fenômeno OVNI. Na época de Jung, essa questão ainda estava se desdobrando, introduzindo-se como fenômeno. Havia pouca informação e uma tentativa constante de desmoralizar o tema. Nas décadas mais

recentes, os governos vêm progressivamente liberando dados sobre suas aproximações mais conhecidas aos OVNIs. Muitos governos, inclusive, já admitiram a realidade do fenômeno, com testemunhos assombrosos sendo entregues a público por David Grusch em 2023. Assim, sem recorrer aos relatos populares tão sujeitos aos delírios de pessoas comuns capturadas por alguma psicopatologia, é possível, dentro de uma pesquisa, basear-se somente em dados liberados pelos governos (caso a seriedade destes seja, de fato, um termo a ser reconhecido). Por exemplo, em 19 de maio de 1986, houve, no Brasil, a chamada Noite Oficial dos OVNIs, quando uma série de objetos voadores não identificados surgiu nos céus brasileiros em diversos estados, sendo os objetos até perseguidos por aeronaves brasileiras. Já foram liberados os áudios das conversas entre os profissionais envolvidos e muitos materiais referentes à noite, apesar da totalidade de evidências não ter sido disponibilizada. Um dos aspectos mais interessantes do evento é que, como em outros casos pelo mundo, os objetos foram devidamente capturados em radar, evidenciando sua realidade física. Os OVNIs demonstravam formas inteligentes de voo e manobras em ângulos improváveis. Na ocasião, o capitão Armindo de Souza Viriato recebeu a missão de se aproximar de um OVNI e, chegando próximo dele e se colocando em posição de alvejar o alvo, repassou a informação à defesa aérea, informando que o objeto estava no radar e que já estava em condições para alvejá-lo. Ao passar essa informação, aconteceu algo de muito curioso: o objeto voou numa velocidade que chegou a 15.000 km/h, distanciando-se definitivamente da aeronave brasileira. A questão que fica é: o que os radares capturaram naquela noite e em tantas outras ocasiões em que se sucedeu coisa semelhante?

Ainda haveria a possibilidade de entrar no estranho caso do chupacabras, documentado por Carlos Alberto Machado (2001) em pesquisa de campo feita durante o auge dos ataques no Paraná. Seu documentário (Dossiê Chupacabras), feito no final dos anos 90, e seu livro (Olhos de Dragão: Reflexões para uma nova realidade) são peças

valiosas para a criptozoologia e ufologia mundiais, embora ainda pouco conhecidas em relação ao reconhecimento que caberia ao seu mérito. No documentário, munido de uma câmera VHS, Machado registra estranhos fenômenos nos locais de ataque. Por exemplo, conseguiu capturar o resultado de um dos ataques que ocorreu em um aprisco (devidamente cercado) na região rural de Ortigueira, interior do Paraná: no espaço de poucas horas da madrugada, em total silêncio, algo deixou 66 ovelhas mortas, empilhadas e sem sangue num canto da instalação. Em outro caso, o pesquisador conseguiu filmar, na mesma noite em que houve ataque em uma fazenda vizinha da qual estava fazendo vigília, um OVNI que voava lentamente sobre a fazenda. Esse fenômeno nomeado do chupacabras é ainda uma incógnita na história recente, ainda mais pela sua associação com estranhas luzes e sua delimitada extensão no tempo, cessando sua atividade quase de repente. Diferente da infinidade de alegadas abduções, o mistério deixou um rastro de sangue, de prejuízo para produtores rurais e uma quantidade ainda mais absurda de perguntas sem resposta, provocando um profundo questionamento do enquadramento cômodo da realidade que nos convoca diariamente ao conforto de anestésicas suposições.

Mesmo com toda essa caracterização, o buraco aberto pelo fenômeno das mutilações de gado vai mais fundo que o caso chupacabras. Sendo forte nos anos 90, sabe-se que casos muito semelhantes de mutilação já tinham ocorrido, mas sem o mesmo colorido do caso chupacabras, com suas criaturas monstruosas vagando pelas áreas rurais. Em 1968, como compilado por Albert Rosales (s.d.), na Bolívia, um caso muito semelhante de mutilação ocorreu, mas envolvendo seres muito distintos dos casos que viriam a assombrar as Américas algumas décadas depois. No relato registrado por Albert Rosales, Valentina Flores estava com suas lhamas quando descobriu que o curral das ovelhas estava coberto por uma rede feita por algo parecido com plástico, e dentro do curral estava um ser de capacete, com cerca de 1 metro de altura, engajado em matar sua

criação usando um instrumento tubular com um gancho no final. Ela atirou pedras na criatura, então ele se aproximou de um instrumento que parecia um rádio e, movendo uma roda, rapidamente absorveu a rede. Ela se aproximou do curral com um porrete e o ser atirou seu instrumento contra ela várias vezes, sendo que o instrumento voltava para ele como um bumerangue, chegando a cortar os braços dela. A entidade pegou a máquina que tinha absorvido a rede, um saco com entranhas das ovelhas e os colocou numa mochila nas suas costas. Duas pernas teriam surgido da mochila e se estendido até o chão, elevando a criatura no ar com um "som extraordinário", fazendo o ser sumir. A mulher teria encontrado 34 ovelhas mortas e em todas faltando porções dos órgãos digestivos. Esse estranho caso de mutilação antecede em muito o dos chupacabras, mas apresenta uma tipologia totalmente diferente. Seria um tipo de filtro cultural agindo na distorção da forma com que o fenômeno é percebido pela pessoa? Ou os seres teriam mudado sua forma de mutilar gado com o passar dos anos? A materialidade deste relado não é provada como nos casos mencionados do chupacabras no Brasil, mas levanta muitas perguntas sobre a que esse fenômeno pertence, fazendo questionar que tipo de histeria coletiva ou alucinação poderia deixar rastros tão violentos nas criações?

Casos em que houve direto envolvimento do governo não são raros. Há o Projeto Blue Book, a Operação Prato e muitos outros que servem como, ao menos, testemunho de que há algo acontecendo. Porém, em meio a um mar de alegações fantasiosas como as de Adamski, de relatos bizarros de abdução e de evidências duvidosas, pairam ainda muitas dúvidas sobre o tema. É justo dizer que, tomando as evidências mais sérias como base, não há um motivo muito forte para supor, de fato, que o fenômeno OVNI tenha uma origem extraterrestre. Essa visão, mais do que um elemento desanimador, serve como uma poderosa abertura às possibilidades. Desse modo, esse pensamento que foi tratado anteriormente no texto serve, agora, para reajustar o ângulo de abordagem da temática.

Seja como for, a natureza não identificada desses objetos voadores é matéria prima para a construção de robustos mitos dentro da modernidade, sempre aplicando a já mencionada condição de alteridade aos supostos tripulantes das aeronaves ou dos responsáveis pelos seus voos. É aceitável crer, portanto, que toda essa contextualização já situa o olhar confortavelmente diante do mistério que surge por essa fresta nos céus; não se fazendo necessário entrar imediatamente em outros temas mais estranhos ainda como OSNIs, civilizações ocultas na Terra ou manifestações desconhecidas provindas da própria Terra (agroglifos como fenômeno planetário espontâneo, por exemplo).

A imaginação já foi suficientemente exercitada até aqui. O ponto central que perdura é o de que há uma poderosa rede de informação disseminada de modo quase anônimo, energizando mitos modernos que orbitam em torno da concepção de um *outro* espacial e mítico. Essa mitologia científica conspiratória acaba por alimentar possíveis futuros em níveis políticos e mesmo espirituais, usando como vetores o anonimato virtual e a caótica disseminação de informação da periferia até o centro da história. O que permanece de extremamente estranho é o fato de as alegações estarem, sim, ligadas a manifestações físicas ainda incompreensíveis, como os OVNIs.

Os Sussurros do Homem Mariposa

Através de alguns podcasts que gosto de ouvir antes de dormir, tornei-me mais familiarizado com John Alva Keel. Já o conhecia há muito tempo, principalmente por seu papel na disseminação do misterioso caso do Mothman de Point Pleasant ocorrido em 1967. Por ainda não conhecer suas teorias sobre todo o fenômeno das "humanidades inumanas" e do próprio campo do nefando, foi uma grande surpresa saber que ele havia, por sua própria via investigativa, chegado a pensamentos muito próximos aos que eu mesmo havia chegado nesses detalhes um tanto confusos que expus no texto. Fascinado, debrucei-me sobre Operation Trojan Horse e encontrei, ali, apontamentos que reforçam, em muito, várias exposições feitas aqui. Na mencionada obra, o autor dispõe uma ótima reunião do seu pensamento geral sobre temas como ufologia, demonologia, mitologia e outros, colocando-os sob guarita de um mesmo fenômeno, culminando na ideia que dá título ao texto: um imenso Cavalo de Troia milenar às portas da nossa realidade.

Através de um grande levantamento de fatos, John Keel (1996) investiga vários avistamentos de OVNIs ao longo da história, demonstrando como a natureza do fenômeno se alterou de forma bizarra de acordo com o enquadramento cultural – o que joga com o inconsciente coletivo – de cada era. Em 1897, por exemplo, o autor traz à luz uma misteriosa onda de avistamento de aeronaves que se assemelhavam mais a navios voadores, muitas vezes despejando âncoras do céu para aportar em alguma região, deixando perplexos seus habitantes. Em várias ocasiões, houve interação com a tripulação dessas aeronaves, que sempre parecia bem informada dos fatos do mundo e dizia estar voando de um determinado país a outro. Era frequente que esses estranhos tripulantes vestissem uniformes parecidos com os de marinheiros e tivessem feições "estranhas" às testemunhas, geralmente apresentando uma tez mais escura e olhos puxados. Essa expressão humanoide vai de encontro ao exposto

anteriormente em relação à alteridade, especialmente no mérito étnico, transpassando diferentes níveis em sotaques estranhos, nomes estrangeiros – muitas vezes jogos com grego e outros idiomas antigos – e um geral estranhamento em relação aos humanos testemunhos do fenômeno. Contudo, talvez mais interessante seja o fato de que por várias vezes essas maravilhas da engenharia oculta – em uma época onde não havia nenhuma aeronave do gênero – deixavam rastros na terra: âncoras, pedaços de metal e outros. Esses pedaços eram de composição comumente encontrada na Terra, nada de materiais misteriosos de procedência externa.

O autor se depara com um grande problema: qualquer teoria aceitável para o fenômeno deveria oferecer uma explicação para todos os dados obtidos. A teoria mais aceita pelos círculos ufológicos simplesmente não dá conta da tarefa. Inclusive, John Keel (1996) acusa os ufólogos de *cherry picking*, de selecionar cuidadosamente os casos que se encaixam em sua narrativa para então incorporá-los e expô-los dentro do enquadramento já formado da ufologia. Seguindo o levantamento de Keel, percebe-se que os casos "tradicionais" de OVNIs como discos voadores (ou triângulos, esferas etc), com pequenos homenzinhos cinzas são minoria numa escala histórica mais abrangente. A maior parte dos casos oferece um misto singular de seres humanoides estranhos, fantasmas, demônios, aeronaves improváveis – e quase sempre distintas – e vários outros fenômenos que não podem ter todos a mesma gênese material deduzível, como se verifica ao estudar uma obra como 1973- Year of the Humanoids, de David Webb (1973). O fenômeno poderia se manifestar, segundo a história dos relatos, em aviões fantasmas, navios no céu e entidades vivas variando de homenzinhos verdes a gigantes de um olho só, porém, nesse olhar, nenhuma configuração seria sua forma real. Como exemplo, essa constatação de Keel relembra um relato de meu pai, que falava sobre uma caixa de madeira que flutuava no céu sobre uma estrada deserta do Paraná nos anos 70, coisa que carece de qualquer lógica. Assim, mais que uma *ufologia*, para o autor, o fenômeno deve ser visto no que

realmente abrange: uma história de fantasmas, espectros e estranhas aberrações mentais, de um mundo invisível que nos cerca e ocasionalmente nos engole, um de profetas, profecias, deuses e demônios. Fala de um mundo de ilusão e alucinação onde o irreal parece muito real e a própria realidade é distorcida por estranhas forças que parecem conseguir manipular o espaço, tempo e matéria. Nesse ponto de vista, para Keel, os discos voadores não parecem mais que um disfarce para um fenômeno oculto, como se fossem Cavalos de Troia descendo em nossas florestas e áreas rurais, prometendo salvação e oferecendo o esplendor de alguma fantástica super civilização nos céus. "There's Black Ships in the sky, Black Ships in the Sky and Black Ships in my eye." (TIBET, 2017).

Em seus próprios exercícios imaginativos, Keel (1996) se debruça sobre a percepção humana, que sabidamente abrange determinada faixa do espectro da realidade, pensando na possibilidade de entidades além dessa faixa. Através de meios que lhes são próprios, essas entidades poderiam ingressar na faixa correspondente à percepção humana e produzir ali fenômenos sensórios. Por meio desta habilidade, poderiam operar em vários terrenos diferentes, incluindo a interferência em nossos meios de comunicação, o que, hoje, tantos anos depois da confecção do livro, faz pensar nos desdobramentos que esse fenômeno poderia ter no espaço cibernético, atualmente tão real como a erva que cresce entre a calçada lá fora. Em relação à percepção desses fenômenos, citando casos ufológicos e religiosos (como os milagres de Fátima, que para ele entrariam na conta do mesmo fenômeno), observa como os testemunhos podem variar de sujeito para sujeito, como se as manifestações estivessem diretamente ligadas às capacidades perceptivas de cada um. Da mesma forma, fala das crianças, em suas "intuições puras", explicando que a mente das crianças mais novas é um instrumento limpo, ainda não contaminado pelos circuitos da lógica, opiniões e impressões consolidadas.

Aplicando um raciocínio sobre categorias de proporção, o autor fala de uma criança brincando no microscópio com seres minúsculos; o intervalo entre cada interferência produzida naqueles organismos perpassa gerações para aquelas criaturas que se deparam com algo estranho e não têm ideia do contexto maior tido em mente pelos humanos. De forma semelhante, caso se pense em uma superinteligência que transcenda nossos limites em muitas vezes, suas interferências de motivos ocultos a nós seriam também percebidas como eventos estranhos e sem conexão com nossa realidade. Desta forma, o fenômeno ufológico, em sobreposição com a demonologia, mitologia, acontecimentos religiosos e várias outras manifestações fariam parte de uma ação direta sobre a realidade humana, com fins muito distantes de qualquer certeza que pudesse ser esboçada. Outra figura imaginativa possível é trazida pelos irmãos Strukatsky (2015) em seu conto de ficção científica "Piquenique Extraterrestre", que serviu de base para o filme Stalker de Andrei Tarkovsky e o jogo ucraniano homônimo. No conto, existe uma zona onde ocorrem fenômenos anômalos que o homem não consegue entender, desafiando a lógica. Um personagem, buscando explicar aquilo, usa a figura do piquenique extraterrestre. Tal como um grupo de jovens, ao fazer um piquenique na floresta, deixa para trás uma série de materiais como plástico, óleo e substâncias ou artefatos desconhecidos para os animais selvagens, que desconhecem instintivamente tudo aquilo e seus efeitos, poderia haver um equivalente para a raça humana. Uma visita de entidades de outra natureza poderia deixar para trás rastros incompreensíveis para o homem, incapaz de intuir a natureza dos fenômenos resultantes da presença de outras formas de existência. Seria essa outra forma especulativa de imaginar fenômenos anômalos, mas desta vez parida da mais formidável ficção.

Keel (1996) ainda aponta para um estranho fenômeno que consiste em um aspecto *trickster* dessas aparições todas. Sempre aparições fugidias entre a realidade, em rincões desertos, operando de maneiras misteriosas. São seres que surgem de algum disco e

caminham pelo pasto, humanoides estranhos conversando entre si na escuridão da madrugada, estranhos operadores humanos fazendo a manutenção de uma embarcação suspensa no ar ou entidades fazendo profecias. Sobre o aspecto profético, muito haveria que ser dito, tendo o autor exposto um estranho fenômeno pelo qual esses seres oferecem previsões muito acertadas do que vai acontecer e logo em seguida apresentam um fato que não se cumpre, sumindo para sempre depois, deixando seu "escolhido" cair em descrédito e no ridículo. O autor ainda liga as sessões mediúnicas aos fatos mencionados, sendo que, através destas, muitos supostos alienígenas fizeram sua voz ser ouvida e sua mensagem transmitida para multidões. Na sua interpretação, não seriam mais que *tricksters* obedecendo algum propósito desconhecido, brincando com as expectativas e com o inconsciente humano. Nos relatos de Whitley Strieber (1987), ele menciona o traço *trickster* das entidades, relatando, inclusive, que foi orientado em relação à construção de motores eletromagnéticos em algum momento da sua vida, mas que era um "conhecimento secreto" e, assim como o conhecimento passado a tantos outros contactados, completamente inútil e sem sentido.

O mundo apresentado por Keel (1996) é assombrado por algo que por vezes chama de ultraterrestres, entidades que atravessam a história em manifestações das mais diversas. São os seres perturbadores da demonologia possuindo mentes, corpos e casas. São os vampiros que, assim como os supostos alienígenas, paralisavam as pessoas. Os mesmos vampiros que teriam sido descritos de forma sombria como também foram os *men in black*, com sua pele mais escura e feições angulares e "orientais". Dentro das considerações de Keel, vive o tema da alteridade, embora ainda não expandido na obra. Em seu mundo, luzes estranhas cruzam os céus da Terra, confundindo pessoas e trazendo o pânico, mas sempre mudando em sua forma de apresentação; em uma época, estranhas aeronaves antigas, depois helicópteros e aviões fantasmas, chegando aos discos voadores que conjuraram junto a si toda uma nova mitologia moderna. Esse

abrangente fenômeno teria uma só origem, origem que certamente já seria especulada há muitos anos por forças governamentais, de modo que toda acusação conspiratória de acobertamento não faria muito sentido, pois a realidade seria muito distinta da narrativa espacial ufológica.

Obviamente, John Keel não pisa bem no mesmo terreno que o presente texto pisa, apesar de andar ao lado. Suas elaborações partem do cunho jornalístico, compondo a peça total junto aos seus conhecimentos pessoais. Diferente deste texto, o autor não tem como motivação primária uma incursão à alteridade, porém também chega a um ponto semelhante de assombro em relação ao fenômeno como um todo, abrindo caminhos para hipóteses muito mais fantásticas que a simplesmente extraterrena. Se, em algum momento do texto, menciono o estranhamento total de uma "humanidade" radicada em outro canto qualquer do universo, cercada de outros elementos e variações constitutivas condizentes, o que seria de um estranhamento referente a seres que sequer partilham da nossa composição de realidade? E que inaceitável realidade é essa onde esse suposto Cavalo de Troia interdimensional penetra onde o olho alcança e pode surgir como pessoas, naves, carros, aviões e entidades que não são o que parecem? Se sequer somos capazes de elucidar a natureza do sonho, então quem diria de compreender o mistério do pesadelo que irrompe na vigília e deixa traços materiais na realidade.

Por certo, a realidade é muito mais complexa do que supõem nossos simples enquadramentos, sempre assentados no conforto do comum, do que se repete e de leis absolutas que oferecem um ilusório controle sobre tudo. Ilusão de controle, vã ilusão de maestria sobre multidões e matilhas de elementos caóticos mínimos agindo em revoada sob e sobre os fenômenos. Matilhas que povoam nossos pensamentos, os subterrâneos da epiderme amaciada da psique, passando de território a outro em constante agitação para formar entidades maiores, mas ainda múltiplas. Vivemos cercados por coisas que não podemos tocar, convictos de que há um esquema pelo qual a

realidade pode ser compreendida para que possamos seguir com o dia a dia. Defronte ao mundo assustador desprovido de tantos véus, por vezes nos deparamos com o mistério da alteridade, refinando em mil operações energéticas os dados crus oferecidos pelo real, processando o outro pelo trauma, pelo complexo e pelo que já-se-tem-em-conta. Algumas vezes, esse outro não é simplesmente o outro por nós esperado, mas um outro que participa de mananciais secretos; vemos o quadrado, mas ele pode ser o cubo e muito mais. Essa incerteza, esse mistério, parece estar mais presente nos mistérios do nefando que em qualquer coisa. É nesse mistério que um passeio pela obra de Keel vislumbra: as indagações sobre a natureza de um mundo assombrado que nos assombra.

O Estranhamento de Humanidades Inumanas: Eles Estão Aqui

Retoma-se, agora, o momento em que se fez incursão mais específica no terreno da alteridade, quando foi tratada a animalidade e as diferenças radicais em figuras do *outro* monstruosamente construídas, compreendendo níveis diferentes de inconsciente, passando do inconsciente pessoal predominantemente emocional – que pode levar a vários tipos de representação – até a especulação de níveis anorgânicos dormentes sob a filogenia ou mesmo sob a "pulsão de vida". A alteridade, apresentada da forma que trouxe o texto, pôde ser posta de diversas formas e vários níveis de intensidade.

Desde o inconsciente pessoal, incômodos provindos de traços de personalidade e mecanismos reprimidos – aquilo pelo que se optou não ser na individuação – interpelam o sujeito, abrindo um confronto com aspectos não integrados; em níveis mais profundos, essa alteridade deve regredir a níveis pré-conscientes, evocando o que se optou por não ser em outros *layers*, adentrando na animalidade e no seu reino de barbárie inocente. Consequentemente, seguindo mais profundamente, a alteridade mergulhará em diferenças radicais de constituição: terrores cósmicos, seres moldados em outras bases biológicas, inteligências não racionais, possibilidades fantásticas, inteligência inanimada e outras inúmeras hipóteses. Muitas vezes, em qualquer desses níveis, o vetor escolhido pela psique para manifestar o conteúdo em questão é o da figura humana.

A espécie humana tem facilidade em projetar a sua própria aparência mesmo em figuras aleatórias, manchas ou ranhuras nas paredes, embora, em níveis mais primitivos, como apresentado anteriormente no texto ao apresentar o CAT (Children's Apperception Test), seja mais fácil usar figuras animais para tal. O fenômeno da pareidolia diz respeito a esse fato. A personificação é uma constante na cultura humana, sendo também um modo de refinamento e integração de conceitos. Por exemplo, o único deus indoeuropeu conhecido

universalmente (isto é, em povos indoeuropeus do extremo Ocidente e Oriente) através da arqueologia linguística é o Deus Pai (Dyēus Pətḗr), que seria uma personificação da abóbada celeste. Primeiramente, seria venerado o fenômeno natural, que depois viria a ser personificado; o termo Deus (deiwos) é uma indicação dessa personificação dos fenômenos atmosféricos, de modo que os "deuses celestes" não o seriam, originalmente, em algum sentido transcendente, e sim especificamente atmosférico (VILLAR, 1996). Em algum momento, há uma personificação, como se assim se escolhesse um receptáculo apropriado para conter toda a energia do arquétipo, que é conteúdo inconsciente que ultrapassa o símbolo e nossa capacidade de apreensão e expressão conscientes. Dentro de nosso egoísmo filogenético natural, fica mais compreensível colocar diante de si um conteúdo na forma humana, mesmo que seja a evocação de um princípio ancestral que precede a própria humanidade. Esse fenômeno se conecta diretamente ao expresso através de Franz (1969) no capítulo A Sombra.

Passando pela acepção geral do conceito de Sombra dentro da psicologia analítica, foi-se mais longe no início do texto, abrindo portas para corredores escuros nas entranhas do homem. Há muitas coisas mais a nos perseguir que aquilo que reprimimos nas fases iniciais da nossa vida; e esses perseguidores fanáticos e esquivos transbordam no gênero do terror, nos causos em roda do fogão à lenha e nas lendas urbanas. O próprio instinto que o homem traz em si e que faz com que por vezes se sinta presa de um predador implacável, assim, talvez não diria meramente da memória genética, de quando fugia de grandes animais aterrorizantes, ou de presenças nefandas inexplicáveis, mas também da constante fuga de traumas que feriram a fundo a espécie, traumas cósmicos e evolutivos, que têm como consequência o reforço individuativo da ipseidade humana. Traumatizar como estruturar. Assim, não há somente uma sombra que o segue; seriam, antes, várias sombras ou tons de negro dentro de um gradiente de escuridão no qual somente os olhos mais treinados conseguem distinguir tonalidades.

Sendo de tal forma, para falar de níveis mais profundos de alteridade projetados em ficção e mitologia, é preciso regredir até os fundamentos que estabelecem o outro como nefando dentro de um aspecto de terror cósmico. Quando se fala em outros humanoides, especialmente extraterrestres, um dos traços mais assombrosos, mesmo que pouco seja abordado diretamente, é o de completa diferença existente entre nós e eles e que resulta em um *estranhamento* fundamental. Silenciosamente, assombra-nos a presença de um ser dessa *outra* natureza justamente por ele proceder do desconhecido ou da **total diferença**. Eis o estranhamento de humanidades inumanas.

Essas figuras, se entendermos como em parte projetadas (ou filtradas) à nossa imagem e semelhança, trazem consigo algo de humano que foge à humanidade, possivelmente trazendo em si aspectos da sombra humana. Deve-se dizer que toda concepção estruturante possível de um ser humanoide que seja dado dentro do mundo – isto é, dentro do possível ou mesmo do imaginal – **deverá** ser estabelecida dentro do concebível. Ou seja, à parte da forma física estranha e improvável que normalmente se atribui a outros humanoides, seu comportamento, seu modo-de-ser, é sempre algo concebível. Mesmo que apresente aspectos *naturalmente impossíveis*, é sempre algo de possivelmente criatural, imaginável. A bem da verdade, a própria forma física, concebida como for, estará dentro dos limites que compõem o mundo como tudo que ocorre, de modo que um mundo inacessível ao pensamento é, como diz Wittgenstein (2001), uma contradição de termos. Esses seres podem provir, em sua imagem, de mundos inumanos: outros planetas, reinos símios ou reptilianos, podem proceder de dentro da Terra, do fundo dos mares, de outras dimensões, mas seu comportamento, como apresentado em relatos, é sempre portador de algo humano. Como algo humano, pode-se pensar tanto em um comportamento praticado pelos homens – extraterrestres pregando mensagem de amor ou coletando material genético para estudo – ou algo que é humano em potência, mas reprimido neste (que entraria na área da sombra): extraterrestres matando por matar,

predando selvagemente gado e gente ou apenas mantendo uma postura estranha silenciosa e implacável, numa frieza misteriosa digna de seres diferenciados.

Algo nessas presenças ou na imaginação dessas presenças nos amedronta, e não é apenas a obviedade de sua estranha procedência, apesar desta desempenhar um papel significativo no fenômeno. Quando se pensa em um ser cuja procedência seja outra radicalmente diferente, ainda mais quando ele resguarda uma aparência próxima à humana, toca-se fundo em alguma área ainda desconhecida ou ignorada.

Como mencionado em outro momento, ao conceber algum tipo de *outro* desenvolvido em contextos totalmente distantes como outros planetas ou realidades, o que se faz é, justamente, conceber humanidades inumanas. Inconscientemente, aplicam-se sobre elas os conjuntos de valores e planos de desenvolvimento ao redor dos quais orbita o homem, imaginando que, necessariamente, haveria algo, como uma fagulha divina carregada por si e por tudo mais que for humano que permitiria uma mutualidade compreensiva. É um caminho bem confortável para ser pensado: "são seres tão evoluídos, claro que eles devem ter concepções próximas às nossas, porém mais evoluídas e sábias, sendo eles mestres da ciência e dos temas espirituais". Isso poderia até ser visto como projeção delirante do pensamento evolutivo projetada no espaço.

Ainda dentro da mutualidade compreensiva, a humanidade já fez suas tentativas de contatar os possíveis primos do espaço. Em 1974, Carl Sagan projetou uma mensagem especial para ser enviada ao espaço pelo radiotelescópio de Arecibo, em Porto Rico. Dentre várias informações codificadas na mensagem, como um esboço da forma humana, havia uma seção que continha os elementos principais da vida na Terra: Hidrogênio, carbono, nitrogênio, oxigênio e fósforo. Em 2001, próximo do telescópio Chibolton, o maior da Inglaterra, apareceu um agroglifo com uma imagem muito parecida daquela enviada ao espaço em 1974. O agroglifo codificava informações muito parecidas

com as enviadas de Arecibo, mas com algumas diferenças. Além de apresentar um ser com DNA e aparência diferentes dos humanos, assim como outros detalhes, a mensagem adicionava outro elemento à composição da vida: o silício. Isso não é de qualquer forma uma novidade; especulações já são feitas há muito tempo sobre a possibilidade de vidas organizadas a partir do silício, tanto por sua abundância na Terra como por sua proximidade com o carbono. Outro elemento considerado é o germânio. A ficção científica está repleta de exemplos assim, de especulações sobre formas de vida erigidas sobre outras bases. Ou seja, no caso daquele agroglifo consistir num *hoax*, já haveria precedentes à ideia de incluir o silício entre os outros elementos que serviriam à possibilidade vital.

A veracidade do ocorrido não interessa tanto, sendo mais interessante se deter sobre os pensamentos que se reúnem ao redor dessa possibilidade imaginativa e sua conjugação com a alteridade. Voltando àqueles aspectos de sombra mais profundos e nada pessoais, que mergulham na gênese da vida e do que é compartilhado como diferença entre os seres vivos, aqui se retorna a um nível hipotético muito particular. Não se trataria de uma forma de vida que, evolutivamente, separou-se do humano em algum momento da evolução aqui na Terra, mas de outra *semente* vital lançada pelas probabilidades em algum canto remoto do universo. Como tal, o que surge dali é uma outra árvore com outros ramos, todos remetendo a outras condições originais, outros elementos básicos, outros mundos possíveis, e ainda produzindo um tipo de *humanidade inumana*. Conseguem sentir o terror cósmico dessa possibilidade?

Percorrendo a via de interpretação arquetípica, os arquétipos possuem algo de original que surge com a própria vida, algo que parece atrelado muito fortemente ao ambiente terrestre. Nossos padrões de conduta, de imaginação e do próprio modo-de-ser estão determinados por um mundo estabelecido que apresenta um conjunto de regras e valores específicos. Ao pensar nesses supostos extraterrestres, a imaginação é forçada a conceber seres que fogem

completamente desses padrões. Pensa-se em seres que, embora ainda humanoides, estariam em total estranhamento com grande parte do nosso inconsciente e das nossas próprias formas de desvelar o mundo como algo. O que se oferta aqui é justamente o completo deslocamento: a radicalidade arquetípica humana totalmente desprovida de significado em sua maior parte, de modo que a única coisa que seria compartilhada com esses seres seria o fato de pertencer ao domínio da vida e, talvez, algumas características físicas elementares que aproximariam os dois seres de alguma forma. No mais, o que é humano já não tem valor ali e o terror que isso levanta, quando percebido, é avassalador à costumeira zona confortante onde tudo é humano ou referenciado a tal em alguma proximidade terrestre.

Luzes cruzando os céus noturnos em localidades interioranas, estranhos artefatos luminosos pousando em lugares aparentemente aleatórias e despejando, para fora de si, pequenas entidades de aparência frágil ainda que assustadora. Paralisando através do medo as eventuais testemunhas, as criaturas falam diretamente à mente e conduzem suas vítimas a experiências terríveis, levam gado ou se comportam de forma incompreensível (caso Kelly–Hopkinsville, por exemplo). As ocorrências são repletas de fenômenos bizarros.

Uma das ideias mais atormentadoras por trás de todos os ocorridos, e que é pouco contemplada diretamente, é a implicação de que aquelas criaturas provêm de um mundo totalmente alheio e distante, onde tudo que se faz e se pensa não percorre os mesmos padrões que os nossos, mesmo que elas remontem à figura humanoide como nós. Outros sentidos e relações psíquicas, fronteiras diferentes entre as noções de indivíduo e coletivo, valores para nós ilógicos, tudo isso habitando outro mundo de composição diferente que serve de morada a bilhões de seres como aqueles, vivendo juntos e de maneiras que não correspondem a nada que já tenhamos visto ou pensado. O entendimento de alteridade implícito nesse aterrorizante pensamento é vasto e nos coloca diante de um total estranhamento. Depois de a ciência ter elucidado inúmeros mistérios e desacreditado toda a

mitologia e alma do mundo, parece surgir algo definitivamente estranho e tão distante do homem em sua essência quanto um elemental ou um demônio: o lugar do *outro* misterioso passa a ser novamente habitado por viajantes do nefando.

Em termos de alteridade, a distância que há entre nossa gênese e a deles é um valor importante para a compreensão do que está implícito nessa relação, mesmo que seja ela imaginária – ou *imaginal*. Perseguir essa figura alienígena como o *outro* que, ainda inumano, apresenta algo à nossa imagem e semelhança, é perseguir ecos ou reflexos da nossa suposta primazia, espelhando a silhueta humana nos mais discordantes reinos da natureza e recantos do universo. Homens arquitetados em material sintético, inteligências à moda humana presentes nos elementos, arquiteturas ontológicas escaladas em outras bases ou mesmo reinos da natureza habitados por *quase-humanos*, tudo isso diz algo do próprio homem ou de uma forma de absorver o *impacto do outro* e filtrar sua presença através da imaginação da diferença, projetando, no outro, vestígios pessoais ou imemoriais dormentes na filogênese. E, mesmo assim, que autoridade nós temos para dizer que nada disso existe ou que tudo não passa de mera projeção? Quem impede que tudo isso não seja uma forma de conter, em termos representáveis, coisas que não podemos ver? Abstenho-me.

Haveria muitas classes de encontros e criaturas para se analisar dentro de todo esse contexto. O matemático Girolamo Cardano, segundo Jacques Vallée (1993), conta um episódio que teria se passado com seu pai em agosto de 1491. Conta a história que, naquele dia, sete homens apareceram para ele usando sapatos brilhantes e trajes de seda que lembravam togas gregas. Suas roupas eram reluzentes e vermelhas, evocando glória e beleza. Diziam ser homens compostos de ar e sujeitos ao nascimento e à morte, mas que podiam chegar aos 300 anos de idade. Afirmavam que nada de peculiar ao indivíduo sobrevivia à morte. O pai de Girolamo, em estranha inquisição, perguntou das localidades de tesouros, se eles podiam revelá-las, mas eles disseram que isso não poderia ser revelado aos homens por conta

de certas leis. Os sete estranhos homens teriam permanecido por mais de três horas com a testemunha. Outro conhecimento que os seres teriam repassado era de que Deus não havia criado o mundo da eternidade, mas que ele o criou de momento em momento, de modo que, se Ele desistisse por um único instante o mundo pereceria. É um testemunho bastante peculiar que conjuga em si seres feitos em bases diferentes – no caso, o ar –, que ofereciam estranhos conhecimentos "secretos" e portavam um aspecto de estranheza digno de elaboração mítica.

Um caso interessante envolvendo figuras humanoides e que pode exemplificar a questão dos reinos habitados por *quase-humanos* é o do elusivo sasquatch, parente norte-americano do yeti asiático, um suposto símio de grande porte, muito próximo do humano e que vagaria pelas florestas temperadas da América do Norte. Esse é um caso bastante único, uma vez que conta com bastantes evidências favoráveis (*Patterson-Gimlin film*, pegadas com *dermal ridges* e *midtarsal break,* por exemplo). Não faz parte dos nossos objetivos analisar as provas favoráveis e argumentos desfavoráveis à existência do sasquatch, ou mesmo efetuar uma revisão de literatura ou dos casos mais famosos. A questão principal é que, existindo ou não – e estou certo de que existe como um ser de carne e osso –, o sasquatch captura imaginações há muitas décadas. Isso porque ele serve como recipiente favorável à projeção de certos conteúdos. Dentre estes, bastante significativa é a forma arquetípica do homem selvagem, que ilustra bem o lado primitivo e não civilizado do homem, condensando os impulsos reprimidos pela sociedade da razão. Assim, naturalmente, o sasquatch é extremamente popular na cultura. Caso se preste um pouco mais de atenção, poderá ser visto que referências a ele são feitas com grande frequência na cultura popular em jogos, filmes, músicas, séries, programas de humor e estórias de terror. Isso não se dá sem que haja um precedente arquetípico atuante na questão. A figura acaba sendo favorável à projeção dos conteúdos referentes ao primitivismo há pouco mencionado, agindo, novamente, como forma de elaborar o

que é *outro*, o que o ego não assume como pertencente a si mesmo. O mesmo se repete na formulação do mito do sasquatch como criatura demonizada destinada a roubar crianças para comê-las, que poderia tratar dos temores de se deixar engolir pelo inconsciente na infância, assim como as estórias de bruxa, de lobo mau ou de dragões devoradores. O sasquatch codifica em si um *outro* que é do mesmo ramo que o homem, logo quase-humano, primata – e não um ser em outra base, um reptiliano ou um elemental –, mas que é mais primitivo que o humano: é um homem que *optou* pelo seu lado primitivo e serve, portanto, como recipiente desse aspecto no humano reprimido, às vezes apresentado como de inocente selvagem e, outras vezes, como assassino implacável. E, em meio a tudo isso, o homem fica perdido entre a possível materialidade e o aspecto projetivo do fenômeno, considerando que talvez um não anule outro.

Contatos Intermediados de Quinto Grau

"Something is out there, and it wants in."
- Whitley Strieber (1987)

É no marco desse conjunto de dúvidas, passando por todas as especulações feitas até aqui e pela rica contribuição de John Keel, que estamos prontos para ir um pouco além. Iniciamos esse movimento com um aceno para Whitley Strieber e suas experiências descritas no livro Communion (1987), que também foi adaptado em filme homônimo (1989). Strieber é um escritor que se especializou em ficção – o filme O Dia Depois de Amanhã (2004) é baseado em um livro que escreveu com mais um autor –, mas lançou, também, alguns livros de não-ficção que soam como ficção aos ouvidos comuns. No caso de Communion, o autor rompe a barreira da ficção e decide compartilhar com o leitor estranhas experiências que teve desde uma noite em sua cabana no interior de Nova York no ano de 1985.

As experiências do autor se tornam um canal para o acesso de experiências bloqueadas ainda mais antigas, experiências que até então eram mediadas por lembranças encobridoras[*]: elementos fantasiosos produzidos pelo inconsciente supostamente para proteger o ego de altos impactos decorrentes de experiências traumáticas, fazendo que as experiências sejam lembradas de formas distorcidas e menos ameaçadoras à estrutura mental da pessoa. Lembranças encobridoras são lugar-comum na ufologia e em experiências com "os outros". Muitas vezes, a lembrança encobridora viria na forma de um animal, o que é citado pelo próprio Strieber, que dá relevância às memórias envolvendo corujas como forma de encobrir a memória traumática de um encontro com inteligências inumanas. John Mack (1999) identifica essa morfologia animal nos relatos de supostos abduzidos que estuda como psiquiatra, observando que as entidades podem aparecer

[*]Termo freudiano, procurar por Screen Memories.

primeiramente como animais e suas naves como helicópteros ou até veículos terrestres, mencionando um caso onde o primeiro encontro com os seres teria ocorrido na forma de um canguru anormalmente grande num parque quando o abduzido tinha 7 anos. Para o autor, esse detalhe abre uma dimensão que se aproxima do antigo xamanismo. Aparentemente, esse mecanismo poderia indicar uma forma dos estranhos entes se apresentarem utilizando seus poderes de alteração mental ou, como na hipótese mencionada há pouco, um poder inconsciente da psique para disfarçar elementos ameaçadores em formas mais familiares e aceitáveis – amortecendo um possível choque ontológico. Como mencionado, outra hipótese colocada por Mack seria uma ligação dos seres com os espíritos animais de modo similar ao que era familiar às práticas xamânicas.

No tocante às experiências de Strieber (1987), à primeira vista os relatos facilmente seriam encaixados como ocorrências de abdução ou contatos imediatos de quinto grau, mas o mesmo autor oferece uma visão bastante distinta. Após refletir profundamente sobre todas aquelas experiências de contato que transformaram sua existência, após questionar repetidamente sua sanidade e após uma longa e cansativa jornada retratada no livro, Strieber conclui que não pode concluir nada sobre a natureza dos seres, passando a chamar as entidades com quem travou contato somente de "Visitantes". Seus encontros com as criaturas envolvia a visita de diferentes seres, sendo alguns mais semelhantes aos famigerados grey e outros estranhos humanoides baixos e entroncados, assim como outras figuras e fenômenos: uma estranha criatura branca luminosa que fez ele pensar no personagem Gasparzinho, vozes desencarnadas na forma de gritos na madrugada ou na interrupção da programação da televisão por uma voz (que chegou a manter um diálogo com ele e sua esposa) e outras mais. A riqueza dos encontros é grande, abrangendo tanto os tradicionais procedimentos "médicos" operados por alienígenas quanto a explosão de emoções primais que levou o autor a considerar

um elemento quase alquímico na interferência daqueles seres em sua vida.

As visitas que o escritor alega ter recebido o fizeram concluir que, mesmo que os visitantes fossem "reais", não havia razão para acreditar que eram simplesmente criaturas de outros planetas. A partir disso, ele se põe a sondar a natureza dessas entidades, fazendo correlações, assim como John Keel e outros, com as histórias do folclore sobre fadas e criaturas míticas. Por essa via, a tradição sugeriria haver conosco uma presença misteriosa desde tempos muito antigos, muito mais antigos que as oito décadas em que o fenômeno OVNI passou a se manifestar ostensivamente na cultura. Tendo em conta isso, Strieber percebe que há um salto no conteúdo desses fenômenos: os encontros com seres mágicos do mundo das fadas e elementais dão lugar a discos que voam, criaturas cinzentas com olhos grandes e apetrechos tecnológicos. Para ele, não houve uma mudança tão radical na psique humana para garantir, a partir da elaboração inconsciente coletiva, uma alteração tão significativa do fenômeno, ponto esse que buscamos elaborar neste texto.

Strieber ainda libera espaço para outras especulações, por exemplo que esses seres poderiam ser nossos próprios mortos, que poderíamos estar em um estágio larval da nossa espécie e os adultos, esses seres, seriam incompreensíveis para nós. Também pensa na possibilidade de que algo muito real tenha surgido do nosso inconsciente, tomando forma física e vindo nos assombrar; a crença criando sua própria realidade. Por tal pensamento, segundo ele, poderia ocorrer que os deuses do passado fossem fortes por conta da crença efetiva dos seus seguidores e isso poderia estar ocorrendo de novo a partir de elaborações pós-industriais, criando esses seres estranhos no lugar que um dia foi ocupado pelos deuses do passado. Outro pensamento que lhe ocorre é o de visitantes de outras dimensões e tempos, como se pudéssemos estar diante de humanos de outra era se disfarçando de alienígenas para evitar a criação de paradoxos temporais. As reflexões de Strieber não são únicas, mas sim

especulações que também foram feitas por outros autores e que ajudam na tarefa de expandir os limites imaginativos ao redor do fenômeno.

A ligação com o folclore é de especial atenção nesse contexto. Strieber chega a refletir que as fadas poderiam ser uma espécie real e talvez agora voassem ao nosso redor em objetos voadores e portassem varinhas produtoras de insight (uma referência às próprias experiências com os visitantes, que lhe parecem ter um importante subproduto psicológico reflexivo) porque elas mesmas teriam experimentado sua revolução tecnológica. Ressalta-se que, ao mencionar fadas, não deve ser invocada a imagem de seres benéficos e radiantes, delicadamente voando e espalhando brilho pelos campos, mas toda a variedade dos povos *fae* (como os *Gentry*, a *good people,* elfos etc), criaturas mágicas que, na literatura, sempre estão relacionadas a eventos estranhos, muitas vezes com consequências catastróficas como o sumiço e a morte de pessoas, além do roubo de animais e outros.

Fazendo agora um breve interlúdio na exposição da obra de Strieber, busca-se apresentar um pouco mais dos fenômenos tradicionalmente associados às fadas, brownies, domovois e outros seres que compõem, em estranho emaranhamento, o mundo dos *outros*, ou dos seres *aéreos*, como eram descritos. Para tal, recorre-se à obra *The Secret Commonwealth* de Robert Kirk, que foi republicada e provida de detalhado comentário por Andrew Lang (1893). A obra original, apesar de difícil determinação cronológica, proviria do fim do século XVII. No livro, o autor faz uma exposição das crenças tradicionais escocesas sobre o mundo invisível, que seria povoado por seres ontologicamente distintos dos homens e seus *corpos de terra*. O autor prossegue em uma ampla descrição das fadas e seres mitológicos, tratando-os como vizinhos próximos do homem, compartilhando o mesmo mundo, mas de forma diversa. Além de uma mera exposição folclórica do tema, a obra persegue um objetivo explicativo usando do conhecimento psicológico e etnográfico disponível na época. No livro, é possível associar alguns fenômenos à

fenomenologia disposta na posterior literatura ufológica e sobrenatural em geral.

Lang (1893), comentarista, fala da possibilidade de a crença nesses seres "aéreos e subterrâneos", como chamam as fadas e demais seres mitológicos, serem resquício de noções antigas de Hades ou de povos que habitavam as terras escocesas, ou mesmo dos povos antepassados e da existência dos *burial mounds* que abundam em paisagens europeias. Contudo, uma interpretação somente histórica que compreenda termos e mitos indo-europeus não é por si suficiente para abraçar a definição dos fenômenos que estes termos alcançam, isto é, os fenômenos sobrenaturais compreendidos pela mitologia e relatados como fatos inquestionáveis até por volta do século XIX, quando parecem recuar aos poucos para dar lugar à elaboração mitológica moderna que culminaria na ufologia. Dessa forma, não seria de grande importância que os termos definidos, ou mesmo a estrutura mítica que compreende tais fenômenos seja herdada culturalmente ou seja reflexo de certos fatos históricos (como a ligação entre os *pech*, tipo de gnomos, e os pictos históricos), pois seriam apenas maneiras naturais de nomear algo que, dada sua natureza esquiva, é em si não categorizável.

Os seres míticos recebem algumas definições na obra de Kirk e que tornam o tema interessante, talvez não no sentido de acreditar que dessa forma se dê de fato a organização dessas criaturas, mas de perceber que o instinto organizador do homem tenta agir sobre essas miríades invisíveis, da mesma forma que hoje busca estruturar um fantástico e povoado mundo extraterreno. Segundo o autor, o mundo das fadas tem suas próprias regras, assim como está distribuído em tribos e ordens, tendo ali crianças, mães, casamentos, mortes e enterros tal como têm os humanos. Porém, o autor faz um adendo que remete à ideia de que suas atitudes dos seres são influenciadas pelas culturas humanas, levantando a hipótese de que eles podem fazer isso apenas para zombar dos homens ou mesmo para prever tais acontecimentos em nosso mundo. Seu vestuário e fala seriam como os do povo humano

e do país em que vivem, mudando conforme o local em que habitam, numa espécie de aculturação. Suas mulheres trabalham na manufatura dos seus vestuários, porém, novamente, o autor levanta a hipótese cultural ao dizer que não se sabe se tal feito é de fato uma operação manual de elementos substanciais ou apenas artimanhas, "arcos-íris impalpáveis" e imitações fantásticas dos vizinhos terrestres mais mortais, nós. Nesses aspectos apresentados pelo autor, há espaço mais que suficiente para exercer a ideia de que não são os seres que mudam conforme o país, mas que eles, em sua natureza a nós estranha, são culturalmente filtrados desta forma, da mesma forma que, hoje, no caos aceleracionista material moderno e científico, poderiam ser recebidos miticamente como viajantes do espaço.

Já nesse texto se encontra a ideia de seres menos substanciais e mais aéreos ou sutis, diferenciando-os dos homens ao usar imagens comparativas de ar e terra, fazendo deles seres mais *leves*, menos influenciados pelo mundo causal por nós conhecido, e, dos homens, seres mais *densos*. Dessa forma, seriam portadores de moral distinta da humana, não apresentando intemperança, inveja, rancor ou dissimulação. Segundo Kirk, seus corpos seriam mais refinados, assim como seus humores seriam menos corruptíveis, apesar de estarem organizados segundo suas próprias leis estranhas a nós. Conforme o autor, seus corpos teriam aspecto camaleônico – outra figura empolgante em termos de uma análise segundo o conceito de filtros culturais – e vagariam pelo ar próximo à terra em certas épocas do ano, a saber no início de cada quarto do ano, que corresponderia ao início das estações. A ideia de que a mudança de estações, especialmente os solstícios, afinaria o véu que separa o visível do invisível é recorrente nos ensinamentos esotéricos e ecoa o calendário sagrado dos povos antigos. Nessas épocas, os seres viajariam entre locais, promovendo terríveis encontros pelas estradas. O encontro com essas entidades em estradas poderia ser aproximado dos inúmeros relatos ufológicos que se dão em estradas desertas. Outro aspecto interessante é de que esses seres possuiriam fogos perenes mesmo sem combustíveis para tal, o

que faz pensar nos fenômenos luminosos que acompanham manifestações de OVNIs e dos seus tripulantes.

Ainda dentro da natureza desses seres, descrita como algo entre homens e anjos, *tais como os demônios da antiguidade*, com seus corpos de luzes mutáveis, estes teriam algumas subdivisões que não ficam claras no texto – e nem poderiam ficar, uma vez que não se tratam de conteúdos empiricamente verificáveis. O autor parece poder distinguir entre almas humanas que permanecem aqui causando fenômenos sobrenaturais e nossos vizinhos aéreos. Da mesma forma, fala de espíritos de natureza inspiradora, boa e que age sobre as virtudes, mas também de *anjos brincalhões e malignos* que frutificam visões e imaginações hedonistas que inspiram à vida sensual. Nesse ponto, a estipulação de uma tipologia para tais seres é muito vaga, pois a própria natureza destes não permitiria qualquer forma de sistematização fiel. É como se houvesse, aqui, nossa raça terrestre e, mais além, um emaranhado de seres esvoaçantes agindo das mais diversas formas, impedindo qualquer esforço humano de estruturação. Nesse ponto do raciocínio é que surge uma liberdade poética outorgada ao outro – que é mais outro que o outro a que nos referimos nas teorias sociais –, permitindo uma abrangência maior para abordagem do fenômeno.

Essas entidades, que seriam mais facilmente vistas por raros portadores de clarividência – ou *second sight* como manda a tradição escocesa – possuem algumas características que as aproximam dos relatos ufológicos que viriam séculos depois. A obra de Kirk e Lang fala de pessoas sequestradas para o mundo invisível, de encontros em estradas e de *clones* deixados no lugar das pessoas abduzidas. Outro relato interessante se dá em relação ao gado, fazendo possível o esboço de um paralelo com as mutilações de gado recentes atribuídas aos OVNIs e chupacabras empenhados em um tipo de *colheita maldita* em meio ao nosso mundo natural, pois é dito que as criaturas perfurariam os animais com seus *tiros-élficos*, suas *flechas que percorrem a escuridão*. Também é dito que as criaturas se alimentariam de uma quintessência

presente nas criaturas, deixando sua parte terrestre para trás. Uma cura para as mutilações em gado seria de um homem encontrar a ferida com seu dedo e deixar o dedo ali, como se a *energia* fluindo da mão quente da pessoa agisse como antídoto contra o ferimento. Alguns relatos ainda mencionam mulheres sendo levadas para o mundo daquelas entidades para cuidar das crianças de lá, tendo que escolher, depois, se voltariam ou permaneceriam naquele local desconhecido.

Esses relatos foram explorados por Jacques Vallée (1993) para apresentar o fenômeno ufológico desde uma perspectiva mitológica, permitindo, junto com outras obras, elaborar muitos traços em comum. Portanto, quando Strieber fala sobre as fadas, ele parece estar, junto a outros autores, na pista de algo muito mais significativo que pode parecer à primeira vista.

A associação com as fadas tem se tornado algo recorrente nos círculos que abordam os fenômenos que abordamos aqui. Recentemente, em meu caminho, deparei-me com um texto anônimo intitulado "Missing 411, Woodland Creature Theory" (s.d.), onde o autor, supostamente um ex-militar americano, obcecado com os casos de desaparecimento em parques nacionais dos EUA, esboça sua teoria para esses acontecimentos. Apelando à hipótese sobrenatural, ele conjuga num elo semântico diferentes tipologias míticas sobre o *outro* nefando. Cita a *little people* dos povos originais norte-americanos, as fadas europeias, os *jinn* (gênios) dos árabes e os *yōsei* dos japoneses como alguns exemplos de nomeações para esses povos invisíveis. Em sua pesquisa, o autor descobre que os relatos em diferentes culturas são muito semelhantes no tocante às abduções, e supõe que, noutros tempos, as entidades viviam mais próximas aos homens, havendo mais espaço para elas que hoje, o que não significaria que elas deixariam de ir às cidades de vez em quando.

Citando o livro The fairy-faith in Celtic countries (EVANS-WENTZ, 1911), o autor anônimo encontra paralelos entre os povos *fae* celtas e uma raça invisível que habitaria, segundo as lendas, a Califórnia, especialmente o Yosemite Valley, local onde muitos

desaparecimentos são reportados no parque nacional dali. O autor indica, tomando como referência o livro mencionado que, como em casos relatados na tradição celta, as pessoas que desaparecem nos parques nacionais (tema coberto atualmente sob o termo *Missing 411*) costumam ser encontradas a quilômetros de onde sumiram. Nas lendas celtas isso seria trabalho das fadas, mas nos casos de desaparecidos em parques nacionais norte-americanos, repousa uma incógnita. Em muitos casos, as vítimas são encontradas a distâncias consideráveis que não conseguiriam percorrer sozinhas no tempo transcorrido entre seu desaparecimento e o momento em que são encontradas.

A pesquisa do autor cobre, ainda, um fenômeno comum aos eventos feéricos causados por fadas, aos casos de desaparecimentos nos parques nacionais e também às abduções alienígenas: a perda de consciência e de lembranças do ocorrido. Do livro de Evans-Wentz, cita ataques por parte de seres invisíveis, dizendo que, quando a pessoa sobrevive ao mesmo, ela permanece ignorante de tudo que ocorreu durante aquele tempo. No restante do artigo, o autor cobre a obra The Secret Commonwealth (KIRK e LANG, 1893), que também é coberta aqui, e outras mais que não fogem dos aspectos já tratados.

Entende-se que todo o caminho feito até essas relações míticas possa ser historicamente dissecado e em muito questionado, por exemplo ao considerar até onde a catalogação feita pelo homem branco das tradições orais indígenas norte-americanas pode ter sido influenciada por noções já adquiridas dos mitos europeus. Da mesma forma, os casos compreendidos pela expressão *Missing 411* (que devemos a David Paulides) podem ter as mais diversas explicações. Contudo, há algo de muito interessante nessas comparações, como se tentasse abarcar um fenômeno misterioso que está muito além de lendas sobre fadas e *little people*, muito além de extraterrestres ou simples interpretações equivocadas de fenômenos naturais. Parece que, ao tratar disso tudo, vamos muito em encontro do conceito de ultraterrestres trazido por John Keel (1996), sem que isso defina ou, de

fato, nomeie essa misteriosa alteridade que pode habitar conosco neste planeta.

Suspendendo o interlúdio feito para tratar das associações com os mitos celtas e de povos invisíveis, deve-se ter em conta de que é possível ir mais longe. Retornando a Strieber (1987), além da ligação com os mitos o autor menciona as práticas mágicas de conjuração que abundam no ocultismo, imaginando se o seu inconsciente não teria se revoltado de modo similar contra ele mesmo e começado a projetar coisas realmente assustadoras e até perigosas, como se a habilidade de conjurar estivesse em pleno funcionamento e não houvesse controle sobre ela, questionando-se sobre que coisas assustadoras mais nos aguardariam no panteão do subconsciente. Suas especulações seguem, fazendo pensar na possibilidade de seres formados em biosferas distintas das quais não dispomos de qualquer compreensão. Suas emoções poderiam ser bastante diferentes, detalhe que ele sugere ao perceber que, nos encontros, a ocasião também parecia ser bastante intensa para eles, senão assustadora. Conclui que, se o terror é um efeito colateral inescapável de nossa biologia quando exposta a esses encontros com um ser *essencialmente outro*, a amnésia decorrente não seria só um ato de autoproteção, mas também de bondade.

Sendo questionáveis as experiências de Whitley Strieber, assim como qualquer relato da mesma natureza, seus apontamentos são de grande interesse para o estudo do objeto elusivo sobre qual nos debruçamos. O livro Communion de Strieber parece se tratar de uma produção contemporânea de elementos imaginais poderosíssimos que são elaborados dentro da humanidade desde que se tem notícia. Suas observações sobre o comportamento das entidades e a grande variedade de fenômenos desdobrados destas experiências fazem coro com descrições vindas de várias partes do mundo e de várias eras diferentes.

Contudo, mesmo depois de toda análise que pode se tentar fazer, não há muitas brechas para ir além dos relatos, do folclore e dos grimórios para a produção discursiva sobre o tema. Aos leitores mais

exigentes, isso tudo transparece como uma enorme falta de rigorosidade científica, porém há que se pensar em como poderia se estudar cientificamente um fenômeno que, ao que tudo indica, distorce todos os limites estabelecidos pelo método e conhecimento científicos por nós esboçados até então, ou um fenômeno que parece tomar nossa própria asserção científica para brincar e transmutar seus conteúdos numa espécie de sagrado – ou nefando – que se desenvolve diante dos nossos próprios olhos e oferece um *além* para as certezas que temos, hoje, internalizadas.

Ao lado de John Keel e Whitley Strieber, é oportuno recorrer a Jacques Vallée (1993). Astrônomo e cientista da computação, foi um dos desenvolvedores do primeiro mapa computadorizado de Marte para a NASA, também escrevendo sobre o fenômeno ufológico e oferecendo, para este, hipóteses muito mais profundas que a habitual crença em seres extraterrenos. Assim como John Keel, Vallée percorre a extensa literatura mitológica e os relatos de avistamentos ufológicos e sobrenaturais, fazendo uma ampla leitura do fenômeno ao longo da história, focando no encontro com entidades inumanas de toda sorte. Entre suas contribuições mais valiosas, surge a consideração do papel da ciência e da cultura na produção mítica envolvida no fenômeno como ele se manifesta na modernidade.

Em seu livro de 1969, Passport to Magonia, retornando, como fez Keel, à revoada de embarcações voadoras de 1897, Jacques Vallée (1993) aponta para as dificuldades de um estudo científico de um fenômeno que altera sua aparência e comportamento de modo que estes parecem funções da nossa interpretação e do corrente estágio da cultura. Haveria, desta forma, indícios de que os mecanismos que têm gerado várias crenças seriam idênticos, afetando constantemente a humanidade. Para o autor, a questão de os OVNIS serem ou não objetos físicos teria pouco a ver com isso, de modo que a tentativa de compreensão dos discos voadores que se faz hoje seria uma aspiração tão fútil quanto a caça às fadas. Apesar da confusão na qual mergulha qualquer investigador ao se aproximar do tema, observa que o

fenômeno tem características estáveis, mas que também é sujeito a um aspecto camaleônico dos seus aspectos secundários, especialmente no tocante às aparências que toma, variando como função do ambiente cultural no qual emerge. Para Vallée, poderíamos viver, hoje, os primeiros dias de um novo movimento mitológico, dando à era tecnológica seu próprio Olimpo, sua terra das fadas ou Valhalla, mencionando o vácuo que é criado a partir de testemunhos consistentes e ao mesmo tempo irreconciliáveis com o conhecimento científico, convidando a imaginação humana para preenchê-lo com suas próprias fantasias.

A resistência do meio científico também é citada pelo autor, que a vê com naturalidade. O autor aceita a plurivocidade deste meio, onde alguns podem agir com resistência e, ao mesmo tempo, pode haver trabalhos científicos deliberadamente falsos para endossar um ou outro ponto de vista, mas que isso não seria motivo para desacreditar da ciência em si ou crer que os cientistas estejam escondendo, em algum lugar, uma grande verdade. Jacques Vallée trata da existência de uma grande dificuldade do público em aceitar a ideia de que a ciência não sabe nada sobre determinado fenômeno, ponto em que o escritor abre o questionamento: por que então seria de mais fácil aceitação para os profissionais da ciência a impossibilidade de conhecimento do objeto em questão? Essa tendência pode jogar o fenômeno, certamente o grande mistério de nosso tempo, sob a cobertura do ridículo, caracterizando-o como tema não científico. Para este problema, Vallée aponta o absurdo ululante da questão: Não haveria, segundo ele, um "problema científico", pois é o homem que olha para o problema com uma abordagem científica, sendo a ciência um objeto na sua mente e não uma característica que se pode aplicar ou retirar de cada coisa estranha que por acaso cruza nossos céus. Sua conclusão é de que, através do fenômeno ufológico, temos a oportunidade de ver o folclore em sua própria fabricação, podendo, a partir disso, reunir material científico na mais profunda fonte de imaginação humana. Caso esse material se perca em sua gênese, Vallée

diz que poderíamos ser alvo de desprezo da nossa futura civilização, pois "a tradição é um meteoro que, uma vez caído, não pode ser reacendido" (VALLÉE, 1993).

Pode-se dizer que no decorrer do texto houve uma investigação de possíveis filtragens que a psique humana faz de conteúdos inconscientes ou mesmo externos, embarcando numa xenologia que acena à investigação das estranhas humanidades inumanas que povoam alguma região elusiva da realidade. Buscando apoio em textos de Keel, Whitley e Vallée, observa-se uma tendência de fenômenos misteriosos como os ufológicos ou mitológicos jogarem com o ambiente cultural no qual vive o homem, de modo que a aparência do fenômeno altera conforme o recipiente humano daquela experiência. Nessa estrutura que lembra o sonho, surpreende a qualquer um o fato de que esses acontecimentos acabem por deixar rastros físicos como componentes deixados para trás, objetos voadores legitimamente rastreados em radares oficiais, alterações no terreno e até casos mais pitorescos como um específico apontado por Vallée (1993) e Keel (1996). Os autores contam que um homem chamado Joe Simonton teria recebido um bolo assado por humanoides que viajavam em um OVNI (um caso com muitos paralelos com a mitologia das fadas, inclusive na composição do bolo, que teria sido analisado em laboratório). Os objetos deixados para trás pelas naves, como exposto por Keel (1996), quando analisados, estranhamente não costumam revelar inusitados materiais do espaço, mas uma constituição comum ao ambiente terrestre. Os relatos de trocas de objetos, sequestro de pessoas e animais e até de relações sexuais com essas entidades cruzam a história, sendo observado um *continuum* entre a gradual extinção dos relatos envolvendo fadas e seres elementais e a ascensão da novíssima mitologia ufológica. Essa mudança fundamental no fenômeno parece ter relação direta com a mudança de visão-de-mundo que envolve a ciência como forma de interpretar – e domar – o mundo.

O processo de transformação da mitologia antiga e tradicional em algo novo passa por muitas fases, sendo a emergência de uma

religiosidade secundária algo de fundamental no movimento. Enfraquecidos os corpos religiosos tradicionais diante do progresso da modernidade, teria sido fortalecida uma outra forma de espiritualidade construída com base no sincretismo unificador de fragmentos de diversas tradições, fragmentos que já não conversariam entre si num tipo de diálogo a partir de uma origem metafísica fundamental, e sim em distorções de sentido a partir de uma confusão direcionada a formas religiosas aberrantes, muitas vezes instrumentalizadas ignorando os fundamentos metafísicos das religiões utilizadas como fonte. Ross e Samples (2002) exemplificam isso ao citar o movimento Eu Sou, fundado por Guy e Edna Ballard nos anos 30, tendo como base revelações de "mestres ascensos" apresentados por Blavatsky, sendo o movimento uma ramificação da Sociedade Teosófica da mesma. Guy Ballard faria, ainda, das revelações vindas de extraterrestres, aspecto fundamental do movimento, transformando o Eu Sou, possivelmente, segundo os autores, na primeira religião fundamentada em supostas mensagens de entidades alienígenas reveladas por meios ocultos, expandindo no entendimento coletivo a possibilidade de uma exoteologia voltada à especulação mística.

Em outros capítulos, já se mencionou a tendência do homem moderno de imanentizar o que recaía sob jugo do inefável, relegando à ciência e instituições humanas o que antes remetia a algum princípio transcendente. Juntamente ao progresso da técnica, pela qual o mundo é feito cálculo, cresce a fé numa visão-de-mundo científica que dispensa a uma entidade turva, ao menos para o homem comum, o dever de explicar todos os fenômenos. Portanto, se há algum além, algo além da linguagem, além da interpretação, um literal *fora* que é, aqui, alvo da nossa primitiva xenologia, não seria justamente no domínio da certeza científica que se torna agora intérprete da realidade para nosso inconsciente que ele iria se articular? Caso seja válida a ideia de que o mundo passou por um processo de desencanto encabeçado pela razão e pensamento cartesiano, que estabeleceu as lentes científicas e técnicas

para a leitura da realidade, não seria justamente sob as lentes desse mecanismo que os visitantes do fora teriam que agir assim como, em outros momentos, teriam agido sobre o conjunto mitológico operante do homem antigo?

Quando recorremos às lendas antigas, vemos humanidades inumanas compostas por elfos, duendes, gnomos e uma miríade de seres sobrenaturais em várias partes do globo. Estes seres costumam estar munidos das suas armas, vestimentas e objetos, todos estes que remontam aos itens manufaturados por nossa própria civilização em determinada época. Isso significaria que eles roubariam todos esses objetos do nosso mundo ou que eles teriam sua própria indústria onde produziriam roupas adequadas aos seus tamanhos e objetos proporcionais? É uma proposta bastante ridícula para seres que apareceriam e desapareceriam em um passe de mágica, sem contar a implicação tola de todo um processo de extração de matéria-prima e manufatura em locais por nós jamais descobertos. Apenas restaria a ideia de materialização mágica de objetos desejados, sendo estes correspondentes ao estilo da indústria humana. Ao mesmo tempo, conforme emergem os eventos ufológicos, especialmente os contatos imediatos de terceiro, quarto e quinto graus, nota-se que os seres relatados agora portam estranhos aparelhos como microfones, capacetes e toda parafernália possível e digna de ficção científica. É como se, partindo do homem, houvesse uma elaboração inconsciente sobre a matéria e a tecnologia, processando os itens de nossa era por mecanismos quase oníricos que condensam expectativas tecnológicas em bizarras manifestações físicas através do fenômeno. A sugestão que se insinua ainda em um canto escuro é que, diante do tão lamentado desencantamento do mundo, da perda da Anima Mundi, justamente daquele local que parecia estéril de imaginação e magia, o inefável e o nefando passaram a sussurrar estranhas melodias. Isso tudo tem muito do funcionamento do sonho, que transforma elementos diurnos e do nosso mundo em material mitológico e significativo, mas age de forma distinta, deixando rastros na realidade. Seria um mecanismo

semelhante ao que dá origem às narrativas fantasiosas sobre itens mágicos, objetos encantados, alimentos divinos e outros; todas confecções inconscientes que têm sua razão de ser para o homem. Talvez o sonho, o mencionado fenômeno e a realidade estejam profundamente conectados em uma sincronicidade misteriosa. Em algum ponto, a própria realidade, a realidade por nós compreendida como certo conjunto de fenômenos, acaba sendo obrigada a abrigar um elemento exterior e indecifrável que, ao colocar seus pés para dentro do reino do "real", acaba também se tornando realidade e ofuscando os limites que estabelecemos com séculos de confiante unilateralidade racional. Enquanto a técnica avança em passo acelerado, devorando através da entidade do capital toda e qualquer oposição, enquanto os campos, florestas e montes viram seus deuses partindo, há a chance de que as demais dimensões do mundo – do mundo fabricado e transformado por nosso gênio – tenham acolhido essas mesmas presenças, fabricando uma mudança radical em sua manifestação, transformando o fenômeno tanto quanto transformamos nossa forma de estar no mundo. Para Strieber (1987), poderia ocorrer que, conforme passam as eras, não são os visitantes que mudam, mas nosso modo de instalá-los em nossa cultura.

Fato interessante relatado em 2023 conta de povos rurais peruanos da etnia indígena iquito da Amazônia peruana, que teriam afirmado estar sob o ataque de alienígenas de mais de dois metros de altura, com grandes cabeças e que flutuavam sobre o chão. Relatos assim não são atípicos na literatura ufológica, mas chama atenção que mesmo um povo herdeiro direto das antigas tradições indígenas amazônicas decidiu assinalar os seres segundo uma organização científico-especulativa que tem como base a vida inteligente e humanoide em outros planetas. Fatos assim demonstram a extensão que tomou o mito moderno extraterrestre na humanidade, de modo que mesmo povos mais isolados já se sirvam deste filtro cultural para interpretar fenômenos que, em outros tempos, seriam recebidos como parte dos mitos locais e de um mundo sutil que interage com o nosso.

A partir de tais especulações, através de visões-de-mundo, como a impulsionada pela ciência, fechar-se-iam circuitos pelos quais transitam informações a serem decodificadas, incluindo a abertura sutil e estranha à entrada de algum dado que foge às nossas capacidades de decodificação, mas que é parte integral do sistema. Enquanto inconscientemente permanece estabelecido sempre um ter-em-vista prévio dos aspectos da realidade, do mundo, pelo qual dados são interpretados de uma forma e não outra, ainda operaria a chance de encontrar o algo-mais que é codificado de maneira rudimentar dentro da nossa faixa de compreensão. Restaria, ainda, pensar sobre as chamadas intuições puras, como da criança que vê o mundo com maior abertura, como algo maravilhoso e inédito, sem ter esquemas abstratos anteriores para comparação, de modo que se abre ao campo fenomênico de modo distinto ao adulto, que já tem estabelecida uma natureza comparativa entre o ente que vem de encontro e um esquema abstrato prévio estabelecido. Poder-se-ia especular haver um estado determinado de ser em que se possa perceber uma realidade imprevista, não-encaixada em modelos prévios, que permita ver, por exemplo, um campo como mais-que-campo, oferecendo um acesso maior à misteriosa realidade que viemos investigando até aqui.

A tentativa de compreender o fenômeno ufológico e sobrenatural através da ciência é uma tarefa ingrata, de modo que o próprio fenômeno parece eludir o método eleito para sua investigação, tornando-se algo que sempre escapa. Contudo, os questionamentos sobre sua natureza ainda poderiam ir muito além da aparência permanentemente cambiante em termos de manifestação. Por exemplo, há algum fator que reúne sob alguma categoria os contactados pelos visitantes? Strieber (1987) relata ter frequentado um grupo de contactados e sentido uma espécie de ligação com os demais participantes, mas observava uma prevalência de artistas de alguma natureza entre aquela amostra. Porém, quando revisamos a literatura dos relatos de avistamentos e contatos, não há um valor estatístico relevante que permita unir os contactados em alguma categoria. Resta

especular se o advento dos encontros tem a ver com algum tipo de situação psíquica que permita uma abertura maior às entidades, se os encontros são aleatórios ou dependem de lugares e momentos específicos. Outro pensamento diria de alguma qualidade relevante para "eles" e que passaria por totalmente desconhecida e despercebida à nossa percepção.

Após sondar tantas possibilidades em verdadeiros devaneios especulativos, torna-se oportuno retornar aos autores expostos para tornar manifestas as suas hipóteses ou palpites sobre o que poderia configurar tal fenômeno. No capítulo Os Sussuros do Homem Mariposa, foi exposta a visão de John Keel, portanto, agora, o foco será mais direcionado para Whitley Strieber e Jacques Vallée.

Em face às suas estranhas experiências, Whitley (1987), que é católico e estudou Gurdjieff, exercita algumas possibilidades sobre a natureza dos visitantes. Eles poderiam ser de outros planetas ou mesmo da Terra, mas tão diferentes de nós que não seria possível compreender sua realidade. Poderiam ser de outro aspecto do tempo-espaço, ou "outra dimensão" em espaço, mas não em tempo, ou mesmo de outro tempo de alguma forma. Outra possibilidade seria a de que esses visitantes viessem de dentro de nós, na forma de deuses que mecanismos ocultos da nossa mente criam. Também considera a ideia de um efeito colateral de algum fenômeno natural, citando nossa falta de conhecimento sobre como o magnetismo e baixas frequências afetam o organismo humano, como se certas anomalias poderiam interferir em circuitos alucinatórios da mente, fazendo com que muitas pessoas diferentes tivessem experiências similares a partir de um mesmo fenômeno físico. Menciona, ainda, que os visitantes poderiam ser mesmo um aspecto da espécie humana, citando as tradições do pós-morte que são mantidas desde o tempo do neandertal, que o pós-morte poderia ser de uma forma que não imaginamos e que nosso estágio atual, vivo, poderia ser uma fase larval e os visitantes serem uma forma madura da nossa espécie. Para o autor, haveria muito mais nisso do que a religião ou o governo poderiam conhecer; que nossa civilização

poderia não estar prestando atenção à experiência arquetípica e mitológica dos antigos, que essa seria a primeira vez que o homem se recusa a responder aos fantasmas e deuses, de modo que estes se tornaram físicos, reais, arrastando pessoas da cama de noite como estupradores porque poderiam necessitar da nossa atenção para, de alguma forma, confirmarem-se em sua própria verdade.

O pensamento de Strieber vai em muitas direções diferentes, assim como o presente texto. Não é questão de levantar uma hipótese científica como requer o método, mas de exercitar possibilidades a partir de especulações. Uma vez que o fenômeno é elusivo e sempre cambiante, não há modos conhecidos de investigá-lo com definição de evidências absolutas de uma teoria ou outra. O que está em jogo é diferente. Busca-se uma resposta que percorra trilhas afins ao fenômeno, que penetra na mente humana e em suas condições existenciais temporais e no mundo físico. As hipóteses oferecidas por Jacques Vallée também vão em muitas direções, mas contam com um maior cuidado científico. Antes de expor em que consistem, no entanto, visitar-se-á um artigo escrito pelo mesmo autor no ano de 1990, onde levanta cinco argumentos contra a origem extraterrestre dos OVNIS. Após isso, serão apresentadas as hipóteses contidas no mesmo artigo e, depois, as que foram esboçadas em seu livro Passport to Magonia.

Para Jacques Vallée (1990), são cinco argumentos que contradizem a origem extraterrestre do fenômeno. O primeiro argumento diz da frequência de encontros imediatos, pois, ao se fazer um levantamento estatístico do número de encontros relatados, estes são muito numerosos, passando dos milhares. Em 1969, por exemplo, contabilizou 923 relatos de aterrisagem, o que ignoraria as aterrisagens que ninguém teria visto e as não declaradas. Esse número, ainda, diz respeito apenas a encontros mais dramáticos em que as testemunhas descrevem o fenômeno em suas proximidades imediatas. Na época em que escreveu o artigo, era possível identificar já algo entre 3 mil e 10 mil casos até aquele ano, dependendo do critério. Diz que a estimativa

acumulada conservadora, para aquela época, seria de 5 mil casos. O ponto do autor é de que seria difícil clamar que exploradores do espaço precisariam aterrissar 5 mil vezes na superfície de um planeta para analisar seu solo e pegar amostras da flora e fauna, ou mesmo para produzir um mapa completo. O problema estatístico cresce quando se toma por verdade a ideia de que apenas 1 em cada 10 casos são relatados ou se leva em consideração que a maior parte dos fenômenos relatados são em países mais desenvolvidos; se é um fenômeno global, o número de 5 mil cresceria absurdamente. A partir do levantamento estatístico, também se percebe que o fenômeno apresenta um padrão de evitar centros populacionais, direcionando-se a locais desertos, o que aumentaria ainda mais o número de aterrisagens desses objetos voadores não identificados. Outros fatos que o autor leva em conta: a superfície da Terra é claramente visível do espaço, diferente de Vênus e outros planetas com atmosfera densa; o humano tem disparado por sinais de rádio e na forma da televisão aspectos da nossa cultura por mais de um século e, além disso, a coleta de amostras físicas poderia requerer aterrissar, mas isso poderia ser feito por drones ou quaisquer mecanismos semelhantes (como nós mesmos fazemos). Todos esses dados colaborariam para o primeiro argumento de Jacques Vallée contra a origem extraterrestre dos objetos voadores não identificados.

O segundo argumento é o fisiológico. A maioria dos alienígenas relatados tem uma forma humanoide, contando com duas pernas, dois braços e uma cabeça suportando os mesmos órgãos perceptivos que possui o humano. A fala dos seres usa a mesma faixa de frequência que a humana e os seus olhos são adaptados ao mesmo segmento do espectro eletromagnético que os nossos. Para Jacques, isso indicaria uma formulação genética que não diferiria do genoma humano mais que uns poucos pontos percentuais. Se as entidades fossem de fato produtos de evolução independente em outro planeta, isso abalaria nosso entendimento da biologia. A espécie humana vem de uma combinação única de gravidade, radiação solar, densidade atmosférica e composição química conhecida na terra, dispondo de

uma série de outros ramos evolutivos próximos a nós que, ainda assim, são desprovidos de pernas, braços ou têm morfologia completamente diferente da humana. Para reforçar o argumento, Jacques também fala sobre como somos fruto de um regime bastante específico de condições. Por exemplo, não existiríamos como hoje se a Terra tivesse iniciado com o dobro da massa e oferecido uma gravidade na superfície de 1.38x a normal da Terra; neste ambiente, seria forçado o desenvolvimento de um esqueleto mais forte e poderia ter impedido completamente todos os bípedes em sua evolução. Se o planeta tivesse metade da sua massa presente e uma gravidade de 0.73x a normal da Terra, isso também teria afetado amplamente nossa forma. Mesmo se a inclinação do equador fosse 60° ao invés de 23.5°, as mudanças de clima seriam intoleráveis para nós e teríamos grande dificuldade, evoluindo em várias formas diferentes. Partindo desses pontos, como esperar, então, que os extraterrestres, vindo de ambientes planetários completamente diferentes, não iriam apenas ser semelhantes a nós, mas também respirar nosso ar e andar normalmente na Terra? Nisso alguns oferecem o argumento de que eles poderiam ter usado engenharia genética para conseguir trabalhar e sobreviver no espaço, mas, neste caso, eles não poderiam produzir humanos biologicamente indistinguíveis da população terráquea para passar despercebidos? Outro aspecto apontado pelo autor é que, pelos relatos, os supostos alienígenas apresentam emoções reconhecidamente humanas como surpresa, interesse ou mesmo alegria, o que não sugeriria apenas similaridade biológica, mas uma aculturação social extensiva. Portanto, para Vallée, a fisiologia dos "aliens" se conforma à biologia humana e cultura em uma medida que não seria compatível com a hipótese extraterrena.

O terceiro argumento de Vallée trata dos relatos de abdução. Expõe que, caso se presuma que os extraterrestres desenvolveram sua inteligência a ponto de visitar a Terra, seria razoável assumir que tivessem ao menos o conhecimento que a humanidade tem em matérias como física e biologia. Seria justo assumir que soubessem

tanto de técnicas e procedimentos como nós. O nosso médico, hoje, pode retirar sangue, coletar esperma ou óvulos ou remover amostras de tecido de seu paciente sem deixar cicatrizes permanentes ou induzindo algum tipo de trauma. Nossa biologia molecular, ainda em sua infância, já permite obter informação de uma digital genética única dessas mesmas amostras, assim como é possível fertilizar óvulos e obter uma prole de proveta etc. Segundo o autor, um time de cientistas equipado com a tecnologia normalmente relatada como dos OVNIS estaria em ótima posição para tomar controle de bancos de sangue, esperma ou coleções de embriões disponíveis nos principais hospitais e centros de pesquisa sem criar todo o distúrbio descrito em episódios de abdução. O raciocínio de Jacques mostra como, das formas que tais procedimentos são analisáveis em seu contexto tecnológico, não fazem o menor sentido. Nós mesmo, humanos, "limitados", conseguiríamos ir muito além cientificamente sem causar todo esse incômodo ou usar os métodos descritos pelas testemunhas. O autor cita que os alienígenas, a julgar pelos relatos, parecem estar realizando no corpo dos abduzidos um simulacro chocantemente e cruelmente cru de experimentos biológicos, sendo improvável que isso represente uma missão científica relevante às metas de visitantes extraterrenos.

O argumento anterior de Vallée aponta numa dimensão muito interessante, que é a do *body horror* incluído em muitas dessas experiências, quando os visitantes penetram na carne da pessoa com estranhas incisões e implantes sem um propósito esclarecido. O autor chega a comparar os relatos de abdução e as estranhas experiências com agulhas e incisões às representações medievais do demoníaco, onde criaturas monstruosas aparecem perfurando pessoas com instrumentos (VALLÉE, 1993). À questão da carne violada, talvez precisássemos retornar ao assunto da sombra ou das relações modernas do homem com a tecnologia *à la* Cronenberg. Para tal, recorreríamos a Mark Fisher (2018), que aponta o sentido de pavor dos séculos passados na impossibilidade de escapar da própria liberdade, diferenciando-o do pavor moderno, direcionado não mais à solidão

individual, fragmentação e alienação, e sim ao eclipsar do espaço privado, à hiperconectividade humana, à proximidade exagerada e penetração constante do espaço interior, a inundação do ser por fluxos incessantes de informação, ameaçando o homem com o vazio interno, com a constituição passiva diante dos fluxos que a invadem e atravessam. Se o fenômeno moderno dos visitantes está, em sua aparência, profundamente ligado à técnica, seria razoável presumir que as ansiedades provindas da relação do homem com ela façam parte do conjunto, violentando a carne da presa passiva diante do *alienígena* e sua tecnologia superior. Uma invasão da constituição humana mais básica pela *tecnologia que é alienígena*.

O psiquiatra John Mack (1999) observa também a abundância dos relatos onde o corpo é tornado superfície passiva – uma ameaça de incursão ao Corpo Sem Órgãos? – pela natureza impositiva dos "visitantes". Instrumentos são utilizados, relata, para penetrar virtualmente toda parte do corpo da vítima, que permanece impotente diante dos traumáticos procedimentos "cirúrgicos" executados. Mais que a simples penetração do corpo por instrumentos estranhos – que por vezes se assemelham nas descrições de diferentes relatos –, os procedimentos ainda envolvem inseminação, retirada de fetos, coleta de esperma e outros. Semelhantemente às lendas dos povos míticos trazidas por Kirk (1893), os casos de abdução analisados por Mack (1999) também envolvem mulheres tendo que cuidar de crianças daquelas criaturas, sendo, nos casos modernos, híbridos que teriam se originado da mistura entre as espécies. Todavia, o que chama atenção nesses casos é o sentido de total entrega da carne humana à agência dos seres alienígenas, no melhor sentido de *body horror*. Na obra de Mack, a suposta abduzida Sheila traz o relato de que, durante a experiência, sentia como se estivesse despida e sem controle, sentindo como se o seu corpo não fosse seu. Há um sentido de falência do protagonismo humano, da ideia de controle que impera tão unilateralmente na humanidade nos últimos séculos através do racionalismo que coloca o ego como monarca da psique, ignorando as multidões de complexos

que abundam em cada um. Num mundo onde o materialismo também foi coroado, onde o sentido de interioridade é desafiado pela constante penetração da comunhão tecnológica das redes sociais e dos próprios meios que transmitem informação (afinal, *o meio é a mensagem*, na interpretação de McLuhan (2005)), o *body horror* e a sensação de perda de controle do corpo – possível representante simbólico moderno para a totalidade humana, mesmo que insuficiente – parecem intuir um sintoma geral do homem moderno, uma dimensão reprimida do que está pondo a perder pelos rumos que decidiu tomar. Não obstante, potencialmente é no sintoma que subsiste uma lição para a cura.

Retornando a Vallée (1990), seu quarto argumento é algo que já foi tratado no nosso texto: a história. A exposição do autor inclui o fato de que a proliferação crescente de evidência de fenômenos similares, não apenas depois de 1945, mas durante toda a história, tornou-se convincente. Caso seja possível estabelecer que o fenômeno existiu de fato durante a história, adaptando apenas sua forma superficial às expectativas culturais, mas não sua estrutura subjacente – como foi tratado várias vezes aqui –, então é bem improvável que estejamos lidando com extraterrestres fazendo uma pesquisa na Terra. Uma hipótese mais convincente e sofisticada que a extraterrestre de tecnologia avançada deveria, assim, ser buscada. Para reforçar o argumento, Jacques retorna à vasta literatura de avistamentos e contatos com estranhos fenômenos aéreos, citando também o encontro com humanoides e outros. O fenômeno parece sempre se adequar à expectativa cultural/mitológica da era em que está inserido, de forma que alguns autores mencionados por Vallée passam a defender uma hipótese psicossociológica pela qual o fenômeno seria uma projeção da testemunha, apontando para o fato de que a ciência-ficção e as lendas permanecem sempre um passo à frente das realizações científicas humanas. Novamente, o argumento aponta para algo diferente de uma explicação envolvendo entidades extraterrestres.

O último argumento provido por Vallée leva em conta as considerações físicas. O fenômeno a ser explicado não se reduz a

aparelhos voadores descritos como naves físicas pelas testemunhas, mas também objetos e seres que apresentam habilidade de aparecer e desaparecer, mudar suas formas aparentes e se unir com outros objetos físicos. Os relatos tocam, segundo ele, o absurdo em termos de física, pois sugerem uma maestria sobre o tempo e espaço que nossa investigação científica não pode replicar hoje. Vallée insere um porém nessa questão: se esses avistamentos forem confirmados por observação direta, evidência fotográfica ou pelo peso das estatísticas, poderiam representar a oportunidade de testar novos conceitos da realidade física em um tempo onde teóricos estão lutando com a possível existência de n-universos dimensionais, sendo o N maior que 4.

O artigo de Jacques Vallée foi publicado em 1990 e, desde aquele ano até o presente ano, muita coisa mudou. Já possuímos evidências gráficas como filmagens e fotografias de procedência confirmada por órgãos governamentais além de declarações oficiais que apontam à realidade do fenômeno em sua dimensão de OVNI, mas sem presunção de uma natureza correspondente ao fenômeno. Os relatos e evidências provenientes de pessoas comuns se amontoam em quantidades incalculáveis. Contudo, nenhuma resposta satisfatória foi oferecida. As teorias, apesar de ainda se apoiarem muito na hipótese extraterrestre, são cada vez mais abrangentes, mas, em essência, não fogem do que já havia sido adiantado por Keel, Vallée e mesmo Strieber – e certamente outros que não cobri no texto. Dito isso, ainda falta expor as hipóteses oferecidas por Vallée no texto que foi explorado nos últimos parágrafos, *Five Arguments Against the Extraterrestrial Origin of Unidentified Flying Objects,* e em *Passport to Magonia*.

A partir de Devereux, Derr e Persinger, Vallée (1990) fala da hipótese das luzes terrestres, que seria um fenômeno físico terrestre desconhecido que impressionaria a consciência da testemunha de modo a tomar uma imagem mental, possivelmente uma figura

mitológica. Não é muito aprofundada essa hipótese, mas o autor a lista entre várias outras.

Uma hipótese interessante oferecida é a do fenômeno ufológico como sistema de controle, o que pode ser traduzido como dispositivos que agem sobre o comportamento de um sistema de modo a controlá-lo, visando sua manutenção ou seu processo em curso. O autor a traz mantendo reservado o julgamento se tal sistema de controle seria humano, alienígena ou simplesmente natural. Sistemas de controle, diz, controlando eventos físicos ou sociais estão ao redor de nós, podendo ser encontrados nos mecanismos de equilíbrio terrestres, ecológicos e econômicos que regem a natureza, sendo alguns bem compreendidos pela ciência. Essa hipótese se abre em duas variáveis: um tipo alienígena de inteligência e comportamento ou a ideia de um sistema baseado na Terra, uma forma de super natureza que se alinhe de alguma forma à hipótese Gaia. Vallée chega a mencionar Strieber (1987) e seu "fenômeno dos visitantes nos treinando", que diz da possibilidade dessas entidades estarem agindo sobre o inconsciente coletivo com alguma meta estabelecida, agindo como sistema de controle. Outra alternativa apontada pelo autor seria uma interpretação junguiana onde o inconsciente coletivo poderia estar se projetando à frente de si mesmo em imagens necessárias à sua sobrevivência a longo prazo. Essa hipótese do fenômeno ufológico – em toda sua abrangência – como mecanismo de controle oferece o que habitualmente falta às outras teorias, que seria um objetivo por trás da superfície dos encontros com as entidades, sendo o objetivo uma manutenção do comportamento humano.

Ainda dentro da ideia de um mecanismo de controle, tomando a vertente junguiana da psicologia como guia, há outra interpretação periférica. Verena Kast (1997) comenta o conceito de *Unus Mundus*, o mundo total que unifica toda a experiência, psíquica e material, e busca no alquimista Dorneus a ideia de que um homem progressivamente integral poderia se unir a este mundo inteiro e, desde a criação, potencial. A ideia apresentada pela autora, a partir disso, seria de que o

si-mesmo, a totalidade psíquica do homem, poderia experimentar em algum grau a unidade com a totalidade do cosmo. Uma aproximação integrativa entre homem e universo, tocando áreas cinzentas da psique em que as bordas entre a psique e a matéria se esvanecem, possibilitando que homem afete cosmo e cosmo afete homem. Essa especulação holística onde há integração crescente do todo por um centro regulador da psique em nível individual e coletivo permite imaginar algumas possibilidades. Se existe, como também explorado por Kast, constelações arquetípicas que interpelam o homem em certos momentos de sua história em nível coletivo, fazendo emergir na sociedade questões específicas, isso poderia ser visto através de uma norma reguladora de integração; integrar materiais inconscientes, tomados como um outro estranho ao si-mesmo, ao self, o que não se daria somente a nível individual, mas também humano como espécie. Se o fenômeno dos "visitantes" pode ser visto como um sistema de controle associado à própria Terra e suas potências ainda desconhecidas por nós, não poderia sua emergência estar associada com alguma necessidade de integração à psique humana neste momento? A mutante morfologia das manifestações do fenômeno, que aparenta estar correlacionada ao momento cultural da humanidade, não seria uma espécie de filtro dada alguma necessidade da própria psique humana? E não poderia ser a interação com o fenômeno um diálogo com faixas desconhecidas desse *Unus Mundus* onde nossas noções de psíquico e material são destruídas por existências mais complexas que as por nós conhecidas até agora?

Retornando ao autor francês, a última suposição oferecida por Vallée no artigo de 1990 seria uma atualização da hipótese extraterrestre. Para isso, tomaria em conta viajantes extraterrestres usando métodos de manipulação do tempo-espaço, como o uso de buracos de minhoca quadridimensionais para viagens no espaço ou mesmo tempo. Viajantes desta natureza poderiam realizar os movimentos físicos associados aos OVNIs e também poderiam se manifestar simultaneamente em diferentes períodos da história.

Segundo a hipótese, os viajantes poderiam ser de qualquer lugar e qualquer tempo, podendo proceder da própria Terra. Vallée desenvolve os argumentos para a abordagem multidimensional em seu livro *Dimensions*.

Em Passport to Magonia (1993), escrito em 1969, Vallée já apontava para algumas hipóteses, atendo-se mais ao que expusera na obra, que tratava da literatura histórica sobre os encontros com entidades e OVNIs. Atentava à importância de estudar o problema mais profundo do impacto ufológico na nossa imaginação e cultura, além da questão sobre a natureza física dos objetos. Pensava sobre como seria o efeito do fenômeno OVNI a longo prazo nas nossas visões sobre ciência, religião e exploração do espaço. O mecanismo por trás dos relatos e da transformação da cultura parece afetar não apenas os que advogam sua realidade, mas também aqueles que a negam, afirmava.

A primeira hipótese que Vallée ofereceu naquele ano foi de um fenômeno natural cujas manifestações fazem borda com o físico e o mental. Um meio pelo qual os sonhos podem ser implementados, havendo aí um mecanismo pelo qual eventos ufológicos são gerados. Para o autor, essa hipótese explicaria o caráter elusivo das manifestações, os viajantes amigáveis e o acompanhamento que os objetos fazem da tecnologia humana. Uma outra dimensão explorada é a diferença encontrada por ele no comportamento dos ocupantes das naves em diferentes locais; por exemplo, na América Latina eles teriam um caráter mais agressivo, o que estaria relacionado à violência observada neste espaço. Na mesma direção, outra hipótese seria de entidades mentais que poderiam ser perceptíveis simultaneamente para grupos de testemunhas independentes, mas essa explicação não daria conta de elucidar os traços deixados pelo fenômeno. Uma terceira possibilidade trataria de uma inteligência superior que estaria por séculos projetando, em nosso ambiente e segundo suas próprias razões, objetos artificiais cuja criação é uma pura forma de arte, como se pudesse obter alguma gratificação de nossa perplexidade ou

tentasse nos ensinar algum novo conceito. Essa inteligência, segundo ele, poderia agir em esforço gratuito e suas criações seriam a nós tão impossíveis de compreender quanto uma obra de Picasso aos pássaros.

O autor ressalta que essas teorias não têm respaldo científico, chegando a se desculpar por apresentá-las. Facilmente, diz, milhares de teorias do gênero poderiam ser enumeradas (como o presente texto demonstra) e cada uma poderia servir como base para um novo mito, religião ou novidade pseudocientífica. O comentário se articula com o texto que foi desenvolvido até aqui, que não tem qualquer intenção de propor bases científicas para uma investigação do fenômeno, mas de um exercício imaginativo tomando várias disciplinas distintas para expandir horizontes e esboçar um tipo de xenologia a partir de uma grosseira teoria-ficção.

Ademais, Vallée propõe algumas interessantes considerações sobre as possibilidades que permeiam o fenômeno ufológico. Do comportamento das entidades relatadas por testemunhas, fala da frequente percepção de que, obviamente, visitantes inteligentes não se comportariam da forma descrita. Observação e dedução concordam, diz, que a ação organizada de uma espécie superior deve parecer absurda à espécie inferior, o que não impede contato ou mesmo coabitação, fato que é observável em nosso próprio planeta, onde humanos, animais e insetos entrelaçam suas atividades apesar dos seus diferentes níveis de organização do sistema nervoso. Outra consideração trata de a estrutura da natureza do tempo ser um mistério tanto para um físico moderno quanto era para Reverendo Kirk (folclorista que foi mencionado anteriormente aqui), de modo que qualquer teoria do universo que não tome nossa ignorância a esse respeito está fadada a permanecer um exercício acadêmico. Há limites para nosso entendimento. Outra proposição que encerra o estudo do autor parte de que todo o mistério discutido por Vallée – e também em nosso texto – contém os elementos de um mito que pode ser usado para servir a propósitos políticos ou sociológicos, o que se demonstra pela ligação entre os conteúdos dos avistamentos e o progresso da

tecnologia humana, ligação que nunca recebeu, segundo Jacques, uma interpretação satisfatória no quadro sociológico.

Um outro vetor de abordagem à questão ufológica se dá pelos casos de abdução, que se tornaram tão frequentes a partir da segunda metade do século passado. Espalhando-se como vírus em milhares de relatos, aos poucos as abduções passaram a compor um campo sólido de experiências condizentes que conformam um modelo quase padronizado de encontro com entidades não-humanas. Porém, há que se pensar este fenômeno a partir de possibilidades diferentes do que as oferecidas pela ufologia mais popular, que trata de seres extraterrestres fazendo infinitas experiências com humanos, como se fossem cientistas recolhendo animais para fazer estudo das suas características biológicas.

Neste ponto, recorre-se a John Edward Mack, psiquiatra chefe do departamento de psiquiatria da Escola Médica de Harvard de 1977 a 2004 e que já foi citado algumas vezes neste texto. Mack se debruçou sobre o fenômeno das abduções e tentou estudá-lo conciliando o mesmo com a psiquiatria, chegando a conclusões espantosas que favoreceriam a veracidade do fenômeno que ocasiona os relatos, seja qual for sua realidade última. O estudioso trabalhou com vários abduzidos por anos, utilizando hipnose regressiva para auxiliar no processo de lembrança e elaboração dos eventos. Estudando o tema diretamente na sua fonte, munido de reconhecida sapiência na área psiquiátrica, ele estabelece alguns pontos que podem ser relacionados aos demais expostos aqui.

Quando se fala no "filtro cultural" sobre qual o fenômeno OVNI ou alienígena parece operar, aparecendo em cada tempo de acordo com a estrutura cultural dos sujeitos que o testemunham, é possível encontrar eco nas observações de Mack (1999), que observa sobre como em experiências as pessoas costumam ver vários tipos de seres diferentes numa mesma ocasião; reptilianos, grey, seres de luz e outros. No livro, Sara, uma das abduzidas aponta à possibilidade de que eles estejam apenas usando formas de tecnologia mais acessíveis

às pessoas para aí apresentar sua manifestação. Outra testemunha abordada no livro, Eva, também adentra a mesma questão, sugerindo que os "ETs" que são vistos fisicamente são apenas uma forma que eles escolhem para entrar em nossa dimensão, seja lá de onde eles venham, mas que eles não vivem fisicamente como os humanos. Para ela, eles podem aparecer de várias formas, dependendo da combinação da sua maquiagem energética bioquímica e o aparato perceptivo das testemunhas, mas ainda haveria um terreno comum entre os avistamentos.

Dentro de um fenômeno marcado por uma nebulosidade essencial, essa característica distinta de existência das “entidades” e que supostamente não se encaixa com o ser físico dos homens, acaba sendo indicada na obra e Mack no relato dos abduzidos. Supostos abduzidos garantem que os seres são como formas de energia de muitos tipos, podendo distorcer as leis da natureza e se apresentar de muitas formas, que são espíritos de algum tipo. A mesma Eva antes citada fala que são uma ramificação do que chamamos de Deus, que não consistem em dados físicos, que não estão no tempo-espaço, que não têm qualquer forma e que são o todo. Quando Eva diz isso, ela fala dos seres na primeira pessoa do plural, apresentando outra característica frequente dos relatos, pela qual a pessoa ter uma identidade partilhada entre seu eu humano e seu eu "alienígena", como se fossem duas metades, uma humana e material e outra elevada e proveniente de outro mundo superior. Ou seja, além da interpretação extraterrestre, frequentemente os relatos são de que os seres se aproximam muito do que se entenderia como "espíritos" ou entidades incorpóreas em geral.

A temática fusional que envolve os relatos de abdução ainda tem outra característica apontada por Mack (1999), que é a de hibridização. Já há muito os relatos de abdução envolvem narrativas onde há a retirada de sêmen e de fetos, assim como relações sexuais com seres, tudo com um pano de fundo de hibridização, de criar uma nova raça a partir dessas duas espécies: alienígena e humana. As

justificativas, geralmente, se dão pelo avanço da humanidade, mas por vezes também envolvem a humanização das espécies inumanas, que careceriam de elementos sentimentais e até de fisicalidade, desejando, por exemplo, conseguir sentir odores como os humanos, o que é apontado por Sara no livro quando diz haver uma espécie que buscaria essa característica específica. O tema da hibridização poderia ser associado, caso se vá além das abduções em si, a vários relatos antigos onde há a presença de súcubos ou mesmo de povos *fae* engajando em relações mais íntimas com humanos. Parece residir, aí, um mistério de fusão com a alteridade que poderia ser alvo de variadas especulações. Por exemplo, um junguiano poderia vincular a esses seres a representação do si-mesmo surgindo como formas de vida superiores a serem integradas, sendo a fusão um impulso individuativo em direção de um modelo superior. Contudo, isso poderia ser interpretado por muitas vias menos benéficas, inclusive como cisões da personalidade, sendo que, de qualquer forma, ainda permaneceria o caráter especulativo das asserções.

Outro traço comum às abduções reside nos olhos das criaturas, os quais seriam capazes de paralisar e comover profundamente as testemunhas, como se ali fossem absorvidas num abismo de negrura infinita. Seria esse buraco negro dos olhos alienígenas remetente à rostidade deleuze-guatteriana (1996) onde a luz ingressante é absorvida nos buracos negros dos olhos, numa dimensão absortiva do sujeito? Seriam os olhos daqueles seres tão imponentes profundidades que absorveriam a própria subjetividade num gesto de pureza daquela própria ideia peculiar de olhos na rostidade? O relato de Sheila, trazido por Mack (1999), aproxima-se do de Strieber (1987), também depositando ênfase no poder dos olhos e no papel de líder de um dos seres encontrados. Sheila diz que o líder das criaturas controlava através dos olhos, e que, se a pessoa tentasse lutar contra aquilo, ele poderia controlá-la com os mesmos. Olhar na negrura dos seus olhos faria, segundo ela, sentir como se houvesse escuridão por todo o seu redor, como se estivesse numa caixa preta. São tão frequentes os relatos

sobre os olhos dessas criaturas que esse elemento pode ser classificado como típico dos casos de abdução, tendo sido trazido à atenção de Mack através dos relatos dos seus pacientes.

O estado de ubicação das abduções também é tema de debate. Onde ocorrem as experiências? Há casos em que se relata o aparecimento de luzes, OVNIs, pessoas que relatam ser levadas em grandes aeronaves ao espaço ou até algum planeta, pessoas que clamam acordar em outro local entre outros. Contudo, nunca se obteve uma resposta acertada para isso e, com todas essas considerações que põem em dúvida a origem extraterrestre para o fenômeno, torna-se oportuno questionar o *locus* da abdução. Em todos os relatos trazidos por Mack (1999), percebe-se uma qualidade quase onírica, onde a pessoa disputa a agência com o inconsciente, realizando gestos involuntários, submetendo-se à vontade de um outro desconhecido e caminhando num ar etéreo que se torna elemento difuso em rememorações posteriores. Nos relatos do livro, as pessoas estão certas da realidade do fenômeno, mas surge a noção de que aquilo não era parte da consciência habitual, como se tratasse de um estado não ordinário de consciência. Relata-se que, nesse estado, as pessoas têm acesso a partes da consciência que elas mesmas não têm normalmente, como se houvesse uma porta que bloqueasse a passagem para esse estado e só os seres tivessem a chave para abri-la. Palavras falham para descrever que processos fazem diferir os estados de consciência, ou se aquilo realmente se assemelha ao mundo onírico, como se tratasse de uma realidade transcendente onde se pode fazer trocas com as entidades.

Entre todas essas experiências comuns aos relatos de abdução, Mack (1999) destaca um fenômeno que permeia todos os fatos: o Choque Ontológico. Esse choque diz de algo que já foi abordado no texto, um impacto primordial de encontrar algo que pertence a uma alteridade fundamentalmente confrontadora, radicada em outros reinos que – talvez – não o da *bios*, da vida como interpretada pelo homem. Para um dos sujeitos da obra de Mack, Scott, a reação de pavor

que naturalmente domina as pessoas durante as abduções trata de uma reação natural a nível de espécie quando se confronta com algo que é tão profundo e não familiar. Os encontros nas abduções geralmente possuem essa tonalidade de puro terror no momento em que ocorre o contato, um horror primitivo, original, que parece se situar no confronto com um total estranho que, de alguma forma, reveste-se de uma humanidade inumana, talvez disfarçando sua inumanidade com traços mais próximos do homem a fim de evitar graus ainda mais traumáticos de choque ontológico. Scott, testemunha do livro de Mack, diz que nunca queria olhar para aqueles seres, que sua humanidade não queria ver aquilo, que o lado humano não consegue lidar com o outro lado, que o ser humano nele age com medo instintivo, mas que é necessário compreender que estes seres, tal como os homens, estão vivos e são vida. Segundo Peter, um dos abduzidos analisados por Mack, e que por vezes fala a partir da sua "metade alien", os seres teriam estudado as reações químicas do cérebro e como as pessoas reagiriam para então saber quando era a hora de se apresentar, podendo administrar o choque ontológico do encontro enquanto os humanos desvelam os seres pela primeira vez.

Posteriormente ao choque ontológico inicial, alguns abduzidos relatam uma importância fundamental desse momento, como se servisse para ampliação das suas consciências, um alargamento da realidade que precisa passar pelo trauma do choque ontológico para ocorrer. O terror estaria no que permanece além da percepção humana de realidade – ou, como referimos nesse texto, o nefando. Ao *body horror* típico das abduções, o abduzido Peter coloca a necessidade de experimentar no físico antes de poder aceitar no psicológico, como se todos os traumas físicos e as "experiências científicas" levadas a cabo pelos seres fizessem parte de uma necessidade para a instalação daquele encontro com o outro como realidade psicológica dentro de uma noção de realidade que passa a ser alargada. Apenas expandindo a noção de realidade humana através do choque ontológico é que esses

seres poderiam se comunicar com os homens. Esse movimento, para Peter, consolida uma evolução da consciência humana.

Ao mencionar o choque ontológico e o estágio de trauma dos encontros dos pacientes de Mack, algumas conexões se abrem. Tratando-se de uma disposição de um ego forte que acaba sendo subjugada por essas figuras reais ou imaginais (não meramente imaginárias) nos estranhos encontros que produzem, é possível buscar em James Hillman (1989) alguns apontamentos. No seu livro Entre Vistas, ele é indagado sobre as imagens (em sentido psicológico, fenomenológico), sobre como há um tipo de invasão por parte delas, das imagens que vêm por si mesmas de encontro à psique. A partir deste diálogo, Hillman procede até a possibilidade de que presenças imaginativas possam estar bloqueadas para alguns, sendo o objeto de bloqueio o próprio ego forte. O ego forte seria uma das características do nosso tempo, sempre se dispondo a domar a área da psique, coordenando os elementos e reforçando a unilateralidade do pensamento pelo qual se é *sujeito*. A própria psicologia do ego, do mito do herói, viria a fortalecer essa perspectiva, fortalecendo o ego na intenção de que ele possa lidar com as aparições independentes e complexos autônomos. Desta forma, para Hillman, as figuras imaginativas só podem aparecer através de rachaduras, colapsos, janelas quebradas... através dos sintomas. Assim, nessa edificação poderosa e defensiva construída pelo ego forte, aquele monarca absoluto da psique que proclama pela sua unidade, ignorando seus complexos e suas várias vozes, os elementos autônomos só podem adentrar na forma de invasores. Nisso surgiria o medo de ser raptado, carregado, esmagado por algo que está além do controle do todo poderoso ego.

De forma bastante curiosa, esse pensamento de Hillman, que nada toca a temática dos seres estranhos entrando nos quartos à noite e raptando pessoas para realizar procedimentos desconhecidos, lembra o que foi dito por Whitley Strieber (1987), que teoriza sobre como esta seria a primeira vez que o homem simplesmente se recusou a

responder aos fantasmas e deuses como fizera o homem antigo em sua experiência arquetípica e mítica. Por tal motivo, estas entidades teriam se tornado tão físicas e reais, arrastando pessoas para fora da cama como estupradores na noite. O autor menciona visões e quimeras tentando arrombar as portas da realidade física e não meros efeitos oscilantes da mente. Para Strieber, algo está lá fora e quer entrar. Nesse esboço xenológico, há outra abordagem daquilo que Hillman (1989) tratou tão bem, mesmo que falando das imagens na psique. Ambos apresentam o recebimento destas imagens ou *coisas* como problemática maior; saber responder às imagens que se anunciam, acolhê-las no estar-junto parece ser uma solução concordante entre eles. Em Hillman, é questão de ser um bom anfitrião ao receber a imagem como ela é, não assumindo se tratar de uma psicose ou qualquer coisa já definida, agindo de forma simples, inocente e fenomenológica, e não com base no que chama de um sistema interpretativo baseado no medo ou de uma imagem que precisa ser excluída pelo ego histórico. Enquanto isso, em Communion, Strieber (1987) apresenta a necessidade de responder aos "deuses e fantasmas", o que, para ele, recusaríamos a fazer em nossa era, forçando essas entidades adentrarem de forma violenta a realidade. Seria essa uma via possível de compreensão do que os abduzidos estudados por Mack (1999) relatam? São vários os casos onde toda a narrativa inicia com um momento de choque ontológico e procedimentos corporais invasivos, onde a realização da existência daqueles distintos seres ameaça colapsar a ordem mental, havendo depois a subjugação de todo orgulho humano que fazia com que este fosse o centro da existência. Seria uma forma dessas imagens ou elementos ocultos da psique imporem ao monarca da psique, o ego forte, a própria existência e revelar a ilusão de um protagonismo do ego humano?

Não muito diferente é a abordagem trazida por Wendt e Duvall (2008, apud D'SA, 2014), segundo a qual, por milênios, à natureza e aos deuses era atribuído poder causal e subjetividade que permitiam a eles partilhar da soberania com humanos, ou mesmo exercer domínio. Com

a idade moderna e o investimento antropocêntrico que faz do homem seu único monarca, as imagens de OVNIs e alienígenas surgem como questionamento da aceitação de uma soberania antropocêntrica sobre tudo, forçando o homem a considerar a possibilidade de um poder superior e incontornável que faz das suas construções tecnológicas um tipo de brinquedo insignificante. Conforme apresentado por Nigel D'Sa, para os autores o próprio ceticismo em relação à questão ufológica, tantas vezes confirmada por meios oficiais, estaria próximo da negação psicanalítica. Para ilustrar o pensamento, recorrem à estória da roupa nova do imperador, falando que seria como se o soberano reprimisse o fenômeno OVNI pelo medo do que podia revelar sobre si mesmo; e as pessoas fingem junto a ele que nada está exposto. No caso, já que foi utilizada no texto várias vezes a figura de monarca para a unilateralidade poderosa do ego humano, este ego tentaria negar a existência de certos fenômenos através de um ceticismo vazio para evitar contemplar a própria destituição de autoridade, esta que, em última análise, considerando a realidade dos fenômenos xenológicos, não passaria de uma ilusão.

Anteriormente, foi mencionada a hipótese de sistema de controle trazida por Jacques Vallée (1990), associando-a a um tipo de sistema de natureza ainda incompreendida que agiria na regulação de processos, atuando, no caso, sobre o inconsciente coletivo com alguma finalidade (como, por exemplo, o controle do avanço da técnica sobre o mundo). Tal ideia encontra repercussão na obra de Mack (1999), que evoca um conceito usado também aqui no texto, o de Anima Mundi ou Alma do Mundo. Sheila, uma das abduzidas analisadas por Mack, fala que, quando olhou nos olhos das criaturas, eles falaram de uma co-dependência entre os seres e nós, fazendo-a começar a pensar na teoria dos sistemas e ecologia, em algo maior. A questão do controle em si a fez pensar muito, pois, quando se olha nos olhos dos seres, eles estão no controle e então há a necessidade de deixar a posição de controle para eles, contrariando o desejo humano de sempre estar no comando, o que implicaria em consequências destrutivas. Para alcançar o

equilíbrio, diz, é necessário se render, aceitar estar sob controle. Que, no mundo diurno, são os homens no controle, mas na hora noturna ocorrem essas experiências que o obrigam a se render e ficar sob controle de algo mais poderoso e desconhecido. Seria esse apontamento da testemunha algo a mais para somar às experiências de dominação e de exames "médicos" promovidos pelas criaturas? Seriam essas formas de romper a necessidade humana de estar no controle e ensinar que é necessário se colocar entre os outros entes como forma de alcançar um equilíbrio maior no sistema que engloba ao ser humano? Por esse pensamento, as intervenções das entidades teriam um objetivo quase pedagógico de colocar o homem no seu local apropriado: entre os entes e não sobre controle de todas as coisas do mundo e universo. Desta forma, o fenômeno poderia ser interpretado como um sistema de controle para colocar a raça humana em um lugar mais apropriado a ela.

Outra ideia trazida na obra de Mack (1999) é de natureza espiritual, onde o autor menciona um evento em que participou na Índia em 1992, ocasião em que alguns tibetanos budistas trataram do tema da abdução como o caso de espíritos perturbados pela profanação do planeta, tornando-se irritados e incomodados, causando distúrbios negativos entre os homens. Uma figura espiritual de liderança teria dito, segundo Mack, que esses espíritos ficaram tão incomodados pela destruição dos reinos em que habitam que foram forçados a vir até os homens, buscando compaixão e transformação destes. Essa ideia, usando de suas próprias figuras espirituais, situa-se semanticamente junto da ideia de sistemas de controle: um mundo perturbado, ou dessacralizado pelo homem que afetou a estabilidade da Alma do Mundo ou Anima Mundi, acaba por ocasionar a reação de inteligências não-humanas que convivem no mesmo sistema e agora precisam, de alguma forma, buscar a retomada do equilíbrio. Para tal, eles precisariam recorrer à única linguagem reconhecida pelo homem de hoje, que é a da materialidade, utilizando as formas com que têm aparecido desde o último século: usando recursos tecnológicos que,

hoje, abundam na psique humana, substituindo os antigos mitos e ainda possibilitando, através disso, uma abertura para um domínio que o homem alienou, que é o da experiência espiritual. De alguma forma, esse argumento vem de encontro às próprias teorias ecológicas e sistêmicas em geral que passaram a obter mais relevância nas últimas décadas.

Um aspecto das abduções que parece ir de encontro à teoria dos sistemas de controle, seja como ela for detalhada na sua exegese, é a da frequente mensagem relacionada à preservação da natureza, ao perigo nuclear, ao esgotamento dos recursos naturais, às tendências bélicas entre outros. Não raro, às testemunhas são transmitidas terríveis imagens do fim: tsunamis, guerras, destruição, todas supostas visões de um futuro negro e inescapável se os meios humanos de vida não forem mudados. Na obra de Mack, levanta-se a hipótese de que essas visões não sejam exatamente visões exatas de um futuro próximo, mas incorporações poderosas do que já está ocorrendo em nível bioespiritual ao planeta, sendo essas cenas projetadas às mentes humanas durante esses contatos. Assim, pergunta-se sobre essas imagens, se seriam uma manifestação do que já ocorre com o planeta ou mesmo consequência do desligamento da alma humana com a Anima Mundi, de modo que essas inteligências não-humanas, atuando como agentes de um sistema de controle, oferecem a chance de reajustar a trajetória coletiva assumida pelo homem, agindo de modo sutil na psique humana. Essa teoria ofereceria outra possibilidade àquela abordada por John Keel (1996), que indica um elemento trickster no fenômeno ao mencionar quantas vezes os contactados são "enganados" pelos alienígenas com visões e profecias que não se concretizam de fato. Olhando pela visão oferecida por Mack, as visões, embora não sejam objetivamente reais, carreguem consigo o real da *imagem* como algo que se apresenta de forma diversa, mas que reflete um estado da alma. Mesmo que as visões não fossem se concretizar, estariam ligadas a um sentido interior juntamente ao Mundo e seu estado ou possível sofrimento corrente, ligando-se ao humano através

de áreas cinzas da psique onde fica cada vez mais difícil distinguir entre matéria e psique, exterior e interior.

No testemunho de Joe, outro paciente de Mack (1999), os alienígenas são percebidos como entidades mais próximas de uma fonte divina ou da própria Anima Mundi do que os seres humanos. Assim, essas experiências de abdução teriam uma qualidade quase divina experimentada por muitos. Em compensação, a densidade física dos humanos parece também, segundo o autor, ter uma espécie de apelo para aqueles seres. Para Carlos, outro abduzido abordado no livro, surge uma grande preocupação com a Terra e seu destino. Ele acredita que os alienígenas, mesmo com sua aproximação e métodos aparentemente brutais, estão buscando endereçar o comportamento destrutivo humano. Para ele, estando a Terra e os sistemas aos quais ela se conecta em eminente perigo de colapso, os alienígenas agem como pequenos drones de uma complexidade mais vasta e à serviço da sobrevivência. Carlos usa uma interessante figura para se referir a eles, chamando-os de "jardineiros da Terra", buscando instruir os humanos a encontrar a plenitude e não se deixar capturar pelo impulso humano para a extinção; buscam ensinar a encontrar a plenitude no meio ambiente, uma plenitude do Jardim Terra. Bom, essa visão está em pleno acordo com as outras que surgem dentro de possíveis sistemas de controle. Eles estariam fazendo o difícil trabalho de corrigir o coletivo humano diante da aceleração técnica que tomou conta de si, lançando-se sobre a Terra esgotando seus recursos através de processos monotônicos de expansão infinita e do incessante calcular aplicado sobre cada ente do mundo.

Dentro do marco de Anima Mundi, o que Mack (1999) observa é que os abduzidos se encontram numa posição de humildade, reconhecendo-se não mais como os senhores da Terra, mas crianças do cosmos dentre outras vidas inteligentes que "não deviam existir" dentro da concepção humana atual, necessitando encontrar formas harmoniosas de coexistir com essas outras inteligências. Nisso, o autor vê uma assustadora lição de humildade que abre a pisque para

percepções mais abrangentes do universo. Para Mack, o relato frequente de dupla personalidade, onde as pessoas relatam ter uma metade alienígena, reforça o mencionado, como se fosse uma parte faltante, uma conexão de alma para a fonte universal da consciência, ou a Anima Mundi da qual as pessoas se sentem desligadas hoje.

Contudo, por mais que toda essa hipótese de sistemas de controle façam sentido diante da análise dos relatos, quando se fala nos "outros" e em suas visitas, todo cuidado é necessário. A ideia de identidade dupla, de hibridização e de relações íntimas com os seres não são nada recentes, remontando, como já foi relatado ao tratar dos mitos, a distantes séculos. Além disso, caso se tenha em conta o argumento do filtro cultural, a adoção de um discurso ecológico e naturalisticamente catastrófico não poderia fazer parte do mesmo mecanismo que leva o fenômeno se manifestar dentro dos marcos da ficção científica e não mais de barcos flutuantes e criaturas míticas? Não seria essa mais uma forma de absorver o impacto com esse outro nefando a partir das nossas próprias preocupações terrenas e ecológicas? A atenção ao desequilíbrio ambiental e às consequências da marcha do progresso não são recentes e nem originados nas comunicações com essas entidades, mas vêm encontrando eco nas supostas comunicações com os seres. Dentro de um universo tão fugidio de possibilidades, questiona-se: eles realmente conseguem nos falar o que querem *dizer*? Quais as implicações das barreiras de comunicação entre essas supostas criaturas e o ser humano? A forma com que aparecem é determinada por eles por escolha própria para diminuir o impacto (como quando surgem como animais) ou é algo condicionado pelo "recipiente" humano da experiência? Há defensores para as duas possibilidades. Caso a aparência do fenômeno dependa do observador humano, isso não se aplicaria também à linguagem empregada pelas entidades? A emergência da questão ambiental e sistêmica nos campos de saber não teria o efeito de potencializar as associações inconscientes em gerar tal discurso nas entidades? A ideia de Jardineiros da Terra chega até a ser bela, e se torna bela por se

conformar a uma expectativa narrativa quase mitológica. Contudo, sabemos que o mais assustador do nefando é a carência de sentido, é o ato do absurdo, a quebra da narrativa e do esperado. Será que esses encontros com entidades não-humanas não estão situados em premissas totalmente diferentes e que tentamos justificar sempre com recursos disponíveis à consciência em determinado *zeitgeist*? Ou, ainda, poderia ser que todas essas elaborações fantásticas não fossem mais que apenas subprodutos psicopatológicos. Sabe-se que a narrativa das abduções se transformou com o tempo, por exemplo com o aparecimento dos relatos de fetos roubados nos anos 80 seguindo o surgimento de um livro de Hopkins sobre o assunto. Seria esse um efeito do filtro cultural ou evidência para o argumento psicopatológico contra a facticidade das abduções? Pois é evidente que, dentro de uma patologia psíquica, como em um transtorno dissociativo de identidade, os sintomas estarão conduzidos, em certa medida, por elementos culturais instalados no inconsciente, por exemplo como uma outra personalidade que apresente relação com algum mito ou personagem histórico.

Mack (1999), psiquiatra de reconhecida carreira, como já indicado, pontua em sua obra que exames psiquiátricos e numerosos testes psicológicos falharam em revelar patologias que poderiam explicar o fenômeno da abdução. Menciona que, para alguns, as abduções podem se tratar de deslocamento de algum outro tipo de trauma, especialmente de abuso sexual. O psiquiatra concorda que as abduções apresentam alguns sintomas associados com estados pós-traumáticos, mas esses sintomas parecem, para ele, ser resultados, e não a causa, do que as pessoas relatam. A questão do trauma deslocado, para o autor, não explicaria os outros aspectos comuns às abduções, como a relação com os seres, a preocupação com a ecologia e outros. Porém, a questão psiquiátrica não acaba nesses termos.

O escritor de ciência Jim Schnabel aborda o tema da abdução através de um viés psicopatológico bem fundamentado e estipula algumas possíveis categorias para muitos casos. Contudo, deve-se

lembrar que o fato de alguns casos serem inteiramente compreensíveis através da lente psiquiátrica não conclui na falsidade do fenômeno. Se é o caso de um fenômeno real que ecoa na cultura, é mais que natural que sua tipologia seja incorporada em quadros psicopatológicos que, como mencionado anteriormente, também são nutridos inconscientemente por conteúdos culturais. A dificuldade de traçar caminhos claros e conclusões concisas recai muito na fugacidade do objeto que é abordado, um objeto que tem muito de outros estados de consciência e do rompimento com o que temos por garantido como mundo natural. É justamente por isso que O Estranhamento de Humanidades Inumanas já abandona desde início qualquer pretensão de cientificidade ou de emitir conclusões certeiras sobre o tema.

Jim Schnabel (1994) aponta para o surgimento de uma suposta síndrome na década de 60, com o quadro apresentando, atualmente, clamores de fugas amnésicas, cicatrizes inexplicadas, memórias repentinas de abdução infantil em idade adulta, gravidezes que surgem e desaparecem misteriosamente, dispositivos de monitoramento neurológicos ou reprodutivos que também aparecem e somem, despertar repentino, paralisia, sensação de presença na madrugada, fenômeno poltergeist, perturbações elétricas, distúrbios alimentares e transtorno de ansiedade no que foi nomeado como "síndrome pós-abdução" por alguns, mesmo não sendo um nome aceito oficialmente. O autor fala de casos que parecem refletir um transtorno dissociativo, trazendo relatos de abuso sexual e amigos imaginários na infância, sonambulismo frequente ou estados de fuga dissociativa com hematomas ou outros ferimentos, e uma alta susceptibilidade a estados de transe. O autor aponta para a possibilidade de transtorno dissociativo associado a hipoparatiroidismo, onde 1,9% dos casos, segundo sua obra, apresentam psicose de gênese orgânica a partir da calcificação de áreas do cérebro; as calcificações são associadas com condições psiquiátricas e neurológicas incluindo convulsões, alucinações ou delírios de perseguição, indica Schnabel. Outra possibilidade que ele estuda trata

da relação das abduções com o lobo temporal, como sensações premonitórias da fase convulsiva aura, alucinações, sensação de flutuar, experiências paranormais, delírios paranoides, sensações sexuais aparentemente associadas à fase convulsiva ictal, anormalidades termoregulatórias, possível hipergrafia em alguns casos, dependência e passividade, depressão e comportamento sonâmbulo atípico seguido de amnésia completa ou parcial. Schnabel chega a indicar um investigador que verificou epilepsia do lobo temporal em uma suposta vítima de abdução, mas que definiu como coincidência. Menciona Michael Persinger, que relatou a ligação entre as abduções de um sujeito com o anticonvulsionante carbamazepina, também argumentando que as experiências de abdução e de outros "visitantes" seriam mediadas por micro convulsões ou anormalidades elétricas no lobo temporal, variações que podem passar sem detecção em eletroencefalograma. O autor, embora traga o viés científico rigoroso, também evoca alguns conceitos distintos. Por exemplo, busca em Mircea Eliade algo como uma "psicose divina", citando o indício de que a epilepsia ou algum transtorno afim é relegado ao papel de precursor de encontros sobrenaturais crônicos. Schnabel liga isso a um dos abduzidos que conheceu e tinha histórico de convulsões na infância.

Schnabel (1994) ainda aponta para o transtorno factício (também conhecido como síndrome de Munchaüsen), o qual teria paralelos comportamentais com pacientes com transtornos dissociativos, incluindo aí automutilação compulsiva, imaginação ativa com pseudo-histórias elaboradas, uso de nomes diferentes e clamores de abuso infantil, negligência ou trauma. Para exemplificar o seu ponto, cita o caso de uma mulher que clamava ter sido vítima de abuso ritual satânico, um relato que se aproxima dos relatos de abdução em geral, não apenas nos temas de lembrança súbita do abuso ou trauma supostamente sucedido, e em histórias dissociativas, mas também nas imagens utilizadas, que geralmente apresentam a vítima deitada e nua, sofrendo manipulação sexual ou ginecológica e depois

dando à luz a crianças que são recolhidas pelos ritualistas (ou alienígenas no caso das abduções). Menciona também a fabricação de histórias dentro do transtorno factício, mencionando casos em que supostas vítimas de abdução teriam admitido que a criação das histórias era o único modo de obter a atenção que necessitava, o que era obtido em círculos de ufologia ou mesmo de abduzidos.

Voltando ao transtorno dissociativo, no caso ao transtorno dissociativo de identidade, que é tratado por Schnabel na sua forma antiga, *multiple personality disorder* (MPD), há ainda algo mais que o autor vê como mister evocar no seu texto: possessão. Conforme a literatura que cita, o transtorno dissociativo de identidade seria um nome secular para o que se chamou um dia de possessão demoníaca. Cita alguns autores para os quais o transtorno criaria uma espécie de vetor socialmente mais aceitável para a expressão de impulsos libidinais, o que poderia ser visto nos casos de mulheres, politicamente impotentes, supostamente possuídas por entidades, podendo adquirir, assim, poder, influência, autonomia e satisfação parcial das suas necessidades frustradas. Chega a mencionar a realização de impulsos dionisíacos através desse subterfúgio inconsciente da possessão. Cita, ainda, o caso de uma freira italiana do século XVII, que, supostamente possuída, teria falsificado estigmas, ferimentos e asceticismos, manifestando personalidades diversas masculinas que aparentemente serviriam para expressar seu suposto lesbianismo e ambições místicas grandiosas.

Ainda dentro das possessões, o autor se volta aos cultos de possessão, dos quais traça paralelos com grupos de apoio para abduzidos. Os cultos poderiam, diz, oferecer oportunidades sociais atrativas que reduziriam as chances de retornar ao papel anterior ao de vítima. Esses cultos seriam compostos, frequentemente, por vítimas e por uma espécie de xamã ou líder com maior contato com o oculto, onde os possuídos muitas vezes podem competir pela atenção dessa figura. Aponta-se que a mesma estrutura parece persistir em grupos de apoio às vítimas de abdução, que são mediados por terapeutas. No

caso das abduções, grupos de apoio seguiriam uma formação semelhante, aproximando-se de epidemias de possessão em conventos europeus nos séculos XVI e XVII, onde confessores e exorcistas tinham papel semelhante ao de terapeutas modernos. A competição de vitimização podia ampliar os sintomas possessivos, o que o autor relaciona à expansão das narrativas de abdução, que passaram a incluir novos elementos como agentes governamentais e híbridos entre humanos e alienígenas. Tal dinâmica, diz, poderia explicar a proliferação de personalidades que podem ocorrer em pacientes de transtorno dissociativo de identidade, seja como resistência ao tratamento ou consequência da exposição a outros pacientes do mesmo quadro patológico.

O autor faz a ressalva de que isso não significa que todos os casos de abdução sejam de natureza psicogênica, especialmente casos mais antigos que teriam sido relatados juntamente a testemunhas separadas de OVNIs, tendo sido esses casos interpretados como resultados de convulsões ou transes induzidos por fenômenos exógenos geo-atmosféricos eletromagnéticos combinados com fatores neurofisiológicos e psicossociais. Contudo, observa que tais encontros podem ser seguidos de relatos crônicos que podem ser reflexo de uma autovitimização ou mesmo reflexo "xamânico" acionado por um evento inicial desta natureza.

Schnabel consegue expor um ponto muito válido que parece passar despercebido na obra de Mack (1999), ou talvez não parecesse pertinente ao psiquiatra nos casos em que atendeu. No DSM-V (2014), o transtorno dissociativo de identidade possui, entre seus critérios diagnósticos: ruptura da identidade por dois ou mais estados de personalidade e lacunas na lembrança de eventos cotidianos, informações pessoais importantes e eventos traumáticos. As mudanças entre os estados de personalidades não precisam estar no marco de uma possessão, podem ser mais sutis. As questões de amnésia podem incluir descobrimento de ferimentos e lacunas cotidianas sem vinculação direta com eventos estressantes; o sujeito pode se encontrar

em locais que não lembra como chegou. Outro núcleo de personalidade pode assumir contornos espirituais, onde uma entidade externa toma o controle, podendo falar através da pessoa. Alguns desses fenômenos podem ser verificados nas narrativas dos pacientes de Mack (1999) sob hipnose. No entanto, o DSM-V (2014) coloca que muitas características similares podem surgir como produtos de práticas espirituais específicas, o que não caracterizaria, especificamente, o transtorno mencionado. Se uma das características do transtorno dissociativo de identidade é a possível "possessão" por entidades supostamente espirituais, não seria já o tempo de incluir nestas os supostos alienígenas, uma vez que são inúmeras as religiões e seitas que mesclam o domínio espiritual com o extraterreno?

Em termos de comorbidade, pacientes com o transtorno podem apresentar, segundo o DSM-V, convulsões não-epiléticas e flashbacks dissociativos nos quais experimentam sensorialmente eventos anteriores como se ocorressem naquele instante, em geral com mudança de identidade, perda de contato com a realidade e amnésia após esse flashback. Os sujeitos que apresentam o transtorno costumam relatar maus-tratos durante a infância, falando de eventos precoces como procedimentos médicos dolorosos e prolongados. Os sujeitos apresentam maior susceptibilidade à hipnose e capacidade dissociativa. O transtorno estaria ligado a eventos traumáticos na infância e sofre interferência de aspectos culturais, podendo apresentar conteúdos diferentes conforme a cultura na qual o sujeito está inserido.

Toda a sintomatologia citada a partir de Schnabel (1994) e do DSM-V (2014) deixa claro que, certamente, há muitos casos em que as supostas abduções podem ser explicadas pelo transtorno dissociativo de identidade, ou mesmo por ele acompanhado das comorbidades citadas anteriormente, sempre tendo em atenção o papel que desempenha a cultura no desenvolvimento do transtorno. Porém, sobram ainda muitas questões. Se falamos em um fenômeno xamânico por vezes, até onde podemos delimitar os fenômenos das áreas cinzas ou limítrofes da psique? Até onde os elementos apresentados em

transtornos, ou os complexos da personalidade, podem ter uma realidade persistente por si só ou servir de ponte para outros domínios inconscientes ignorados pelo homem? O próprio DSM-V desconsidera o que seriam sintomas se vinculados a doutrinas espirituais. É um terreno perigoso que, além de mexer com os valores e práticas espirituais do homem, abordam um *locus* fugaz e dissimulador pelo qual novamente se pergunta: Até onde meus pensamentos são meus? Até onde eu sou figura única da minha psique? Essa questão abre a trilha até os complexos de Jung e sua "pequena gente" (HILLMAN, 2010), as multidões que convivem em cada ser e ainda são misteriosas em sua origem, natureza e subsistência. Como o trabalho de O Estranhamento de Humanidades Inumanas não é encontrar respostas definitivas, aqui se abre mais uma direção para adentrar nessa mata escura da psique humana.

O que se depreende das exposições realizadas pelos autores evocados demonstra a elasticidade das análises possíveis ao tema. Desde sua dimensão humanoide, foco maior em nosso texto, às estranhas manobras feitas por tecnologias impossíveis, há um profundo mistério que toca as profundidades do ser humano, operando por trilhas desconhecidas e pontos-cegos da realidade. O fenômeno conjuga em seu campo de ação viajantes do espaço, criaturas elementais, manifestações fantasmagóricas, tecnologias inacessíveis, entidades indefinidas, manifestações físicas e mentais, aspectos religiosos, profecias enganosas, discursos que despistam, ultraterrenos, possibilidades interdimensionais, espasmos do inconsciente coletivo, velhos deuses e fenômenos tão antigos quanto a humanidade. O explorar de todas as hipóteses apresentadas, tão carentes de cientificidade, pouco elucidam da natureza dos visitantes, somente gravando em nossa mente que esse fenômeno parece ser muito mais profundo do que aparenta.

No decorrer do texto, sempre se deixou aberta a possibilidade de que essas "projeções" em casos de natureza mais sobrenatural ou fantástica pudessem corresponder não a um fenômeno puramente psicológico, mas sim a algum tipo de relação com o mundo imaginal e com entidades provenientes de "mais além". Estaria implícita nisso a diferença entre imaginação humana, advinda dos temas subjetivos de cada um, e as formas pertencentes ao mundo imaginal, que seriam formas reais pertencentes a uma realidade autônoma, algo entre a condição do homem e uma condição verdadeira que participaria de níveis "mais sutis", menos contaminados pela matéria (admitindo, nisso, influência do neoplatonismo). Voss (2013) fala do mundo imaginal, ou *mundus imaginalis*, como local intermediário entre espírito e matéria, uma dimensão em que o mundo espiritual assume uma realidade objetiva. A natureza desse mundo imaginal seria personificada na miríade de seres espirituais que fazem mediação entre Deus e a humanidade. Essa relação é bem explicada por Gregory Shaw (2003), que elucida esse pensamento no contexto de Jâmblico, dos neoplatonistas muçulmanos, da psicologia arquetípica e do trabalho com sonhos de Robert Bosnak.

Caso se pense que há, nos fenômenos evocados, um processo de "revestimento" sutil sobre formas sensíveis, essas formas sensíveis deveriam ser elaboradas conforme a alma de quem as acessa, agindo nesse processo, provavelmente, os mecanismos projetivos já mencionados, atuando de acordo com vários fatores diferentes. O próprio Jâmblico (2003) fala dos sonhos divinos que nos vêm em estados hipnagógicos, num movimento teúrgico da alma, agindo sobre sua faculdade imaginativa (τὸ φανταστικόν), que é o poder de imaginação da alma. Essa "fantasia" funcionaria como um meio para a aparição (φαντάματα) dos deuses. Enumera dois tipos de fantasia: o primeiro, que reflete sensações físicas e o segundo, que reveste inteligíveis em imagens visíveis (φαντάματα). O último caso se aplica

às "imaginações divinas". Da mesma forma, é possível encontrar divisões parecidas da faculdade imaginativa em Corbin, Jung e Hillman.

Dentro dessa relação entre alma e mundo imaginal, é útil observar que as entidades se apresentam em formas visíveis de acordo com a alma de quem as vê. Ou seja, suas imagens variam. Caso se opte por uma visão da psicologia profunda, isso diria que essas formas se apresentam conforme diretrizes inconscientes das mais variadas. Ainda dentro da temática onírica e da sua função imaginal-receptiva, Shaw (2016) apresenta um pensamento de James Hillman segundo qual, em sonhos, somos visitados por *daimones*, ninfas, heróis e Deuses moldados como nossos amigos da última noite. Portanto, os sonhos dessa natureza imaginal funcionariam como contenção para influxos *divinos*, que recebemos conforme estejamos preparados para tal.

Para os teurgistas, segundo Shaw (2015) em seu texto sobre *siddhas platônicos*, as aparições dos daimones, anjos ou deuses vistas na imaginação eram consideradas tanto subjetivas quanto objetivas, ocupando ambos os campos da percepção. O autor explica que, para Proclo, os deuses são incorpóreos, mas como os que os veem possuem corpos, as visões que surgem dos deuses possuem certa qualidade dos deuses que as mandam, mas também derivam algo daquele que vê as aparições; assim, os deuses seriam vistos embora não vistos de todo. Como as visões têm extensão física e aparecem no mundo daqueles que as veem, ao mesmo tempo emitindo luz divina e revelando símbolos visíveis ao observador, elas derivam dos próprios deuses que as projetam. Essa seria uma explicação para o fato de os símbolos inefáveis dos deuses, expressados em imagens, serem projetados vezes de uma forma e vezes de outra. Ao observador seria impossível ver aquilo que é desprovido de forma sem uma forma, pois, explica Shaw, aquele que vê o faz por meio de formas. O autor estende esse pensamento derivado dos neoplatônicos aos casos de experiências de quase morte, o que explicaria a variedade de experiências místicas encontradas nesse estado, onde pessoas de diferentes culturas podem

ver deidades afins aos seus quadros culturais. Dessa maneira, mesmo estando em formas que são produzidas pela imaginação, as aparições estariam enraizadas em realidades divinas. Os teurgistas, continua, reconheciam que as realidades incorpóreas e inefáveis só poderiam ser vistas e apreendidas através de imagens, nas quais aparecem de acordo com nossa natureza (derivadas da nossa cultura e história pessoal). Shaw explica que, para Jâmblico, a forma com que essas manifestações eram percebidas dependia do nível de purificação do *ochēma* (corpo etéreo), de modo que as visões poderiam exaltar a alma ou levá-la à loucura. Percebe-se que os pensamentos elaborados dentro da teurgia neoplatônica já pesavam os fatores do inconsciente mesmo sem endereçá-lo diretamente como conceito do modo com que faria Jung séculos depois.

Contudo, o trabalho com essas imagens não é meramente no sentido de elevação através de aparições angelicais e divinas. Em aparente concordância com o princípio analítico de Sombra, mesmo que em outros termos, Jâmblico propõe que o trabalho teúrgico inicie pelas feridas. Hillman (1995) menciona o fato de Jung comentar que os deuses se tornaram doenças em nossa sociedade deserta de ritos religiosos. Assim, o trabalho começaria pela integração do que é Sombra. Em Jâmblico (SHAW, 2003), a jornada da alma começa por um lado negativo, nos complexos patológicos com que a alma está identificada. Como a condição humana é inferior às influências inteligíveis que recebe, é comum que ela as receba de maneira negativa, transferindo suas paixões a essas causas, sendo as recepções patológicas um resultado do logos da alma universal sendo filtrado pelo fluxo da matéria; as reflexões distorcidas de uma alma encarnada. No entanto, é exatamente nesse lugar que o trabalho deveria ser iniciado, partindo do pensamento de que nesses encontros imaginais, aprendendo a aceitar e honrar as imagens daimônicas perturbadoras, obscuras e até aterrorizantes, a alma encontraria conteúdos que são parte do seu itinerário para recuperar a totalidade; caso sejam apropriadamente suportadas, essas imagens agonizantes revelam seus

princípios subjacentes e se tornam parte do receptáculo da alma para, então, receber os deuses (SHAW, 2003).

O próprio Strieber (1987) apresenta uma interpretação rudimentar e quase alquímica do tema, imaginando que o contato humano com as entidades tem algum sentido de Comunhão (nome do seu livro). Para tal, toma a forma triangular para exemplificar o encontro de duas energias que devem gerar algo novo a partir do desposar do desconhecido, parecendo apontar em direção à integração do *outro* misterioso, nefando. Em relação ao aspecto daimônico das entidades, Jacques Vallée (1993) indica como os seres da mitologia tradicional de vários povos eram de um tipo de "raça aérea", um tipo de existência intermediária entre forças divinas e mortais, como os *gentry* irlandeses. Seriam seres diferenciados agindo sobre os elementos, mesmo que muitas vezes retratados como possuidores de natureza mortal. O autor cita Agobardo, para quem os tripulantes dos navios voadores de outrora não eram da mesma raça dos anjos por serem mortais. Vallée ainda cita um pensamento de Paracelso segundo qual a criação de Deus se manifesta ao homem cedo ou tarde, de modo que Deus o confrontaria com demônios e espíritos, assim como anjos, seus servos, para que o homem possa entendê-los e se convencer de sua existência. Seriam essas entidades relatadas parte de realidades mais sutis de um domínio imaginal e que precisariam ser integradas de alguma forma?

John Mack (1999) e o estudo conduzido com abduzidos revela uma estrutura quase arquetípica de trabalho espiritual a partir do contato com aquelas entidades inumanas. Ele detalha uma série de graus que caracterizam muitos casos que analisou. Primeiramente, há uma espécie de morte do ego do abduzido, onde o mesmo se torna uma superfície passiva para os procedimentos executados pelos seres; nesse momento, ocorre o choque ontológico e a sensação de não controlar mais o próprio corpo e uma necessidade de aceitação de que o humano não está no controle, que ele não é o protagonista universal. Então, os seres podem ser percebidos como entidades intermediárias, mais

próximas de uma "fonte" original num sentido espiritual, como que seres mais sutis que o humano, caracterizado pela materialidade. O contato com essa outra realidade pode surgir ao indivíduo como uma espécie de retorno para casa, ou para algo mais próximo da "fonte cósmica". Podem surgir narrativas envolvendo vidas passadas que possuem alguma relevância para o processo espiritual individual. Torna-se possível, então, identificação com entidades que cruzam o tempo e o espaço, como alienígenas, animais de outras eras ou mesmo mitos (o autor cita exemplos envolvendo essa "fusão" cósmica a partir da consciência), com o sujeito criando um sentido de pertencimento diferente dentro da ordem do todo. Pode aparecer, então, a noção de uma identidade dupla, meio humana e meio alienígena, como se fosse um estágio espiritual superior onde existe o contato entre duas metades que se completam num nível superior de simbiose, um despertar para uma realidade distinta – o que poderia ser visto em termos junguianos como uma aproximação do si-mesmo, com um objetivo último de renovar – ou *realmar*? – a humanidade. Por fim, a experiência de abdução, desenvolvida nesses termos "espirituais" descritos pelo autor, abriria o ser para além dos véus instaurados pelo homem, possibilitando ver mais além, para outras realidades, contribuindo para experiências transpessoais indescritíveis. Nas palavras de Eva, uma vítima de abdução analisada por Mack, a experiência de abdução serve como mecanismo para remover as estruturas que impedem a reconexão com a fonte, purificando o veículo físico a ponto de reconquistar uma memória melhor e trazer conhecimento para os outros. Para ela, a tortura física e emocional seria parte do processo de equilíbrio, descrevendo a etapa como algo necessário para possibilitar a conexão necessária entre essas realidades existenciais distintas.

Hillman (1995), assim como os pensadores das linhagens que consideram a pertinência do mundo imaginal, considera que os seres encontrados nos estados de abertura a esse mundo devem ter a presença respeitada, sendo garantida a eles a dignidade de entes

independentes, o que é alcançado na prática da imaginação ativa. Nessa prática, as entidades não são recebidas como meras projeções internas ou complexos psicológicos, mas como seres reais, do mesmo modo que os daimones neoplatônicos ou os anjos de Corbin: entidades de uma realidade intermediária nem física e nem metafísica, mesmo que tão reais quanto nós somos reais enquanto entidades psíquicas.

O trabalho de imaginação ativa, ou mesmo o trabalho de sonhos desenvolvido por Bosnak e elucidado por Shaw (2003; 2016), dentro desse contexto, trata da abordagem dessas entidades em estados mais ou menos alterados da consciência, considerando-as realidades independentes e nunca meras projeções. Daí uma das influências para que, no presente texto, a "veracidade" dos relatos e dos fenômenos apresentados, por mais bizarros que sejam, seja suspendida de sua importância. Refletindo por semelhante ângulo, coloca-se diante de um grande mistério que permite a concepção real não apenas no sentido físico de criaturas pouco concebíveis à mente racional, mas também dentro de um sentido imaginal em que todas as diferentes aparições mencionadas possam ser correspondentes aos daimones, anjos, arcanjos, heróis e outras entidades abordadas pelo neoplatonismo ou correspondentes em outras tradições. A aparição de muitas dessas como realidades aterrorizantes e até patológicas poderia estar relacionada à dinâmica apresentada por Jâmblico; elas são recebidas de acordo com a alma – ou seja, filtradas pelo inconsciente em seus vários níveis, regressando até conteúdos anorgânicos residuais de passados insondáveis –, podendo apresentar diferentes graus do nefando, justamente para que sejam integradas pela realidade *caída* do homem, que é apenas capaz de receber pobremente seus influxos. Ademais, não se censura aqui a possibilidade de que não só essas entidades convocadas do neoplatonismo se apresentem em estados hipnagógicos como imagens, mas que outros seres sempre elusivos em relação à percepção consciente usem de imagens reforçadas coletivamente como vetores para manifestação **física** com propósitos que nos escapam.

De modo semelhante, Castañeda (1994) fala através de Dom Juan sobre os batedores dos sonhos. Segundo ele, o sonho é como um alçapão para outros mundos, permitindo o acesso a outras realidades misteriosas, reinos que mandariam aos sonhos seus batedores. Estes seriam cargas de energia que se misturariam aos itens dos sonhos comuns, fluxos de energia estranha que acabam interpretados em formas que nos são familiares – por onde, a partir do já exposto aqui, operariam máquinas ou filtros abstratos. Os feiticeiros saberiam isolar esses fluxos para evitar sua influência, mas tais fluxos encerrariam um mistério maior que não seria compreensível nem aos feiticeiros do sonhar. É interessante pensar que, dessa interpretação do regime onírico, talvez pudesse se saltar para o irromper desses fluxos estranhos em outros estados e situações que interpelam o ser em sua existência, inclusive durante a vigília.

Cromberg (2015) apresenta uma ótica interessante ao citar Atos de Pedro, um livro apócrifo. Na obra, Pedro trata da cena da Transfiguração que testemunhou no Monte Tabor. Ao falar do que viu, diz: Eu O vi sob a forma que eu era capaz de apreender. Junto a mais pessoas, Pedro diz para que percebam em suas mentes aquilo que não veem com os olhos. As pessoas começam a orar e, logo após, o local é preenchido por luz, uma luz inefável, indescritível. Quando pergunta às pessoas o que elas viram, algumas relatam ter visto um homem mais velho, outras um jovem e algumas teriam visto uma pequena criança. Nessa ocasião, cada um teria percebido a presença divina e inefável de acordo com algo de si ou da forma que era capaz de apreender. A narrativa vai de encontro ao indicado anteriormente em Jâmblico, onde se tem que esses influxos são recebidos de acordo com o recipiente de alma de cada um.

Em seu estudo sobre Corbin, Monica Cromberg (2015) revela que, segundo o autor e a tradição que ele representa, há níveis de realidade do ser dentro de uma hierarquia, onde, certamente, alguns níveis são de raro acesso. Essa escala hierárquica estaria de acordo com níveis de individuação, de aproximação à própria autenticidade (e,

logo, ao Deus Pessoal ou Anjo), que possibilitaria ao ser um acesso gradualmente maior a níveis superiores de realidade. O mundo imaginal seria, assim, hierarquicamente ordenado segundo esses níveis de realidade, sendo as *realidades mais reais* as de mais difícil penetração. Esse entendimento possibilita a concepção de vários mundos em diferentes graus, derrubando a visão de uma só realidade indiferente e objetiva. De forma semelhante e ignorantemente ousada, indo até Heidegger, que concebe o "aí" do ser (o *da* como clareira do *Sein*, que é o ser), poderiam ser imaginados vários graus de "aí"; níveis de abertura para diferentes presenças/entes, entendidos em um sentido que dissolve a ideia de subjetividade científica. No *aí* do ser, brotaria a abertura às presenças.

Há um caso bastante curioso em Utah, EUA, e que já conta com várias décadas. Existe lá uma fazenda chamada de Skinwalker Ranch, nome que faz alusão a uma antiga lenda nativa sobre um tipo de entidade que poderia adquirir várias formas distintas. O local tem um histórico de fatos estranhíssimos, como aparição de lobos já extintos, luzes inexplicáveis (fenômeno OVNI), criaturas improváveis, desaparecimento de objetos extremamente pesados, mutilação de gado e outros. Porém, o que chama atenção é o modo como esses fenômenos acontecem. Não faria o menor sentido a coexistência de todas as criaturas bizarras relatadas naquele mesmo espaço, pois estaria se falando de lobos gigantes, *sasquatches*, vozes do céu, indígenas viajantes do tempo, orbes, OVNIs, *water babies*, pássaros brilhantes na noite, névoas conscientes e até de uma criatura que lembrava em muito o *predador* (sim, o do filme). Algo parece muito errado com todo esse caso, uma vez que a coexistência de tais criaturas num mesmo espaço parece impossível. Alguns levantam a hipótese de alucinação decorrente de algum fator geológico ou magnético que atua ali e outros falam de lendas nativas sobre uma entidade que ataca justamente através dos medos de cada um. Bom, as hipóteses são várias e os estudos no local são constantes. Inclusive, a propriedade foi comprada

do dono já há bastante tempo por um grupo de investigação de tais fenômenos e que também foi vítimas de vários acontecimentos.

Em relação ao Rancho Skinwalker, há uma equipe de cientistas fazendo um estudo dedicado do local e apresentando desde 2020, como testemunho, um programa televisivo chamado *The Secret of the Skinwalker Ranch* no History Channel. Em entrevistas (UFO, 2023), o bioquímico Colm Kelleher, que já trabalhou com pesquisas governamentais na área ufológica, e o cientista Travis Taylor, que já trabalhou com a NASA e agora apresenta o show, afirmam a natureza individual e misteriosa dos fenômenos que acontecem no rancho, trazendo para a ufologia a possibilidade de um componente pessoal e psicológico para a "filtragem" de verdades insólitas. Colm fala que as experiências parecem personalizadas, mencionando um evento no rancho onde 6 sujeitos observaram o mesmo fenômeno com óculos de visão noturna e, mesmo assim, todos os observadores viram coisas diferentes. Já Travis menciona a física quântica para tratar de um fenômeno que se manifesta de forma ainda incompreensível para a ciência. Para ilustrar, ele cita o relato de um funcionário de Bigelow, antigo dono do rancho, que alega ter visto três pessoas com rostos de cães usando sobretudos, cartolas e fumando cigarros na propriedade. Inicialmente, Travis achou isso uma completa loucura, mas, atualmente, pensa na possibilidade de que se esteja diante de um fenômeno tão estranho que os sentidos e cognição humanos simplesmente não conseguem interpretar inequivocadamente, possibilitando esses relatos confusos. Deste modo, essas análises mesmo que pontuais e ainda pouco desenvolvidas, e participantes de todo o contexto diferentemente fantástico do *show business,* acabam rumando na mesma direção que exploramos neste texto: de que esses fenômenos tidos como extraterrestes ou espirituais tenham uma natureza muito diferente e que é condicionada, em sua manifestação, por nossos filtros culturais, isto é, a mente coletiva, fazendo do fenômeno algo intrinsecamente atrelado à época e local em que se manifesta.

Dentro da hipótese de contato com entidades de outra natureza e potencializado por algum fator específico (espacial, geológico ou mesmo relacionado a algum acontecimento), abre-se a possibilidade de interpretação através da dinâmica entre entidade e receptáculo antes apresentada. Aparentemente, a forma de manifestação dessas entidades presentes no rancho é moldada conforme os indivíduos que a testemunham. A criatura com aparência do predador é um caso bem nítido disso, se real. Dessa forma, é como se algo muito antigo que vivesse nas imediações da propriedade se atualizasse em relação aos nossos medos – isto é, ao inconsciente –, apresentando conteúdos aterrorizantes condizentes com medos mais atuais da nossa psique. O predador, caso bem singular, e os OVNIs seriam exemplos disso e os objetos voadores também serviriam para exemplificar o que já foi falado muito anteriormente sobre a possibilidade de esses artefatos misteriosos e seus tripulantes representarem algo mais de sobrenatural do que de extraterrestre. Sua forma de aparição estaria determinada, em muito, pelas próprias testemunhas, sem que isso fizesse do fenômeno uma simples alucinação.

Falando em uma linguagem bem óbvia e que pode até ser vista como antiquada: nada parece impedir que se trate de uma atividade demoníaca que, por seus contornos originalmente nefandos, vindos do mais além – pois o que ultrapassa nossa linguagem e nosso mundo talvez não seja somente o luminoso –, é recebida por cada qual conforme seu veículo de alma. De tal forma, os eventos de Skinwalker Ranch portariam uma natureza semelhante aos demais avistamentos de todos esses *outros* misteriosos que invadem a modernidade através de uma novíssima mitologia **vivida** pelo homem contemporâneo. No caso do rancho, haveria modificadores específicos transformando a natureza do fenômeno em algo um tanto diferente dos avistamentos mais comuns. Porém, em geral, se aceita que sejam fenômenos ligados em sua natureza.

Ainda no mesmo esteio, cita-se o universo das experiências sob influência de DMT, habitado por todo tipo de experiência com

enigmáticas entidades. Reporta-se com frequência que, nesses campos de percepção alterada, várias presenças atravessam o caminho do sujeito. Muitas se resumem aos conhecidos *machine elves*, entidades fractais de difícil descrição e que parecem produzir, de algum modo, aquela realidade como se cantassem estruturas à existência. Eles convidam ao feitio de atos impossíveis no tecido daquela realidade.

No entanto, não são todas as experiências que resultam na manifestação desses elfos maquínicos. Jennifer A. Lyke (2016) analisou dados de 149 relatos de experiências com DMT realizadas entre 2006 e 2015 (90% homens e idade média de 24.6 anos), conseguindo catalogar, em sua amostra, 180 experiências relacionadas a entidades. Entre os encontros mencionados, verificou-se maior presença de entidades femininas ou cujo gênero não era específico, mas eram significativamente mais alinhadas ao feminino. As entidades relatadas foram organizadas em categorias cuja frequência decrescente de aparecimento foi a seguinte: pobremente definidas, humanoides, divinas, alienígenas, elfos/fadas, animais e insetos, formas geométricas, vozes, rostos e, em último lugar, mistas. Em termos de interações agrupadas em categorias, em ordem decrescente, os seus modos foram: manifestações (surgindo para o sujeito ou mesmo o guiando), nenhuma interação, hostilidade, calor (amor), boas-vindas, encorajamento ou conforto, observação (neutralidade), brincadeira, poder/controle, sexualidade, não esclarecida, questionamento, fazer recordar e, por fim, mistas. Não foram encontradas associações significativas entre categorias de entidades e tipos de interação, demonstrando inexistência de padrão. O estudo aponta que associações arquetípicas não são sustentadas pelo estudo, a não ser pela possível associação com a anima junguiana demonstrada pela predominância de entidades femininas em sujeitos masculinos. A pesquisa também aponta que a vasta variedade de entidades e interações enfraquece a análise e que *machine elves* não são a norma. Ainda, menciona que o desenvolvimento das experiências com entidades pode ser paralelo às alucinações (formas confusas evoluindo

em formas mais complexas) e que as manifestações encontradas sob DMT são tanto similares como distintas às encontradas durante uso de outras drogas, mediunidade, experiências de quase morte e durante experiências de abdução.

O formidável trabalho de Lyke possibilita algumas interessantes observações. Quando se encara a categorização dos tipos de criaturas que surgem nas experiências, obtém-se grande semelhança ao que foi elaborado no decorrer do texto. Humanoides, deuses, alienígenas, elfos, animais e outros surgem na alteridade atuando sob diversos comportamentos. A forma desses seres é de volátil plasticidade, acompanhando o estado alterado da mente que as recebe. Não há como medir de forma satisfatória qual a entidade ou o fenômeno por trás da aparição, ou se o fundamento daquela aparição poderia ser o mesmo que a pessoa encontraria em determinado sonho lúcido, experiência de quase morte ou abdução alienígena. Mesmo que a pesquisa acuse a falta de uma associação arquetípica correspondente, é visto que as categorias de manifestação estão de acordo com alguma filtragem do inconsciente, este sempre sob sugestões cronológico-culturais, de modo que não faria sentido um indígena se comunicar com *grey* em uma experiência de DMT realizada há 300 anos.

É fascinante observar, segundo o estudo de Lyke e experiências alucinógenas em geral, como se pode produzir alteridade. No encontro com a figura do outro contida em estranhos seres que tomam incerta forma nestas experiências, vislumbra-se uma porta para a diferença tão abordada até aqui. Para alguns, os encontros do DMT são verdadeiros contatos com entidades interdimensionais que gozam de autonomia e podem se comunicar com humanos de forma fugaz e informe nos campos brilhantes das experiências alucinógenas. Para outros, são elaborações do próprio cérebro, produções de um órgão sob efeito de substâncias e de forma semelhante à onírica. No embate, pode ser que se perca uma consideração muito valiosa sobre a natureza desses eventos.

Destronando a consciência de seu trono real, a psicologia profunda mostrou que a psique pode conversar consigo mesma, deparando-se com complexos personalizados, traumas e arquétipos que, estando no fundo dela mesma, apresentam-se na qualidade de outro. O trabalho da imaginação ativa mencionado anteriormente propõe que, ao ter com essas formas, deve-se garantir a elas total autonomia, conversando com elas como se fossem seres autônomos. Alguns mais radicais como Bosnak (SHAW, 2016) especulam a total independência dessas realidades, de um mundo de sonhos imaginalmente real, que os sujeitos que caminham naquele mundo *não fazem parte do sonhador*. Onde podem ser estabelecidos os limites entre o autônomo e o a psique dependente se pouco sabemos até onde vão nossos próprios tentáculos ou raízes psíquicos? Da mesma forma que escritores do cyberpunk questionam o que é *vida* diante da emergência dos ciborgues, ficamos numa árdua encruzilhada. Se é possível produzir ou encontrar alteridade dentro da própria psique, encontrando manifestações de natureza autônoma aparentemente independente da consciência, como estipular se realmente nos pertencem ou pertencem a algo *outro*? E uma questão dessas tem alguma validade fora da síndrome de desbravador da verdade que domina o homem? Pois, na experiência, todas essas entidades surgem a nós como outros seres. Como negar existência ou dissipar como simples ilusão às miríades de páramos que habitam dentro de nós quando nós mesmos podemos visitar essas paragens e interagir com seus habitantes? Não viveriam lá, nas profundezas de nós mesmos, multidões de seres desconhecidos – talvez complexos, micropersonalidades, o *pessoalzinho* de Jung (HILLMAN, 1981) ou outra coisa totalmente diferente – que podemos visitar e questionar? As respostas a isso tudo provavelmente sempre permanecerão junto ao oculto, ao que se põe além dos muros da linguagem, talvez interligando mil realidades esquivas que se visitam e retroalimentam perpetuamente, como se nós, enquanto sonhamos, também fôssemos

sonhados por outras moradas de uma casa inconcebível para nossa pequenez.

Palavras Finais

O texto seguiu uma linha bastante particular pela qual não tentou provar alguma hipótese, limitando-se a apresentar diferentes possibilidades e, mais que tudo, fazer com que se exercite a própria imaginação, favorecendo a construção de um receptáculo mais sólido para certas imagens e, quem sabe, até para as imagens que ao longo do texto foram abordadas. Não poderia ser dito que o texto se adequa puramente à categoria da psicologia, filosofia ou do ocultismo. Talvez seja mais verdadeiro colocá-lo como um estudo do terror, do aterrorizante, do nefando e das suas possibilidades filtradas a partir de diferentes lentes.

Pode-se notar que o texto percorreu duas vias diferentes para tratar desse *outro.* Uma delas trata da alteridade em sentido projetivo, especificamente ligada à Sombra e ao que é reprimido no inconsciente individual e também em nível mais primitivo dentro de um inconsciente coletivo ou mesmo um inconsciente muito anterior ao humano. Com esse texto não se tem intenção alguma em cumprir rigores acadêmicos, pois se ousou ir também a direções especulativas que beiram o completo absurdo. Nisso se incluiria a segunda via, que propõe que esses conteúdos projetivos de sombra funcionem durante o ato de receber – ou *filtrar* – presenças intermediárias, sutis, que carecem de forma física definida, recebendo **de fato** um *outro* autônomo, real e existente, uma presença inumana percebida conforme o filtro humano. No substrato dessa via de reflexão, persiste a ideia da perenidade da mitologia enquanto absorção do impacto com esse *outro* numinoso, inefável ou nefando, apresentando-se nas formas mais inesperadas na contemporaneidade, acomodando-se em registros ufológicos e lendas urbanas (ou virtuais).

Obviamente, a sombra em si, como fenômeno, não seria apenas referente à recepção dessas entidades intermediárias, mas agiria, como proposto na psicologia, em situações cotidianas. O trabalho do texto foi de estender o seu princípio para níveis mais profundos e mais difíceis

de sondar, a fim de abordar a recepção de fenômenos estranhos que sempre interpelaram o homem em sua história e que sempre negaram qualquer forma de compreensão objetiva. Porém, tem-se em conta que qualquer compreensão objetiva desses fenômenos misteriosos é impossível, pois dizem respeito ao que extrapola a linguagem como é conhecida pelo homem.

Não é ignorado o fato de que boa parte do conteúdo transmitido possa ser visto como um tipo de elocução da insanidade pelo leitor, e isto seria sem surpresa. Um dos principais focos é, justamente, exercitar o pensamento imaginativo através da abertura de possibilidades remotas e improváveis – ou mesmo absurdas – para o pensamento moderno. Tal abordagem avança desde a ideia de que, com o advento da chamada modernidade e do cientificismo, a mentalidade do homem passou por uma grande mudança na sua forma de desvelar o mundo. Ocorre que, a cada ente colocado diante de si, já age no sujeito, pré-conscientemente, um vasto arcabouço de noções pré-concebidas que emolduram a realidade dentro de um quadro, fazendo qualquer fato fora desse escopo parecer absurdo. A forma dessa estrutura está intimamente vinculada ao espírito do tempo e ao andar da filosofia, contribuindo para o que se chama de visão-de-mundo. Esse *ter-em-conta* prévio estipula uma realidade, tendendo a tornar certas secções de conceitos e objetos em figura e outras em fundo. Essa compreensão é essencial para a interpretação do texto.

Exercícios operados sobre a imaginação, alternando a visão que se oculta por trás dos olhos contemporâneos, fazem ver mais além. Esse ver-além poderia ser entendido de várias maneiras, assim como cada um dos fenômenos expostos até então. Por exemplo, usando da psicologia novamente, o fato de um *homem arcaico*, atrelado à visão mítica, ver uma psicopatologia como atividade demoníaca pode oferecer um substrato dogmático para a interpretação do fenômeno e que atuaria como um vínculo entre conteúdos conscientes e inconscientes, mudando toda a significação e andamento daquela

condição. A mesma coisa se dá em relação aos mitos, à religião e à realidade; a visão mítica, mas não psicologizada desobstrui potenciais arquetípicos de atuação e, logo, de cura, significado e atualização do Si-Mesmo. Assim, buscar uma aproximação aos fenômenos de forma mais pura, atentando-se de fato a eles e sem um ter-em-vista prévio tão delimitador e interpretativo pode ser um exercício interessante, principalmente quando interpelado por conteúdos potencialmente arquetípicos como os soerguidos pelo texto. Assim, os exercícios tratam de uma chance de ver esses fenômenos por outras óticas que, mesmo aparecendo aqui de modo mais teórico, ainda carregam consigo a qualidade de mistério.

No anime *Boogiepop wa Warawanai* (2000), em algum momento se reproduz na tela: *A percepção pura não contém traços do passado. Ter imagens puras significa viver sem o demônio do passado*. Bom, em nosso caso não se trata especificamente do passado, aquele que pela repetição e transferência sempre se faz presente, mas do cárcere que emoldura o que se põe diante de nós. Mário Ferreira dos Santos (1960) falou certa vez sobre as crianças e suas intuições puras. Resumidamente, quando o adulto se põe diante de um objeto externo, intui-o como algo que acontece, mas, ao saber de que se trata (um livro ou uma cadeira, por exemplo), já realiza a operação de comparação do fato com o esquema abstrato, que é o conceito de livro ou cadeira. Raramente acontece para o adulto de ter as intuições puras como têm as crianças, que veem o objeto como coisa inédita de forma que tudo pode ser maravilhoso a ela. Desse ponto, Mário faz uma ponte para a alma metropolitana, para qual tudo é repetição – *cópia da cópia da cópia* –, uma alma que raramente se encontra em momentos estéticos de interação pura e sem influências racionais ou pensar operatório. Esses momentos estéticos ofereceriam ao homem um grande prazer e elevação e seria na busca disso que o metropolitano tentaria, de alguma forma, buscar sempre a novidade e o inesperado – quem sabe venha disso a inovação vazia de sentido do espírito burguês –, buscando reencontrar o prazer infantil já perdido pela alma civilizada.

Na obra de Robert Kirk (1893), ao tratar dos mitos escoceses, ele esbarra na mesma questão. Dentro daquele mundo mítico local, haveria pessoas dotadas de certa clarividência definida como *second sight*, pela qual, além de poder ver o desenrolar de fatos futuros, também seria possível enxergar os seres do invisível, os povos aéreos ou os *outros* com quem compartilharíamos este mundo. Seja pela qualidade especial dos olhos dessas pessoas, em concordância com a qualidade do ar, ou outro fator, haveria pessoas para quem essas visões seriam mais naturais. Ao mencionar isso, o autor cita as crianças e a crença já antiga de que, sendo elas de uma visão ainda não maculada por muitos objetos, possuiriam facilidade para enxergar as entidades que podem não ser tão facilmente vistas pelos mais velhos. Apesar do contexto mítico em que essa fala se coloca, não parece exagero relacioná-la à fala de Mário.

Seguindo a reflexão de Mário Ferreira dos Santos, o presente texto também formaliza um convite à tentativa de recobrar um pouco desse olhar de maior inocência para a realidade, suspendendo, na medida do possível, os grilhões da arrogância moderna que colocou um eu cartesiano como monarca da realidade, e almejando permitir, na medida do possível, aos fenômenos que se apresentem como são. Incluem-se nisso aqueles fenômenos elusivos e misteriosos dos quais tanto foi dito.

Porém, a questão das intuições puras apenas roça a superfície disso, tratando da possibilidade de interpretação desses fenômenos misteriosos que parecem nunca abandonar o homem, apresentando-se de forma ou outra ao longo da sua história.

A hipótese de mutabilidade de forma apresentada por essas misteriosas entidades foi outro ponto bastante explorado no decorrer do texto. Buscou-se sugerir que essa forma, na medida em que aparece no âmbito fenomênico, possa ser dependente do receptáculo que lhe abriga, interpretação que se deixou guiar pelo que ensina Jâmblico no tocante à relação com o que é análogo ao mundo imaginal. Para os neoplatônicos da mesma tradição de Jâmblico, o trabalho espiritual se

dá na purificação desse receptáculo humano, desse corpo etérico, o que permitiria receber essas presenças de forma "menos contaminada", sendo que esse trabalho pode ter muito a ver com a individuação psicológica como colocada por Jung, esta que inicia justamente com a integração dos conteúdos da Sombra. No caso dos fenômenos anômalos mencionados, estes seriam interpretados ou experimentados de formas diferentes por um homem moderno e um arcaico. Os fatores que alteram parâmetros desse filtro devem ser complexamente numerosos, entrando no mérito da dinâmica do inconsciente, que é ainda pouco conhecida. Uma forma de tentar elucidar o assunto foi tomar de Jung seu conceito de Sombra e, partindo dele, ir a níveis mais profundos de conteúdos reprimidos, que ficam suspensos, isolados, do ego atual, mantendo-se em algum nível de alteridade ou de conteúdo potencial (tornado, de alguma forma, atual através da integração) e inconsciente. Porém, enquanto na psicologia se fala da Sombra a um nível de inconsciente pessoal – o reprimido na infância –, procurou-se, no desenrolar do texto, envolver níveis mais profundos e distantes, utilizando-se de imagens mitológicas, oníricas e várias formas apresentadas pela psique na tentativa de processar a alteridade. De tal forma, foram abordados temas como a animalidade, os mitos antigos, ficção científica, histórias de terror, avistamentos inexplicáveis de criaturas humanoides entre outros. Também foi decidido aproveitar do espaço textual para esclarecer algumas coisas em relação ao fenômeno OVNI e extraterrestre que comumente recebem interpretações distorcidas. Novamente, a cada caso o exercício imaginativo era proposto como forma de imersão dentro do mistério suscitado por tais figuras.

O elemento que dá nome ao texto e que ocupou boa parte do seu transcurso é o dos humanoides. Tentou-se, através de uma justificação psicológica, compreender um pouco do fato de entidades de domínios claramente não humanos (seja extraterrestre, imaginal ou astral) apresentarem, quando diante de nós, formas humanoides tão parecidas com a nossa, apesar de frequentemente distorcidas por

elementos fantásticos. De maneira parecida com que atua a pareidolia, estaríamos condicionados a absorver o impacto do encontro com um *outro* inesperado para o qual não temos o que é necessário para percebê-lo em si mesmo, recebendo-o de maneira que seja mais familiar. Através da tendência de ver o mundo vivo à nossa imagem, recebemos essas presenças em recipientes enformados como humanos. A personificação não é nenhum conceito complexo ou desconhecido, porém se buscou ir um pouco além dela através da sombra, pensando na elaboração das diferentes características que aparecem nessas imagens humanoides, relacionando-as com o espírito do nosso tempo para diferenciá-las do substrato mítico que praticamente se abandonou com o advento solitário do mundo moderno da técnica.

Em nenhum momento se objetivou elaborar alguma complexa teoria filosófica ou psicológica. O texto carece, inclusive, de contornos científicos. Em verdade não parece de todo agradável assumir tal abordagem para falar de temas como sasquatch (dentro do mitológico e não do mundo natural), OVNIs ou seres sobrenaturais elusivos que nos abordam em sonhos ou nas encruzilhadas inesperadas da vida. Como já dito, talvez seja melhor enquadrar esse texto, que acabou se estendendo mais do que devia, a um tipo de estudo do terror, não apenas do terror como produção cultural, mas do terror como região da vida e do ser; talvez da possibilidade de aceitar o nefando e, a partir dele, recuperar algo perdido na alma.

Jâmblico, como demonstrado no texto, apresenta uma abordagem de algum modo próxima, propondo que o trabalho teúrgico inicie pelas feridas, assim como Hillman ao abordar os adoeceres da alma. Para o antigo teurgo, a condição humana, por ser inferior às influências inteligíveis que recebe, pode as receber de maneira negativa, transferindo suas paixões a essas causas: o logos da alma universal sendo filtrado pelo fluxo da matéria, refletindo distorções da alma encarnada. Seria através dessas imagens daimônicas perturbadoras, obscuras ou mesmo aterrorizantes que a alma deveria iniciar seu trabalho. Suportar, aceitar e integrar essas

imagens que, em níveis menos perceptíveis à primeira vista, trazem também algo da ordem universal e de mais significativo, seria trabalhar na recuperação da totalidade. Algo muito parecido é mantido na psicologia analítica sobre o trabalho da Sombra.

Para encerrar o texto, há uma pintura que pertence a uma edição de Cidade de Deus (Santo Agostinho), edição de Paris, 1480. Em um detalhe da pintura, demônios são retratados fazendo o papel intermediário entre deuses antigos e homens. Há que se esclarecer que o tom em que foi elaborada a pintura foi acusativo, defendendo que os deuses antigos eram demônios; na própria pintura, mais ao lado da representação demoníaca, há a figura de Deus nos céus, sendo que o intermédio entre Ele e os humanos é feito por anjos. Porém, aqui, é de mais interesse usar o pequeno detalhe apenas, mesmo que retirado de seu contexto original para ecoar uma concepção jambliqueana ou mesmo arquetípica pela qual o nefando também pode ter algo a dizer à alma, fazendo intermédio necessário entre a ordem humana e as ordens que a transcendem. Caso seus sussurros incômodos sejam apropriadamente suportados e ouvidos, isto é, integrados, essa via de pensamento permite postular que essas imagens revelariam seus princípios subjacentes e se tornariam parte do receptáculo da alma para, então, esta conter os "deuses". O caminho da Sombra, portanto, ofereceria as bases para o encontro com o Sagrado e, ao que tudo indica, essa novíssima mitologia que cerca o homem com seus vultos estranhos pode ter um importante papel nisso, possivelmente dentro de um sistema mais abrangente. Uma possível problemática desse caminho que apela à integração do outro é que o conjuga como aspecto-sombra integrável, o que já o estabelece dentro de um mesmo todo que o homem, como algo passível de integração, o que retiraria em algum momento sua qualidade de outro. Pode ser que a lição a ser tomada seja justamente que existe um outro *mais outro* que jamais deve ser integrado – pois não seria esse outro ímpeto egoísta humano? – e que deve ser preservado sempre em sua plena alteridade, como

visitante de um *fora*. Não temos respostas e talvez nem se deva buscá-las.

Não sabemos como proceder diante desse colossal mistério que nos interpela, pois o mesmo coloca suas raízes no que está além da nossa linguagem. Ao fim de tudo que aqui foi dito e elaborado, tudo não passa de especulação guiada por trilhas já abertas, de modo que não se deve nunca excluir outras possibilidades já eternizadas, como a de uma legítima ação demoníaca neste Vale de Lágrimas ou seres viajantes do espaço. Apenas sabemos que há o mistério para além da soleira da nossa morada e, lá fora, um continente de possibilidades e existências desconhecidas que muitas vezes, do fora, querem entrar.

Apêndice - As Doutrinas do Invisível

Aprender o mundo pelo que não se anuncia às retinas. Algo que, através de um nada, penetra nos sentidos, invocando um eriçar que ascende pela espinha. Uma presença. Há muitas que nos cercam nos momentos propícios, povoando o visível sem perturbá-lo. Ao caminhar pela casa antiga, já sentiu olhos sobre você? Aqueles que se ocultam operam pelo modo do sussurro, do acenar: eles sussurram nomes, sentimentos, intuições e acenam a coisas que não podemos, de fato, ver. Eles não têm representação, mas dizem algo do mundo em sua comunicação.

Não há como se estipular uma natureza clara do invisível, apenas especular seus tortuosos caminhos que indicam algo ao homem ou se desdobram em incompreensíveis fenômenos. Muito já se disse de hierarquias de seres angélicos e infernais, tentando, de algum modo dar voz e face às coisas que nos cercam e não podemos tocar. O resultado confere uma riqueza inesgotável de morfologias peculiares de seres humanoides, bestiais e incorpóreos que habitam em grimórios e textos míticos, passando pelos catálogos esotéricos e relatos de abdução. Contudo, de todos esses, nada apanhou em cheio a essência e finalidade das presenças que viajam pelas bordas do real. Alguma outra abordagem – sempre torta – se faz necessária.

Quando os passos percorrem seu trilhar pelo mundo, também a mente desbrava seus caminhos, viajando por diferentes estados em cada espaço e tempo que, de seu modo humano de ser, desvela como algo sempre seu. O que é seu, de fato, é questionável, pois o termo possessivo costuma se limitar ao alcance do que é consciente e pode ser nomeado como "seu". Ao se aproximar do invisível, já falamos de algo que é nosso no sentido de permanecer junto ao campo fenomênico na própria forma de ser e manifestar, mas, ao mesmo tempo, encontra-se num eterno entrelace com o que é inconsciente, fugaz, e que se mantém, em muito, como aspecto alienado e desconhecido. Dessa forma, mesmo o que pode, em termos, ser "seu", ainda não é seu,

apresentando-se como alteridade fundamental. Disso, a possibilidade de dialogar com um outro em sonhos e na imaginação ativa, fazendo falar como uma forma efetivamente autônoma algum complexo das profundezas do inconsciente. A cisão de personalidade segue a mesma senda, fazendo com que se desconheça o próprio cindido. Há várias graduações de alteridade que habitam o homem, desafiando com armas imbatíveis a noção de um ser pensante e racional absoluto que possa traçar claras fronteiras entre ele e o mundo, entre ele e o outro ou entre o racional e o irracional. Um pouco de cada um também habita o outro através da projeção e da identificação que se produz no contato com o distinto.

Dada a complexidade da psique, expandida pela dificuldade epistemológica de a mesma ser objeto de estudo e sujeito investigador, esboçar um desenho das possíveis presenças que lhe fazem companhia é uma meta sem promessas de conquista. Tal como as presenças do invisível se comunicam num acenar a algo, a meta desse conhecimento também apenas pode permanecer na intenção de apontar a algo sem nunca, de fato, nomeá-lo ou contê-lo nos limites da linguagem. Portanto, a via de investigação se faz infértil quando preenchida por complexidade terminológica, mas acaba caindo no cantarolar poético que não implica em menor complexidade, mas se faz complexo de maneira distinta, tentando encontrar uma forma mais original de desenhar os movimentos do ser.

Uma categoria para o reino do invisível implicaria na reunião de muitos subconjuntos de pouca definição possível. Contudo, pode-se apresentar alguns indicativos desse mundo que sempre foge. Por exemplo, estipular que no ato de nomear, o mecanismo operante não é simplesmente aleatório, mas que, em algum nível, relaciona-se à essência de mundo ou do ente por ele nomeado. Essa relação estaria, em algum dos seus estratos, além dos predicativos do ente ou dos aspectos visíveis em geral que qualificam a nomeação de um modo e não de outro. Que, no desvelar de algo, na apresentação do ente, haja um tipo de relação entre o ser e o ente, algo que os una dentro do

mundo e possibilite, antes de tudo, uma nomeação que somente tomará em conta os predicativos posteriormente. Há que se contar com algo invisível que atua no sussurro de um ente, seja um objeto, um lugar, uma criatura vivente e possa sussurrar um nome ao mecanismo inconsciente da intuição. O nomear de um local sagrado, a delimitação do espaço sacro na geografia, os nomes dados a Deus, a intuição de algo que não *existe*.

Para alguns, nomear é exercer domínio sobre um ente, de modo que entidades inumanas poderiam reservar seus nomes verdadeiros a fim de não se submeter ao intelecto humano. Porém, nomear é um vetor da asseguração existencial do homem sobre a terra: nomear, catalogar, dividir e racionalizar aliviam a ansiedade diante de um mundo que nunca está sob controle. Nesse nomear, parte fundamental da agência humana, há que se reservar a possibilidade de uma comunicação direta com algo que, em certas condições, aponte para o nome, um sussurro que encerre uma comunicação com o invisível mais pronunciada que a mera relação essencial entre ser e ente onde deve haver um estar-junto-à-coisa. A experiência parece indicar que, para ouvir esse sussurro, quando este se faz presente, é necessária uma atitude de deixar-estar em relação ao objeto: silenciar a ânsia do próprio nomear para então ouvir o que é anunciado em silêncio, o indicar mudo de um nome ou direção, da mesma forma que, na imaginação ativa, é necessário deixar com que a figura abordada repouse em sua – suposta – autonomia.

Ideias como essas percorrem seu caminho até a concepção junguiana de Unus Mundus, onde haveria uma realidade subjacente unificada ligando inconsciente, matéria e a própria vida. Contudo, falar do invisível não é apenas questão de penetrar nas possibilidades da agência humana em atos como o nomear ou na relação com as coisas do cotidiano, mesmo que muito possa ser investigado no mais-comum que sempre é subestimado por se repetir no mesmo. O intento aqui é de penetrar em territórios ostracizados pelo lugar-comum do pensamento.

Ao caminhar pelo Balneário numa manhã densa de brumas no inverno, ao penetrar nas suas veias que levam a pontos distantes que acompanham o Rio Pintado, muitas vezes se pode ouvir um tipo de sussurro muito baixo, aquém do som, algo que anuncia uma presença seguindo o curso do rio. Naqueles caminhos que percorrem pescadores, em alguns momentos, torna-se possível a relação, a comunicação, com algo distinto que por ali vaga, procedendo de algum ponto desconhecido que flui desde outros pontos do Rio Pintado, esse caminho fluvial que frequentemente é tomado pela neblina e sombreado por vivos salgueiros que emudecem com o passar das estações. Há a história de que, em algum ponto desse rio, provavelmente longe de estradas e casas, era possível, na era antiga – a que precede a recente coroação do império da técnica –, encontrar uma pequena mulher que se detinha junto ao rio. Uma mulher muito pequena reconhecida como Mãe d'Água, que falava com os raros andarilhos daquelas partes e discorria sobre sua vida ali junto à água e floresta. Elementais são um tipo de presença do invisível que pode se fazer visível, mas num tipo de visibilidade que não se traduz em apresentar o que, de fato se é, mas de manifestar uma forma que varia conforme o receptáculo humano. Ou seja, os aspectos positivos da manifestação, como seu tamanho, cor, roupas e aparência em geral são condicionados por uma expectativa cultural. Mesmo assim, esses seres podem causar efeitos no mundo físico. O mesmo caso procede com fadas (os *fae*), gnomos, espectros, gente-pequena, "extraterrestres" e outros. Apesar de provindos do reino do invisível, fazem-se visíveis, mas sem estarem atrelados necessariamente ao visível, recorrendo a esta forma como modo de, por motivos misteriosos que aqui se ignoram, manifestar-se ao homem e sua forma de ver o mundo. Muito já foi estudado por outros sobre como há um continuum entre os casos de encontros com povos fae e outros correspondentes, seu gradual desaparecimento no século XIX e a ascensão dos avistamentos de supostos homenzinhos vindos do espaço (que carecem de sentido dentro de um olhar científico). O desencantamento do mundo

despovoou riachos e florestas dos seus habitantes invisíveis, mas o mesmo fenômeno se deslocou para as produções mitológicas operadas pelo homem sobre o mundo da técnica, ecoando o hype da ficção científica em fenômenos novos onde aqueles seres surgem como habitantes do espaço viajando em impossíveis obras de arte tecnológicas. O mais assustador de tudo isso é que, tal como nos antigos mitos envolvendo os povos encantados do invisível, essas entidades humanoides tidas como espaciais produzem efeitos na matéria, mudando a paisagem, interagindo com pessoas e ambiente ou mesmo sendo detectadas em seus transportes pelos radares. Se antes os povos do invisível estavam um passo à frente do homem com sua mágica, hoje o fazem com sua tecnologia.

Para quem andava pelas bandas de General Carneiro, lá perto do Rio Farias, era popular a lenda do Gritador, um ser que quase nunca era visto, mas se conhecia apenas pela resposta que dava aos gritos bradados na mata, soltando um som de alcance assustador de algum ponto no meio da floresta fechada. Os antigos falavam em sacis, demônios nas encruzilhadas, lobisomens, monges misteriosos (que não João Maria), mães d'água, curupiras e estranhos humanoides em geral que faziam da nossa terra morada. Todos esses encontros se davam num modo de abordagem de engenhosidade desconhecida, operando junto ao inconsciente, natureza e vida. É comum assumir que o esclarecimento gradual da população através da educação formal fez cair por terra antigas crenças por conta do saber científico. É uma conclusão ilusória, pois canta vitória sobre algo que não está mais em jogo, porque aquele mesmo invisível agora atua em outros campos, apresentando-se diferente. Contudo, a mobilidade do fenômeno não exclui as estranhas experiências proporcionadas pelo modo certo de se estar diante da mata, da natureza, da neblina, dos rios, dos montes e de antigas ruínas. Ainda há algo para ouvir nesses lugares. Presenças envergonhadas ocultas entre uma coisa e outra, anunciando-se junto ao Lugar. O Lugar mesmo fala a nós em suas propriedades invisíveis, sua pressão desconcertante que manifesta um princípio estético e

sensações que são próprias a cada local que se visita, embora isso esteja em muito prejudicado pelo âmbito do turismo que transforma a Paisagem em algo a se calcular em termos de produto, apagando a dimensão imersiva de deixar se perder junto a ela para, então, deixá-la falar como se fizera no tempo autêntico quando surgiu de forma mística, desde o invisível, como intuição de espaço com qualidade para algum andante atento.

O invisível faz mediação entre o não-delimitado do céu, que se expande ao infinito e traz ao homem a direção da transcendência, e a firmeza do solo onde se sustenta e se enraíza em um mundo de coisas que vêm a ser algo e não nada. Também habita cada coisa em uma qualidade indiscernível que se desdobra em mil possibilidades, algumas projetadas mais pelo homem e outras que partem de uma vida calada descolada da organicidade. Muitas vezes, os batedores do invisível se traduzem como influências submersas nas águas do inconsciente, alimentando-se de vícios e energizando figuras de pensamento e comportamentos. E também como coisas "boas". Por vezes, sua força se torna perceptível, condensando numa única imagem mental, numa forma, algo de sua natureza, surgindo em sonhos como um outro, uma figura independente, uma pessoa ou entidade.

Estamos cercados por coisas que não podemos tocar, eternamente habitando as antípodas do visível. Nosso mundo, o mundo do homem, a forma deste se colocar e descobrir no mundo, está atrelada a inusitadas presenças que jamais são desvendadas ou propriamente anunciadas. Não cabem nas palavras, apenas em relatos vagos e na palavra poética. Muitas vezes, é na própria proximidade com a finitude do ser, com a morte, que o invisível se anuncia como um nada que age sobre o ser; um nada que não é a inexistência de qualquer coisa, mas um termo que acena a algo desconhecido, a algo que evoca angústia e o sentimento de proximidade com o Mistério. Uma aproximação mais intensa a algumas potências do invisível mencionadas provoca justamente a mesma impressão e sensação

quando se permanece junto e verdadeiramente ao conceito da morte, do além-mundo, do que está além da linguagem. O mesmo se dá nas rodas de causo em roda do fogão à lenha ou da fogueira, onde são invocadas essas potências invisíveis ao se deter junto a elas em um deter que não é físico, mas existencial e de natureza mais próxima que o toque. Como pouco da experiência cabe na palavra, permanecendo quase toda ela indeterminada e vaga, ambígua, é justamente por esse motivo que nada disso tem valor e ao mesmo tempo oculta algo precioso e fugaz, tal como o próprio invisível e suas potencialidades numinosas. Como o sonho age sobre a vigília e é por ela alimentado, o invisível age sobre o visível, dependendo também deste para cavar seus sulcos entre céu e terra.

Haverá sempre a discussão de que todas as coisas aqui mencionadas não são mais que projeções da própria psique, fazendo o homem encontrar a si mesmo no mundo, tomando-o como representação psíquica. Todavia, ainda é possível fantasiar além de todos os rigores, como feito neste texto, e dizer que, em um estrato muito profundo, o que temos como produtos da psique – complexos, arquétipos, outras personalidades – podem possuir verdadeiramente autonomia e caráter de outro, impossibilitando para sempre a compreensão total do homem e do mundo, admitindo uma fusão originária onde visível e invisível, terra, céu e o meio, habitam juntos e comungam de algo muito maior que esse pequeno compartimento erigido recentemente e que chamamos de consciência. Portanto, quando se encontrar em mata antiga, ainda não contaminada pelo ar próximo do asfalto e dos descartáveis jogados a esmo, cale em você a insistente ânsia do nomear e catalogar, esteja disposto a ouvir e permaneça junto, de forma essencial, ao coro entoado pelas multidões do invisível em sua riqueza incalculável. Ainda há o que ouvir.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARACAT, Junior Carlos. Plotino, Eneadas I, II e III; Porfirio, Vida de Plotino introdução, tradução e notas. Tradução de José Carlos Baracat Júnior. Tese de doutorado. Campinas: 2006.

BAUDRILLARD, Jean. A Sociedade de Consumo. Lisboa: Edições 70, 1995.

BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e Simulação. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio da Água, 1991.

BOUDILLION, Daniel. Aleister Crowley's Lam & the Little Grey Men A Striking Resemblance. Boudillion, 2003. Disponível em <https://www.tapintothetruth.com/copy-of-haliron-crowley-parsons>.

CALLIGARIS, Contardo. Introdução a uma clínica diferencial das psicoses. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

CAROTENUTO, Aldo. Amar e Atrair - quase uma apologia da traição. Tradução de Benôni Lemos e PatríziaBastianetto. São Paulo: Paulus, 2011.

CATTANI, R. M. M. R. .Baudrillando: o lado mais obscuro da globalização. Revista da FAMECOS-PUCRS, Porto Alegre, 2002.

CASTAÑEDA, Carlos. A Arte do Sonhar. Tradução de Alves Calado. 2ª edição. Rio De Janeiro: Record, 1994.

CROMBERG, Monica Udler. Individuação espiritual e hermenêutica imaginal: Henry Corbin, leitor de Heidegger. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2015.

CROWLEY, Aleister. The Amalantrah Working. Thelemagic, s.d. Disponível em <https://www.tarrdaniel.com/documents/Thelemagick/publication/english/Liber_XCVII.html>.

CUNHA, Jurema Alcides. Psicodiagnóstico-V. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

D'SA, Nigel. Ambiguous intrusions: The UFO/Alien encounter phenomenon and the politics of repression. 2014. 31 f. Tese (Mestrado em Artes) - Universidade de Athabasca, Alberta, 2014.

DUVALL, Raymond; WENDT, Alexander. Sovereignty and the UFO. Political Theory, Sage Publications, v. 36, n. 4, p.607-633. 2008. Disponível em http://ptx.sagepub.com/content/36/4/607.full.pdf. Acesso em: 08 mai. 2024.

EVANS-WENTZ, Walter. The Fairy-Faith in Celtic Countries. London: Henry Frowde Oxford University Press, 1911.

FISHER, Mark. Flatline Constructs: Gothic Materialism and Cybernetic Theory-Fiction. Nova Iorque: Exmilitary Press, 2018.

FRANZ, Marie-Louise von. Alquimia: Introdução ao Simbolismo. Versão virtual, aparentemente traduzida da versão em espanhol (Tradução de Marta I Guastavino. Romanya/Valls Verdaguer: Barcelona, 1995)

HESEMANN, Michael.; LESLIE, Desmond. Ufologists debate Nazi UFO propaganda. [28 de julho de 2010]. Disponível em http://www.openminds.tv/nazi-ufo-propaganda-123/4497. Entrevista concedida a Maurizio Baiata.

HESÍODO, Teogonia - A Origem dos Deuses. Estudo e tradução de JaaTorrano. São Paulo: Biblioteca Pólen, 1995.

HILLMAN, James. Entre vistas: conversas com Laura Pozzo sobre psicoterapia, biografia, amor, alma, sonhos, trabalho, imaginação e o estado da cultura. Tradução de Lúzia Rosenberg e Gustavo Barcellos. São Paulo: Summus, 1989.

HILLMAN, James. Estudos de Psicologia Arquetípica. Tradução de Pedro Ratis e Silva. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

HILLMAN, James. Psicologia Arquetípica - Um breve relato. Tradução de Lúcia Rosenberg e Gustavo Barcellos. São Paulo: Cultrix, 1995.

HILLMAN, James. Re-vendo a Psicologia. Tradução de Gustavo Barcellos. Petrópolis: Vozes, 2010.

JÂMBLICO, De Mysteriis. Tradução de Emma C. Clarke, John M. Dillon e Jackson P. Hershbell. Atlanta: Society ofBiblicalLiterature, 2003.

JUNG, Carl G. Aspectos do Drama Contemporâneo. Tradução de Márcia C. de Sá Cavalcante, 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1990.

JÜNGER, Ernst. La Emboscadura. Versão digital, s.d.

KAST, Verena. A dinâmica dos símbolos: Fundamentos da psicoterapia junguiana. Tradução de Milton Camargo Mota. Sâo Paulo: Edições Loyola, 1997.

KEEL, John. Operation Trojan Horse. Georgia: IlumiNet Press, 1996.

KIRK, R. ; LANG, A. The Secret Commonwealth of Elves, Fauns & Fairies. Londres: David Nutt, in the strand, 1893.

LAND, Nick. Fanged-Noumena: Collected-Writings-1987-2007. Nova Iorque: UrbanomicSequence Press, 2011.

LAUTRÉAMONT, Conde de. Cantos de Maldoror. Tradução de Pedro Tamen. Lisboa: Moraes Editores, 1969.

LYKE, Jennifer A. DMT and Entities: Not Everyone Gets Machine Elves. Boulder, 2016. Conferência realizada em Boulder, Colorado. Society for Scientific Exploration Conference, em 20.6.2016.

MACHADO, Carlos Alberto. Olhos de Dragão: Reflexões para uma nova realidade. Curitiba: Livraria do Chain, 2001. Versão digital.

MACK, John E. Abduction: Human Encounters with Aliens. Nova Iorque: Ballantine Books, 1999.

MALMSTROM, Frederick. Close Encounters of the Facial Kind: Are UFO Alien Faces an Inborn Facial Recognition Template?. Skeptic, 2011. Disponível em https://www.skeptic.com/reading_room/close-encounters-of-the-facial-kind/.

MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2005.

MISSING 411 WOODLAND CREATURE THEORY. Disponível em:<https://www.academia.edu/78641976/Missing_411_Woodland_Creature_Theory?f_ri=575821>. Acesso em: 27 de julho de 2023.

MORI, Masahiro. The Uncanny Valley: The Original Essay by Masahiro Mori. IEEE Spectrum, 2012. Disponível em: <https://spectrum.ieee.org/the-uncanny-valley>.

ROSALES, Albert. Humanoid Sighting Reports 1000-2007, [s.d.].

ROSS, Hugh; SAMPLES, Kenneth; CLARK, Mark. Lights in the Sky & Little Green Men: a rational Christian look at UFOs and extraterrestrials. Colorado Springs: NavPress, 2002.

SANTOS, Mário Ferreira dos. Psicologia. Enciclopédia de Ciências Filosóficas e Sociais. Vol. III. São Paulo: Editora LOGOS, 1960.

SCHNABEL, Jim. Chronic claims of alien abduction and some other traumas as self-victimization syndromes. Dissociation, Oregon, v. 7, n.1, p.51-62., mar. 1994.

SCRUTON, Roger. O Rosto de Deus. Tradução de Pedro Sette-Câmara. São Paulo: É Realizações, 2015.

SILVEIRA, Nise. O Mundo das imagens. São Paulo: Ática, 2001.

SHAW, Gregory. Archetypal Psychology, Dreamwork, and Neoplatonism em Octagon: The Quest for Wholeness, Volume 2. Scientia Nova: 2016. pp. 327-359.

SHAW, Gregory. Containing Ecstasy: The Strategies of Iamblichean Theurgy, em Dionysius, Vol. XXI, Dez. 2003, pp. 53–88.

SHAW, Gregory. Platonic Siddhas: Supernatural Philosophers of Neoplatonism. *In*: KELLY, Edward; CRABTREE, Adam; MARSHALL, Paul. Beyond physicalism: Toward Reconciliation of Science and Spirituality. EUA: Rowman & Littlefield Publishers, 2015.

STRIEBER, Whitley. Communion: A True Story. Avon: 1987.

STRUKATSKY, Arkadi e Boris. Piquenique Extraterrestre. Versão digital, tradução de Dinho Fernandez. 2015.

TIBET, David. Sing Omega. Londres: The Spheres, 2017.

UFO, Equipe. Bioquímico e investigador de campo da AAWSAP faz revelações sobre UFOs e o rancho Skinwalker. Ufo, 13 abr. 2023. Disponível em https://ufo.com.br/bioquimico-aawsap-ufos-skinwalker/. Acesso em: 13 abr. 2023.

UFO, Equipe. Travis Taylor compartilha alguns fenômenos do rancho Skinwalker. Ufo, 12 abr. 2023. Disponível em https://ufo.com.br/travis-taylor-rancho-skinwalker/. Acesso em: 13 abr. 2023.

VALLÉE, Jacques. Five Arguments Against the Extraterrestrial Origin of Unidentified Flying Objects. Journal of Scientific Exploration, Menlo Park, Vol. 4, No.1, p. 105-117, 1990.

VALLÉE, Jacques. Passport to Magonia: On UFOs, Folklore, and Parallel Worlds. Chicago: Contemporary Books,1993.

VILLAR, Francisco - Los Indoeuropeus y losorígenes de Europa. Segunda edição. Madrid: Gredos, 1996.

VOSS, Angela. Becoming an Angel: the mundus imaginalis of Henry Corbin and the Platonic path of self-knowledge. In: CHEAK, Aaron (Org.). Alchemical Traditions: From Antiquity to the Avant-Garde. Melbourne: Numen Books, 2013. p. 421-433.

WEBB, David. 1973 - Year of the Humanoids: An analysis of the fall, 1973 UFO/humanoid wave. Segunda edição. Evanston: Center for UFO studies, 1976.

WELLS, Herbert G. A Guerra dos Mundos. São Paulo: Edições LeBooks, 2017.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Tractatus Logico-Philosophicus. Tradução de Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.